



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Ciências Sociais
Departamento de Sociologia – SOL
Programa de Pós-Graduação em Sociologia
Mestrado em Sociologia Urbana

ESPAÇOS DE LAZER E CULTURAS JOVENS EM BRASÍLIA: O CASO DE BARES

Gilberto Luiz Lima Barral

Brasília-DF
Abril de 2006

Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Ciências Sociais - ICS
Departamento de Sociologia – SOL
Programa de Pós-Graduação em Sociologia
Mestrado em Sociologia Urbana

**ESPAÇOS DE LAZER E CULTURAS JOVENS
EM BRASÍLIA: O CASO DE BARES**

Gilberto Luiz Lima Barral

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Sociologia Urbana, do Departamento de Sociologia, do Instituto de Ciências Sociais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientador: Prof. Arthur Trindade Maranhão Costa

Brasília-DF
Abril de 2006

DEFESA DE DISSERTAÇÃO

BARRAL, Gilberto Luiz Lima. *Brasília, espaço de lazer e culturas jovens: o caso de bares*. UnB. Instituto de Ciências Sociais, 2006. 133 fl. Digitalizada. Dissertação de Mestrado em Sociologia Urbana.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Arthur Trindade Maranhão Costa (SOL/UnB)
(Presidente)

Prof. Dr.^a Wivian Weller (FE/UNB)
(Membro)

Prof. Dr. Brasilmar Ferreira Nunes (SOL/UNB)
(Membro)

Defendida a dissertação:

Resultado: Aprovado

Em: 20 / 04 /2006.

Para Daniel e Gabriel.
Para Luciana (em memória)

É por essa razão que afirmamos que o prazer é o início e o fim de uma vida feliz. Com efeito, nós o identificamos como o bem primeiro e inerente ao ser humano, em razão dele praticamos toda escolha e toda recusa, e a ele chegamos escolhendo todo bem de acordo com a distinção entre prazer e dor.

(Epicuro, *Carta sobre a felicidade*).

Agradecimentos

Aos meus pais, Lázaro Ferreira Lima e Gércina Barral, por tudo o que depositaram de corpo e alma em mim. Pelas suas eternas preocupações e dedicações dos primeiros passos até agora.

À Gislene, minha irmã, por tudo o que ela me proporciona.

À Lorena Gonçalves, por sua imensa ajuda, mas acima de tudo pelo carinho, afeto e compreensão.

A Guilherme Felipe da Silva e meus queridos sobrinhos Guilherme Filho e Sofia Barral.

Aos meus irmãos Gerson Barral e Jeremias Barral Lima.

Aos amigos e amigas Alessandra Madeo, Júnia Torres, Karla Cortes, Marcela Amaral, Ticiane Ramos, Eduardo Cunha, Elder Patrick, Fernando Rodrigues, Marcello Barra e Rosalvo André pelas conversas, discussões e vivências lúdicas.

Ao estimado Prof. Arthur Trindade Maranhão Costa, pela esmerada orientação, dedicação e iluminações no decorrer de todo trabalho.

Aos professores Wivian Weller e Brasilmar Ferreira Nunes, pelas ajudas, apontamentos e críticas.

Obrigado ao tempo, por me deixar chegar até aqui.

Resumo

A presente pesquisa nasceu da observação que juventude e lazer têm sido categorias que vêm se construindo, paralelamente, ao longo do século XX, a partir das últimas décadas. Nessa relação entre juventude e lazer, novas formas de ocupação do tempo livre, em muitos casos impregnados pela indústria cultural e de consumo, vêm promovendo sociabilidades alternativas que impactam sobre as formas de vivência e representação das categorias *lazer* e *juventude*. Na interseção dessas duas categorias, Brasília torna-se emblemática, se acompanharmos o desenvolvimento de seus espaços de lazer e as juventudes que vêm se afirmando nesta cidade. Nesse sentido, esta dissertação apresenta determinados espaços de lazer no Plano Piloto e as culturas jovens que fazem desses lugares, espaços de freqüentação, divertimento e encontros juvenis. Para a realização deste trabalho, buscou-se em Joffre Dumazedier e sua extensa obra material teórico para discutir o problema do lazer nas sociedades modernas. Para a análise da construção sócio-cultural da categoria *juventude*, recuperou-se autores como Karl Mannheim, David Matza, Pierre Bourdieu, dentre outros envolvidos em pesquisas sobre culturas jovens. Em Georg Simmel e Michel Maffesoli buscaram-se argumentos para discutir o problema da relação grupo-espço. Do ponto de vista metodológico, a teoria das representações sociais de Serge Moscovici propiciou conhecer mais de perto as vivências e representações sobre lazer e grupos jovens do Plano Piloto. Em termos empíricos, a pesquisa recaiu sobre o lazer noturno de grupos jovens universitários brasilienses, particularmente no espaço de bares, os quais surgem como espaços propícios à conversação e interação entre grupos jovens. Isso vem reafirmar, então, a relação entre juventude e lazer como categorias que vêm se construindo e reconstruindo, paralelamente, ao longo da modernidade.

Abstract

The present study was born from the observation that *youth* and *leisure* have been categories constructed together, throughout the XX Century, mainly in its last decades. In this relation between *youth* and *leisure*, new forms of occupation of free time, in many cases impregnated by the cultural industry and of consumption, have promoted alternative sociabilities that impact on the forms of experience and representation of the categories *leisure* and *youth*. In the intersection between these two categories, Brasilia becomes emblematic, if we follow the development of its spaces of leisure and youths that are affirming themselves in this city. In this sense, this dissertation presents some spaces of leisure in Plano Piloto of Brasília and young cultures that turn these places in spaces of youthful frequency, amusement and meeting. In order to search theoretical basis to this work, Joffre Dumazedier and his extensive work were considered to discuss the problem of the leisure in the modern societies. To analyze the social and cultural construction of the category *youth*, authors as Karl Mannheim, David Matza, Pierre Bourdieu, among another ones involved in research about young cultures, were used as important contributions. In Georg Simmel and Michel Maffesoli's works, arguments to discuss the problem of the relation group-space were searched. From the methodological point of view, the theory of the social representations of Serge Moscovici provided to know better the experiences and young representations about leisure and young groups in Plano Piloto. In empirical terms, the research laid itself on the nocturnal leisure of groups of young university people from Brasília, particularly in the space of bars, which appear as privileged spaces to the conversation and interaction among young groups. So, this reaffirms the relation between *youth* and *leisure* as categories that are been constructed and reconstructed, paralleling, throughout of the modernity.

Índice

Introdução.....	1
Considerações metodológicas	8
CAPÍTULO 1	13
1.1 Tempo livre, lazer e juventude na modernidade	13
1.2 Indústria cultural e juventudes	28
1.3 Juventudes	45
1.4 Vivências e representações jovens no Plano Piloto.....	56
CAPÍTULO II.....	67
2.1 O lazer na cidade de Brasília	67
2.2 Formas e conteúdos do lazer	72
CAPÍTULO III	76
3.1 Espaços, vivências e representações de lazer de jovens do Plano Piloto	76
3.2 Múltiplos espaços de lazer: o bar	82
3.3 Os famigerados <i>flyers</i>	106
Conclusões.....	120
Bibliografia.....	123
Anexo I.....	129
Anexo II.....	131

Índice de tabelas

Tabela 1 – CURSOS.....	61
Tabela 2 – O QUE É LAZER PRA VC?.....	78
Tabela 3 – O QUE VC FAZ COMO LAZER?	80
Tabela 4 – PRÁTICAS PREDOMINANTES DE LAZER.....	81
Tabela 5 – BARES DO DISTRITO FEDERAL	82
Tabela 6 – RESTAURANTES DO DISTRITO FEDERAL	83

Introdução

O lazer ocupa uma parte central do tempo dos jovens. Parece-nos natural essa relação dos jovens com o lazer, mas ela é construída socialmente e carregada de valores sociais e culturais. Muitas são as formas de se relacionar com o lazer e diferentes jovens vivenciam e representam de diferentes modos essa relação. O processo de construção social da juventude vem, ao longo dos últimos dois séculos, estabelecendo uma relação de aproximação, paralelismo e correspondência com o lazer.

As pesquisas sobre juventude e lazer são recentes, no Brasil datam de meados da década de 1960. Iniciadas na segunda metade do século XX, poucas são as pesquisas que dão relevo às discussões teóricas em torno da especificidade do encontro entre lazer e juventude como constituinte do processo de construção das respectivas categorias.

Comenta o sociólogo Luís Otávio Lima Camargo, acerca da importância da relação entre jovens e lazer, que

uma pesquisa internacional, realizada em 1979 e 1980, pelo Instituto Gallup, em diferentes países do Ocidente e do Oriente, mostrou que, nos países ocidentais, a maioria dos jovens confia no tempo livre, mais do que no tempo de trabalho, como campo de realização pessoal. (CAMARGO, 1986: 168).

A bibliografia consultada sobre juventude encontrou, de um lado, estudos que privilegiam as especificidades das culturas jovens e enfatizam os múltiplos estilos de vida, principalmente no cenário urbano industrial. Exemplos dessa corrente são os estudos dos pesquisadores da chamada Escola de Chicago, pioneiros na percepção das diferenças entre os grupos de jovens nas grandes cidades. O espaço sócio-cultural aparece nestes estudos como indutores de comportamentos dos indivíduos (COULON, 1995: *passim*).

Por outro lado, há estudos que afirmam o caráter homogêneo da juventude, como uma fase biológica, de caráter universal, na vida dos indivíduos. Essa juventude é representada como se pertencesse a uma mesma classe de idade. Nessa perspectiva, é como se um grupo social vivesse uma real e exata consciência de si, enquanto uma unidade simbólica homogênea. Exemplos históricos de juventudes tidas como homogêneas podem ser observados nos movimentos jovens nazistas ou nos movimentos políticos das juventudes dos anos 1960. (PASSERINI, 1996: 319).

Busca-se no presente trabalho uma aproximação entre as culturas juvenis exatamente pelo que as segmentam, pelo que elas realizam de diverso. Estudar grupos jovens em Brasília,

no Plano Piloto, remete a uma forma de sociabilidade singular, dada a especificidade das condições econômicas e sócio-culturais desta cidade. Ser jovem no Plano Piloto é diferente de ser jovem nas cidades satélites. Este estudo objetiva conhecer a relação entre lazer e juventude, a partir da perspectiva que os inserem como agenciadoras de ações, portadores de valores, símbolos e significados específicos a partir de sua vivência e representação nos contextos urbanos. Neste sentido, tem-se como norte investigar determinados jovens, do sexo masculino e feminino, em suas vivências e representações particulares no tempo livre, nos espaços de lazer, particularmente em bares do Plano Piloto.

Ao relacionar juventude e lazer, busca-se, enfim, revelar os espaços de realização e ação sócio-cultural desencadeados nas práticas de lazer. Tais práticas informam sobre o processo de construção das identidades e identificações de determinados jovens com os espaços de lazer na cidade de Brasília. É necessário, a partir da constatação da pesquisa citada acima, por Camargo, que voltemos os olhos para essa relação que vem sendo tramada entre lazer e juventude ao longo da modernidade.

A relação entre grupos juvenis e práticas de lazer e consumo tem sido tema central, desde os anos 1950, nos debates em torno dos processos sociais de construção das identidades coletivas e individuais dos sujeitos, particularmente os jovens¹. Nas sociedades contemporâneas, indivíduo e sociedade formam uma rede interativa de fluxos contínuos e descontínuos, abrindo fendas ao heterogêneo, a novas configurações e novas formas de sociabilidades (ELIAS, 1994). Assim, no vazio deixado pelas instituições primárias de socialização, novos espaços são vivenciados, interpretados e reconstruídos pelas novas gerações que chegam ao processo social. Há muito, os espaços de lazer têm se tornado preferenciais entre grupos jovens, em detrimento dos espaços tradicionais como a escola, o trabalho ou a família.

No caso de Brasília, os bares têm sido, dos novos lugares de encontro e freqüentação que as metrópoles fazem surgir, locais preferenciais para se ocupar o tempo livre. Pesquisa recente de alunos do curso de psicologia da Universidade de Brasília com jovens estudantes do Plano Piloto e de cidades do entorno apontou bares, boates e festas como espaços preferenciais de vivência, lazer e divertimento².

1 Estudos sobre culturas juvenis urbanas têm afirmado, constantemente, a importância das práticas sócio-culturais e de lazer, em várias perspectivas, na construção das identidades coletivas e individuais dos jovens. Ver, por exemplo, FORACCHI (1972, 1982), VELHO (1971, 1986), VIANA (1988), ABRAMO (1992, 1994).

2 *Lugares favoritos de adolescentes no Distrito Federal*. Isolda de Araújo Günther; Gustavo Murici Nepomuceno; Mariana Costa Spehar; Hartmut Günther. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2003000200012, consultado em 24 de janeiro de 2005.

O processo de construção das identidades insere-se nas etapas da socialização e decorre das formas de sociabilidade. Teoricamente, no âmbito das pequenas comunidades, teríamos um modo de viver mais simples, mais localizado, que permitia a constituição de uma mentalidade e identidade mais homogêneas. Nas sociedades modernas, com o surgimento das grandes cidades, novas formas de sociabilidade e novos processos de socialização são deslanchados, permitindo e desenvolvendo novas e múltiplas identidades (HALL, 2005; SIMMEL, 1968).

Ao indagar sobre o problema da multiplicidade de identidades nas sociedades modernas, argumenta-se que os espaços de lazer compõem um importante fator explicativo do processo de fragmentação dessas múltiplas identidades. Nesse sentido, o objeto de estudo da presente dissertação é o espaço do lazer e do tempo livre como indutores e desveladores de identidades e culturas jovens. Brasília, cidade plantada sobre o tripé trabalho-moradia-lazer, pareceu-nos oportuna para uma pesquisa empírica sobre o lazer.

Atualmente, com o deslocamento da centralidade da socialização primária, são reclamados estudos sobre os processos de construção das identidades dos jovens sob o impacto da segunda socialização. Os mecanismos de socialização teriam dois momentos, segundo a sociologia clássica: um, chamado de primeira socialização, que diz respeito ao processo pelo qual os indivíduos interiorizam os elementos sócio-culturais do meio social mais primevo como a família, a escola, a vizinhança; outro, conceituado como segunda socialização, que seria o dos contatos sociais mais impessoais, formais, em outros espaços e tempos da vida social (BERGER; LUCKMANN, 2004: 173-247). Para a sociologia da juventude, importa a análise dos problemas sociológicos dos jovens relacionados à segunda socialização. É no espaço da segunda socialização que se concentrará o escopo desta dissertação. Espaço onde os encontros menos formais e normatizados permitem aos jovens um afastamento dos contatos primevos e uma aproximação com novos e outros mundos.

Ademais, o processo de socialização emerge como objeto de reflexão sociológica. Segundo a sociologia clássica, na primeira socialização, a criança irá aprender, no seio da família, as primeiras e mais básicas normas e regras para a vivência social. Desse modo, a família seria central nesta primeira socialização. O adulto, pai ou mãe, é a referência identitária da criança (MERTON, 1968: 231-2). Na socialização das crianças, a heteronomia dos adultos, e particularmente da família, mostra-se não somente evidente, como investida de um princípio de autoridade. Conforme argumenta Eisenstadt,

as relações entre os diversos graus etários são necessariamente, definidos em termos autoritários e o agente socializante adulto é o primeiro protótipo de autoridade com que a criança se depara. Seu relacionamento mútuo determina a presteza da criança em acatar a autoridade por meio da internalização da “imagem” do adulto (EISENSTADT, 1976: 9).

A introdução dos indivíduos em outras esferas sociais geraria uma segunda socialização. Ao contrário do que acontece na primeira socialização, nos espaços da segunda socialização, os indivíduos, recém chegados ao processo social, teriam mais autonomia nos processos interativos de construção de suas identidades. Os múltiplos espaços em que os indivíduos estarão inseridos, nessa segunda socialização, como a escola ou o trabalho, fragmentariam a realidade da primeira socialização em múltiplas realidades parciais. Nos espaços diferenciados da segunda socialização, os indivíduos, particularmente os jovens, poderão vivenciar experiências com outros de sua faixa etária, abrindo *fronts* para o desenvolvimento de sua autonomia e posicionamento diante das novas realidades. Neste caso, a relação com outros, seus pares, será um dos elementos importantes no processo de reconstrução das identificações.

Os espaços de lazer proporcionam aos indivíduos o ver e o ser visto, a circulação, os encontros e os desencontros, a ligação e o reforço dos vínculos de sociabilidade. O espaço do bar, onde se concentrou a pesquisa empírica, mostra-se propício a associações e configurações mais autônomas entre os freqüentadores. No espaço do bar, muitos jovens vivem suas intimidades, suas liberdades, diferentemente da vivência no espaço da casa, da escola ou do trabalho. O lugar do bar surge e se firma como um dos espaços de lazer preferenciais de determinados jovens estudantes universitários, de classe média e alta, moradores do Plano Piloto da cidade de Brasília. Cotidiana e semanalmente, e durante todo o ano, pode ser observado um envolvimento e uma freqüentação cada vez mais frenética e ativa entre esses jovens.

Tomando emprestada a expressão de José Guilherme Cantor Magnani (1998), poderíamos dizer que alguns bares das quadras 403 Sul e 408 Norte³ do Plano Piloto de Brasília teriam se tornado o “pedaço” de muitos jovens brasilienses no ano de 2004 e 2005. Embora seja Brasília uma cidade recente, esses bares pesquisados entram nos circuitos de lazer e divertimento de muitos jovens do Plano Piloto, desenvolvendo um imaginário cultural e simbólico na articulação de grupos jovens, conformando um significado coletivo, entre os espaços de lazer na cidade de Brasília.

³ Será utilizado 403S e 408N para se referir a essas respectivas quadras no decorrer da dissertação.

O argumento aqui considera que muitos jovens desenvolvem suas identidades e seus projetos de vida, individuais e coletivos, sob o impacto de fluxos interacionais, simbólicos e de valor, que proliferam no e pelo mundo do lazer, do entretenimento. Atualmente muitos jovens buscam se encontrar, preferencialmente, na maior parte do seu tempo livre, articulados em torno de grupos, para vivenciar práticas de lazer e entretenimento coletivos, em espaços outros, que os da primeira e segunda socialização. O Censo Demográfico de 2000 do IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística mostrou, quantitativamente, que entre os indivíduos na faixa etária dos 15 aos 24 anos o encontro com amigos é um dos principais interesses no seu cotidiano. Ainda outro dado do Censo de 2000: entre as melhores coisas em ser jovem estariam, nesta ordem, não ter preocupações ou responsabilidades, aproveitar a vida, as atividades de lazer e as amizades.

Diante das novas relações entre as juventudes e as práticas lúdicas e de lazer, surgem questões sociológicas como a influência das novas formas de entretenimento no comportamento dos jovens diante da realidade, da cultura, da política. Uma questão que já se coloca, desde os teóricos da indústria cultural e de massa, é a da alienação/passividade e da revolução/atividade dos jovens. O espaço do bar, por exemplo, enquanto prática de lazer pode ser pensado como um espaço de sociabilidade para além das duas socializações clássicas, talvez como um espaço outro, de mais liberdade ou regulado por outras normas.

A partir dessas observações preliminares, o objetivo desta pesquisa é investigar como os jovens de classe média e alta, do Plano Piloto de Brasília, em sua maioria estudantes de faculdades particulares e públicas, relacionam-se com os espaços de lazer da cidade, como os vivenciam e representam, particularmente, o lazer noturno. Diferentes lugares no Plano Piloto configuram-se como espaços de novas sociabilidades jovens. Dentre os autores que percebem a influência do espaço na vida das pessoas, importa, dentre outros, Georg Simmel (1967), e seu argumento de que a vida nos espaços urbanos altera, de modo definitivo, a mentalidade dos indivíduos, e Michel Maffesoli, e suas reflexões sobre a centralidade do espaço e dos grupos na construção das novas subjetividades.

Vários são os fatores constitutivos, indissociáveis e diferenciadores das identidades – classe social, etnia, religião, nacionalidade, gênero. Quando se opta por isolar um destes fatores, surge o problema da limitação. Contudo busca-se aqui, dentro dos limites teóricos e metodológicos, relacionar juventude e lazer nas condições sociais concretas de participação e envolvimento de grupos juvenis nos espaços da cidade.

Brasília, como projeto político de interiorização da capital federal, faz parte de um imaginário nacional, pelo menos, desde a carta constitucional de 1891 (SILVA, 1999: 16).

Mas é realizada durante os anos 1950 e fundada no dia 21 de abril de 1960. Comparando, em termos etários, com outras cidades e capitais brasileiras, podemos considerá-la uma cidade jovem. Mas como será que essa nova cidade se relaciona com os jovens que nela habitam? Nesse sentido, como é ser jovem na cidade de Brasília, no Plano Piloto?

Segundo uma imagem ou representação local, o jovem de Brasília é violento. Mas não sofre de violências. Ele queima o índio, mas é mais ou menos poupado, por pertencer às classes média e alta⁴. O discurso sobre o jovem brasiliense violento perpassa várias classes sociais e várias faixas etárias. Mesmo jovens brasilienses do Plano Piloto de Brasília proliferam este discurso, embora não aceitem o estigma. Ser jovem no Plano Piloto de Brasília é uma condição particular, contudo não parece ser um dado homogêneo. No cotidiano desta cidade, existem várias juventudes vivenciando essa experiência etária.

O presente exercício de pesquisa pretende apontar e compreender vivências e representações de jovens do Plano Piloto, nos espaços de lazer em Brasília, no sentimento de pertencimento a um grupo, de construção de uma cultura jovem pautada no divertimento, no entretenimento e no lúdico. A vivência de um “hedonismo difuso” parece ser predominante nos encontros desses jovens nos bares da cidade (MAFFESOLI, 2004: 26-7). O lazer e o tempo livre abrem espaço para “uma inversão da ordem, para manifestações de alegria, de humor e riso em oposição ao tom sério” (BAKHTIN, 1996: 4). Assim, o ambiente informal dos bares privilegia formas associativas de lazer como o encontro com amigos, com colegas de escola ou trabalho, onde o corpo e o “espírito” podem ser, de outra natureza, menos cerceados pelos códigos sociais.

É ainda escasso, na sociologia, material teórico e empírico sobre lazer e juventude. Embora desde a Grécia antiga já se fale em tempo livre e também se valorize aspectos biofisiológicos das gerações mais novas nas relações com o lazer, este tema é marginal ao debate acadêmico e institucional. Modernamente é a partir de meados dos anos 1800, anos dos movimentos trabalhistas, que se iniciam reivindicações e alguns estudos sobre o problema do tempo livre e do lazer, que coincide com a constituição da juventude enquanto categoria social nas modernas sociedades.

⁴ Há algumas conversas e opiniões do senso comum que afirmam em Brasília existirem dois modos de os policiais trabalharem. Na periferia de Brasília, nas cidades satélites, os policiais podem ser mais durões, mostrarem mais seu poder de polícia. Já no Plano Piloto, eles não podem impor seu poder de polícia, pois em muitos casos não sabem com quem estão lidando. Os jovens moradores do Plano Piloto, muitas vezes, são filhos de pessoas “importantes” ou influentes que podem gerar prejuízos para o policial diante de determinadas formas de abordagem dos jovens.

A partir da modernidade, desenvolveram-se, sobremaneira, espaços públicos e privados de lazer, divertimento e entretenimento, os quais logo estabeleceram uma íntima relação com os jovens e os agrupamentos juvenis (GROPPO, 2002). Qual a importância sociológica de pesquisas sobre práticas de lazer de jovens, em suas diferenças, em seu tempo livre das obrigações da escola, do trabalho ou da família? Como determinados jovens e grupos juvenis vivenciam e representam suas práticas de lazer nos espaços urbanos?

Tendo estas duas questões como norte do trabalho de pesquisa, a proposta é estruturar a dissertação no seguinte modelo: introduzir o tema e fazer as devidas considerações metodológicas; em seguida seguem-se três capítulos. O primeiro capítulo traz quatro seções, sendo que a primeira apresenta discussões sobre tempo livre e lazer; a segunda, considerações sobre a indústria cultural. As seções seguintes apresentam a literatura sobre juventudes e representações de jovens do Plano Piloto, apontando importantes problemas enfrentados pela sociologia para uma definição da categoria juventude. Nesse capítulo inicial, corrobora-se a tese de que tanto juventude quanto lazer devem ser considerados como constructos polissêmicos. O lazer, no sentido polissêmico que lhe é atribuído, compreende várias manifestações, em formas de atividades lúdico-artísticas, culturais, intelectuais, físico-esportivas, associativas, turístico-ecológicas, gastronômico-éticas.

O segundo capítulo apresenta duas seções onde se analisa a situação do lazer no Plano Piloto, mostrando alguns espaços de lazer, sobremaneira espaços de lazer noturno. Para efeito das análises posteriores na segunda seção deste capítulo discute-se o problema das formas e conteúdos do lazer, tendo como norte a classificação proposta por Joffre Dumazeider (1976).

O capítulo terceiro, dividido em três seções, apresenta os espaços, vivências e representações de lazer de jovens do Plano Piloto, em seguida uma etnografia dos bares pesquisados, apresentando esses espaços de freqüentação jovem, que vem ao longo dos últimos anos, particularmente, no biênio 2004/2005 articulando jovens em torno de seus espaços. Uma terceira seção, menor, se segue a essa, à título de sugestão para pesquisas, mostra dados interessantes sobre as condições do lazer nas cidade, o crescimento e envolvimento de jovens da cidade com sua afirmação e transformação. Por último uma breve conclusão encerra este trabalho de pesquisa e dissertação.

Considerações metodológicas

Em termos metodológicos, pretendeu-se efetuar uma abordagem qualitativa que privilegiasse uma aproximação com o objeto de estudo, qual seja as culturas juvenis nos espaços urbanos de lazer e entretenimento. Este tipo de metodologia é o que melhor veio se adequar aos objetivos do presente estudo, particularmente ao interesse de penetrar nos universos, vivências e representações de grupos jovens. Propiciando-lhes tempo e espaço para apresentarem e relatarem suas experiências com o tempo livre, reconhecendo-lhes capacidades reflexivas fundamentais à compreensão do fenômeno em causa, qual seja, a diversidade de ambiências e espaços de lazer. E reconhece-lhes capacidades para julgar, escolher e privilegiar determinadas práticas de produção e consumo de lazer.

A coleta dos dados foi realizada primeiramente, como em todo trabalho acadêmico, por meio de uma pesquisa exploratória na literatura sobre o tema da juventude. Seguiu-se uma leitura sobre lazer ou práticas do tempo livre. A reflexão teórica recorreu a um levantamento das principais tendências investigativas sobre os temas lazer e juventude, embora sejam poucos ainda os estudos sobre esses temas.

Em termos empíricos, a amostra recai sobre jovens brasilienses que freqüentam o circuito noturno de bares no entorno da Universidade de Brasília, na entrequadra comercial da superquadra 408N do Plano Piloto e bares e casa de shows da entrequadra comercial da superquadra 403S, compondo a cena cotidiana destes bares⁵. De início foram aplicados 100 questionários, distribuídos de forma aleatória, entre cinquenta jovens homens e cinquenta jovens mulheres. Esses questionários foram aplicados em dias variados da semana, mas sobretudo de Terça-feira a Sexta-feira, dias de maior freqüentação jovem.

Buscou-se aplicar os questionários nas mesas dos bares, frequentadas por um número mínimo de três pessoas. A idéia, com isto, foi centrar o estudo sobre grupos jovens no espaço do divertimento e não apenas pares de amigos ou namorados. Interessou ao trabalho essas interações mais numerosas entre jovens, devido às hipóteses de trabalho, dentre as quais a hipótese de que o grupo ganha importância ímpar na construção de espaços de freqüentação jovem. Como reflexo o desenvolvimento de espaços de lazer cede lugar a conformação de grupos. Também a idéia da aplicação dos questionários sobre grupos maiores refletiu o desejo de se conhecer os arranjos e articulações internas aos grupos juvenis, suas vivências,

⁵ No capítulo à frente sobre espaços de lazer em Brasília, será feito um pequeno esboço da organização espacial da cidade, em particular, o chamado Plano Piloto que compreende as regiões administrativas das Asas Sul e Norte, Lago Sul e Norte, Sudoeste, Cruzeiro e Vila Planalto.

representações, enfim as culturas de jovens do Plano Piloto. O questionário aplicado encontra-se nos anexos.

É interessante observar que a aplicação dos questionários, embora no ambiente de lazer, foi conseguida de maneira generosa da parte dos participantes. Na verdade o que pareceu ter ocorrido foi que, devido à longa exposição do pesquisador no ambiente dos bares, durante a observação e observação participante, estabeleceu uma certa intimidade entre pesquisador e entrevistado. Acredito nisso, pois recorrentes foram as falas de pesquisados de que esperavam algo já da parte do observador. A frequência cotidiana nos bares pesquisados possibilitou essa interação, que teve importância central para o trabalho etnográfico, descritivo.

Num segundo momento do trabalho empírico, dentre os jovens que responderam aos questionários foram selecionados seis jovens homens e nove jovens mulheres para o aprofundamento de algumas questões em duas entrevistas semi-estruturadas. Uma primeira das entrevistas foi realizada no espaço dos bares e uma segunda em outros locais, de acordo com a disponibilidade dos entrevistados.

Ao encontrar, no espaço do bar, o lugar para a pesquisa empírica sobre lazer e juventude no Plano Piloto, optou-se a tomar por jovens aqueles indivíduos na faixa etária a partir dos dezoito anos. Isso porque para se frequentar bares e casas noturnas, consumir bebidas alcoólicas e assumir determinadas responsabilidades, decorrentes da frequência noturna, o limite etário mínimo é esta idade. Estabeleceu-se, como limite superior, a idade de vinte e nove anos devido, dentre outros fatores, às amostras colhidas dentre os frequentadores nessa faixa etária. Também devido ao enorme número de frequentadores destes espaços estarem sendo arrastados pela juvenilização das sociedades modernas. Assim, corrobora-se a idéia de “juventude associada a valores e estilos de vida e não propriamente a um grupo etário específico” (DEBERT apud PERALVA, 1997).

Nesta cidade historicamente recente, emerge, nos anos 1980, uma juventude articulada em torno de grupos musicais. O chamado rock brasileiro ganha o cenário nacional, imprimindo uma nova marca de juventude à cidade. Por outro lado, ganhou destaque na mídia brasileira, com reflexos internacionais, o envolvimento de jovens brasileiros com a ação violenta no assassinato do índio Galdino. Esses dois exemplos insinuam uma especificidade da juventude brasileira, em particular de jovens de classe média e alta, personagens que habitam, estudam, trabalham e circulam pelas entrequadradas, quadras residenciais e comerciais do Plano Piloto de Brasília.

A observação, participante e não participante, descrição e análise desses espaços de lazer foram fundamentais para o trabalho de pesquisa teórica e empírica. Nesse sentido, a opção metodológica deste projeto de dissertação privilegia o contexto sócio-cultural concreto como um dos elementos definidores das especificidades das identidades jovens no sentido plural, como foi tratado nas observações preliminares.

Para a análise dos dados, recuperaram-se os referenciais teóricos organizados para a presente pesquisa. No que se refere à interpretação dos dados, buscou-se apoio nas imagens, nos textos dos interlocutores, nas falas e representações dos frequentadores, como produtores e consumidores, dos circuitos de lazer ligados a bares e casas de shows. Recuperando as falas dos jovens nos espaços de lazer, apresentaram-se as representações dos jovens salientando assim aspectos dessas culturas juvenis. O procedimento heurístico, possibilita uma investigação no conteúdo simbólico contido no processo de construção dessa juventude brasileira estudada.

Quanto à análise dos conteúdos dos dados levantados, importa perceber as representações sociais dos jovens acerca de juventude e lazer na cidade de Brasília. Nesse sentido, tomamos de Serge Moscovici (1978, 2004) o conceito de representações sociais como ferramenta de interpretação e desvelamento dos nexos sociológicos entre juventude e lazer. Também buscou-se em Foucault ferramentas para analisar estas representações, dado seu argumento de que os discursos são modos de ver e conceituar as coisas organizados dentro de um saber específico. Como um saber construído, o discurso esconde e revela traços coletivos, dinâmicos da vida social de um determinado tempo e espaço histórico. Os discursos dos jovens brasileiros sobre o lazer seriam, portanto, saberes sobre os espaços de lazer em Brasília, propriamente no Plano Piloto.

As representações sociais aparecem como frutos das contradições sociais, daí a linguagem possuir graus diversos de clareza e de nitidez em relação à realidade. A realidade vivida também é representada, como estoques de conhecimento coletivo. A teoria das representações sociais difere das formas psicológicas da psicologia social. Moscovici (1978) busca sua teoria no conceito de representação coletiva de Durkheim. Para este último, a sociologia é o domínio das representações coletivas, da cultura ou sociedade. Para ele, as representações sociais são ao mesmo tempo ilusórias, contraditórias, verdadeiras, por isso servem à análise das realidades concretas dos grupos sociais. Como argumentam Fátima Oliveira e Graziela Werba as representações sociais ajudam a

Conhecer o modo de como um grupo humano constrói um conjunto de saberes que expressam a identidade de um grupo social, as representações

que ele forma sobre uma diversidade de objetos, tanto próximos como remotos, e principalmente o conjunto de códigos culturais que definem, em cada momento histórico, as regras de uma comunidade (OLIVEIRA & WERBA, 2003: 107).

Ao levantarmos o problema dos espaços de lazer, atingimos o problema do grupo. A antinomia espaço/grupo na construção dos lugares parece longe de uma solução. No entanto, pode-se pensar numa oposição recíproca: “o lugar fazendo o elo” entre grupos que ao circularem se encontram e (re) pousam em determinado lugar, dando-lhe um colorido e configurando novas formas de sociabilidades (MAFFESOLI, 2004: 32-3), vivenciadas e representadas nos modos de vestir, de andar, de pensar, falar e viver no tempo livre nesta cidade de Brasília, imaginada e construída como espaço privilegiado para o lazer.

No decurso da observação empírica, os *flyers*, folhetos de divulgação e organização de festas e eventos, apareceram como fonte inestimável de dados sobre o circuito de lazer da cidade, particularmente o circuito noturno de grupos jovens. Para além de seus aspectos estéticos, o *flyer* mostra-se como um documento dos estilos culturais, artísticos e musicais que orienta culturas jovens no Plano Piloto nos anos 2004/2005. Através da leitura minuciosa dos *flyers*, podem-se conhecer, minimamente, produtores, artistas, bandas, tendências musicais, teatrais, espaços e custos do lazer, patrocinadores e apoiadores de determinadas formas de divertimento na cidade de Brasília, e o que nos importa mais, a cotidianidade desses encontros e eventos articuladores de grupos jovens.

Também se reportou em notas de rodapé a temas musicais e letras de algumas canções como dado documental, contudo não aprofundamos nem utilizamos esses documentos de forma mais pontual, até porque não era o pretendido. Em alguns momentos, servimo-nos de informações de sites da internet, de comunidades de amigos que freqüentam o espaço virtual denominado Orku⁶. De forma mais cabal, utilizou-se uma reportagem de um jornal virtual. Informação esta que foi trazida para o corpo do texto na forma de citação. Também se utilizou matérias jornalísticas, guias turísticos, dentre outras fontes. Ou seja, várias foram as fontes pesquisadas e os dados resultantes. Deste modo, acredita-se que a busca em múltiplas fontes materiais e simbólicas, bibliográficas, digitais, fonográficas, gráficas e imagéticas podem em muito auxiliar o trabalho de pesquisa e as informações sobre o objeto estudado.

É preciso ressaltar que os nomes dos entrevistados foram resguardados: no texto dissertativo, foram utilizados pseudônimos ou codinomes como forma alternativa. Nos anexos

⁶ Orkut é um espaço virtual que reúne comunidades de freqüentadores, em grande parte adolescentes e jovens. Segundo definição do site em sua página na Internet “É uma comunidade online que conecta pessoas através de uma rede de amigos confiáveis. Proporcionamos um ponto de encontro online com um ambiente de

encontra-se um quadro com registro dos nomes fictício dos entrevistado e um breve perfil destes. Também foram utilizadas siglas para citar os bares pesquisados: *DBP* para o bar Distribuidora de Bebidas Piauí, na quadra 403S e *MB* e *PDS* para os bares Meu Bar e Pôr-do-Sol da quadra 408N, respectivamente. As quadras citadas correspondem, nesta ordem às quadras 403 Sul e 408 Norte do Plano Piloto de Brasília.

confraternização, onde é possível fazer novos amigos e conhecer pessoas que tem os mesmos interesses.” Para uma melhor compreensão das comunidades Orkut acesse www.orkut.com.

CAPÍTULO 1

1.1 Tempo livre, lazer e juventude na modernidade

A literatura sobre lazer, perpassando várias ciências, não o reduz; ao contrário, complexifica sua definição. O debate sobre o lazer implica questões culturais, econômicas, biológicas, sociais, perpassando várias disciplinas, tornando-o uma categoria tensa, ambígua, complexa. Embora sempre, em todas as sociedades históricas, podemos acompanhar formas de lazer, divertimento, jogos e brincadeiras, é somente a partir de meados dos anos 1800 que surgiram os primeiros escritos sobre o problema do tempo do lazer relacionado a outros tempos e problemas sócio-culturais. Johan Huizinga, por exemplo, já no início do século XX, retomando o ponto de vista da civilização grega, propõe a discussão em termos de um novo *ethos* humano em torno do lazer, um vínculo social não mais pelo trabalho, mas pelos jogos e brincadeiras, no que ele chama de novo *homo ludens*.

Óbvio é que a apresentação do problema do lazer sob este prisma de um homem *ludens* está longe de uma realidade onde o trabalho ainda é fonte de toda riqueza. E mesmo porque, para a grande maioria, o trabalho é condição para o lazer. Contudo, uma nova realidade do mundo do trabalho tem provocado profundas transformações sociais e culturais. O trabalho e a falta dele têm sido dos problemas centrais enfrentados pelas sociedades. De qualquer modo, o lazer surge como uma possibilidade de vivência para o tempo livre.

No entanto, em termos teóricos, o lazer não é consenso, nem seria sempre legítimo como sugere sua matriz grega *licere*, ou seja, o que é lícito. Nos anos 1800, tempos da ideologia do trabalho, da construção e afirmação do capitalismo, o lazer é negado e considerado como ócio, no sentido mais estrito do termo, como vagabundagem ou preguiça. Num segundo momento, o da fadiga decorrente da excessiva carga de trabalho decorrente da Revolução Industrial, o lazer comparece como terapia, como forma de compensação e reprodução das energias gastas no trabalho. E num terceiro momento, o lazer vai emergir com status próprio, como uma atividade importante por si mesma. Nesse momento ocorrerá, não casualmente, o advento da indústria do lazer (CAMARGO, 2003: 33-43).

No limiar do século XXI – a realidade de um tempo de não-trabalho, seja pelo aumento do desemprego, pela redução das jornadas de trabalho, pelas novas tecnologias –

tem-se mais tempo livre. Embora as pessoas precisem de dinheiro para certos lazeres, há outros, em certo sentido, gratuitos – o futebol, a praia, o parque, a rua. Para jovens que têm dinheiro, fazer cursos, viajar, estender a juventude até mais tarde, retardando a entrada no mercado de trabalho, pode ser uma opção de vida. Para jovens pobres da periferia, desempregados, uma partida de futebol pode significar lazer, divertimento, além do que realiza a um só tempo um prazer e uma vivência lúdica.

Os jovens de classe média e alta podem estudar mais, fazer especializações, pós-graduações, retardando a entrada no mercado de trabalho. Estudando, conseguem mais tempo livre, até porque a própria escola possibilita algumas chances de lazer, ou seja, a escola deixa tempo para atividades de lazer e até as proporciona, por exemplo, as saídas com os colegas de escola para bares, churrascos, festinhas e outras formas de sociabilidade lúdica que o ambiente escolar propicia. Ou podem viajar, conhecer outros lugares, povos e culturas, desenvolvendo outros modos de aprendizado e conhecimento.

A escola pode ser pensada como um dos eixos centrais na construção das categorias *juventude* e *lazer*. Foi dentro das escolas e do processo de escolarização, a que os jovens estão expostos, no afastamento destes da vida social, e sua exclusão para o tempo e o espaço da escola, que pôde ser iniciada a construção dos jovens enquanto um grupo social específico. Também foi no âmbito da escola que se desenvolveram várias formas de recreação e lazer entre os estudantes (GAELZER, 1979).

Aqui aparece a idéia de moratória social. Ou seja, o período de tempo em que as crianças e os jovens são afastados da vida social, para dentro de escolas, para o aprendizado das normas e regras da vida em sociedade. Antes, os jovens eram socializados em meio a outras pessoas, de outras gerações, ao universo adulto. Nesse contexto, diluídos entre várias faixas etárias, não formavam uma categoria sociologicamente diferenciada. Com a educação e a segregação dos jovens em escolas e universidades, eles passam a se estruturar enquanto um grupo social específico (GOTTLIEB; REEVES, 1968: 53-72).

A moratória social diz respeito a um processo dialético. Essa noção é a idéia de uma suspensão da vida social, dada principalmente pela necessidade de um período escolar prolongado, como um tempo para o treinamento da atuação futura. Um tempo para o ensaio e o erro, para experimentações. Contudo experimentações exíguas, conforme mostra Norbert Elias, já que “os jovens que se preparam para uma gama cada vez mais variada de funções já não são treinados para a vida adulta com os adultos, mas o são indiretamente, em institutos, escolas e universidades especializadas” (ELIAS, 1994: 33).

Com isso, os jovens são mantidos fora do sistema produtivo e da ordem dos interesses constituídos. Isso os coloca em duas situações: de marginalidade, posto que alijados dos processos de poder, de decisão e ao mesmo tempo de criação social; de moratória, distantes da vida social. Contudo, é nesse processo contraditório, afastados da vida social e colocados em ambientes específicos, conforme indicou Gottlieb (*op. cit.*), que, historicamente, os jovens puderam se articular em torno de grupos sociais etários. Na vivência de experiências entre pares de iguais, abriram veios para sua construção enquanto categoria social singular.

Com o avanço do capitalismo, torna-se mais complexa a distribuição de papéis profissionais. Os jovens começam a perder sua função na comunidade – preparar festas, como o carnaval, por exemplo –, afastando-se durante muitos anos da sociedade, isolando-se nos colégios e universidades. Enquanto adolescentes e jovens estão nessa moratória, existe uma outra/mesma sociedade funcionando, e os jovens não estão nas funções. Contudo, estar nessa moratória aproximou muitos jovens em torno de um imaginário próprio, possibilitando a constituição de certa homogeneidade. Isso abriu caminho para a constituição da juventude enquanto uma condição social específica⁷.

Retomando, a busca de definição de lazer é problemática, pois remete de início ao problema do tempo e do tempo do trabalho. O lazer, em sua constituição moderna, está diretamente relacionado ao problema do trabalho (CAMARGO, 1986: 143-9). Teoricamente, para entender o lazer, tem-se que compreender em primeiro lugar o trabalho em sua dimensão plena de esforço físico e mental aliado à modificação histórica que o mesmo produz na humanidade. Pode-se, então, a partir da relação lazer-trabalho, extrair a discussão interna entre tempo de trabalho e tempo de não trabalho ou tempo livre, que diz respeito ao tempo para o lazer. Isso porque, ao falar de lazer, de certo modo, pensa-se em tempo livre. O tempo do lazer, enfim, é socialmente diferente do tempo do trabalho, mas encontra-se relacionado a este (LEITE, 1995).

Dos primeiros a se preocuparem com o tempo livre, Karl Marx e Paul Lafargue pensavam este tempo, no entanto, mais como um espaço para se compensar os esforços do trabalho, ou de reproduzir energias para o trabalho posterior, do que para práticas de lazer em seu sentido pleno, de busca de prazer e gozo espontâneo. Contudo, Marx acreditava que o homem seria livre, não alienado,

⁷ Como os grêmios estudantis que começam a ganhar realidade nos anos 1970, particularmente no Brasil, na segunda metade dessa década. Dentro de suas instituições de ensino, jovens estudantes, articulados em torno dos grêmios, organizarão festivais de cultura, de poesia, de música, como novas formas de ação política vertidas para o campo da cultura.

na sociedade comunista onde cada indivíduo pode aperfeiçoar-se no campo que lhe aprouver, não tendo por isso uma esfera de atividade exclusiva, fazer hoje uma coisa, amanhã outra, caçar de manhã, pescar à tarde, pastorear a noite, fazer crítica depois da refeição, e tudo isto a meu bel-prazer, sem por isso me tornar exclusivamente caçador, pescador ou crítico. (MARX, : 41).

Para Paul Lafargue o tempo livre era um espaço central para o fortalecimento e o desenvolvimento do ser humano em sua plenitude,

mas para que tenha consciência de sua força, é preciso que o proletariado pisoteie os preconceitos da moral cristã, econômica e livre-pensadora: é preciso que volte a seus instintos naturais, que proclame os *Direitos à preguiça*, mil vezes mais nobres e mais sagrados que os típicos Direitos do Homem, arquitetados pelos advogados metafísicos da revolução burguesa. É preciso que ele se obrigue a não trabalhar mais que três horas por dia, não fazendo mais nada, só festejando, pelo resto do dia e da noite. (LAFARGUE, 1980: 84).

Na Inglaterra e França da Revolução industrial, o crescimento da população e a necessidade de superprodução demandaram à população pobre um tempo de trabalho extenuante. Crianças, mulheres, idosos, toda população é levada ao mundo da produção. Crianças de quatro, cinco anos já desempenham alguma função. Determinadas linhas de produção possuíam instalações específicas para crianças. Conforme os argumentos do patronato, “era sempre melhor para as crianças ficar dentro das fábricas do que permanecer nas ruas, na ausência dos pais, expostas à delinquência e a toda a sorte de perigos” (ALVIM, 2005: 22). Não trabalhar nesse contexto significa uma disposição ao mal, um perigo para a estrutura social. As jornadas de trabalho eram de quinze ou mais horas diárias, todos os dias da semana (CAMARGO, *op.cit*: 145).

Anos da ideologia do trabalho e das lutas trabalhistas, os 1800 irão impor aos indivíduos, particularmente aos jovens pobres, um massificante processo de exploração de suas liberdades individuais, de jornadas de trabalho intensas, levando-os a um cotidiano desumanizado. Homens, mulheres, jovens e crianças nas novas cidades industriais, tomados pela miséria que os consome, entregam vida e alma à tarefa do trabalho. O tempo livre se reduz a momentos de reposição das energias perdidas com o trabalho e a curtas cerimônias religiosas ou sociais, que no fundo reforçam a ideologia do trabalho.

É na modernidade, especialmente nos meados do século XIX e início do XX, que os jovens começam a ser percebidos social e sociologicamente como indivíduos, constituintes da sociedade. Primeiro, no seio das famílias que começam a ver nas gerações mais novas parte de seus projetos; depois, pelo sistema escolar, que traz a proposta de educação/civilização das crianças e jovens; e, já nos finais do século XIX e início do século XX, nas lutas dos

movimentos trabalhistas pela redução da jornada de trabalho e pelo direito ao lazer e entretenimento, quando a presença dos jovens será definitivamente marcante⁸.

As definições sobre o que seria moderno, modernidade ou modernização não se reduzem à sintaxe, sendo conceitos-chave, semanticamente, para a compreensão de várias *questões sociológicas*, principalmente as ligadas aos estilos das épocas, aos modos de vida, aos valores, atitudes e movimentos de transgressão e ruptura, aos processos de transformações sociais e mudanças paradigmáticas. Como juventude e lazer estão intrinsecamente ligados aos processos e mudanças sócio-culturais da modernidade, tocaremos aqui e ali no problema da modernidade; contudo, não é o caso aqui avançar em problema demasiado complexo, embora importante.

De maneira geral, modernidade, modernização ou modernismo são correlatos de moderno, léxico ligado ao novo, que se contrapõe ao antigo, ao estabelecido, ao que já passou. O novo ou moderno representa um conjunto de valores, de potencialidades de cada nova etapa que se sucede no tempo. Em nossa sociedade ocidental, os jovens, por exemplo, representam e são representados como o novo, indivíduos que virtualmente viverão plenamente os novos valores da contemporaneidade.

Historicamente, podemos narrar uma primeira modernidade, inaugurada com *o cogito ergo sum*, e se estendendo, numa ordem social densa, até meados do século XVIII. Coincide com o que se convencionou nos cursos de história como idade moderna, época das grandes navegações, de retomada e incremento das ciências físicas, do renascimento artístico, da reforma religiosa, da colonização e exploração dos novos continentes (Américas e África). E simultaneamente da construção (e também colonização) de uma nova identidade humana, de transformações sociais profundas na vida cotidiana, nos valores sociais, preparando o caminho do que seria um projeto de humanidade, sobre as bases da racionalidade positiva, cartesiana. Começa por essa época o processo de socialização e civilização dos indivíduos, pelas relações sociais *humanizadas*, baseadas nos valores da ordem social coletiva. Os adolescentes e jovens viverão esses novos valores, sobretudo pelo processo de socialização, realizado pela educação escolar iniciada nesse período.

Nessa primeira modernidade a densidade da vida coletiva pesa sobre os indivíduos, conformando as subjetividades pelo horizonte social. Em pesquisa que coordenou sobre a

⁸ O lugar e papel da criança e dos jovens, na sociedade européia ocidental, são historicizados na coleção *História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. V. 4, sob direção de Michelle Perrot...[et al.] São Paulo: Cia das Letras, 1991. Ver também *História dos jovens*, organização de Giovanni Levi e Jean-Claude Shmitt. São Paulo: Cia das Letras, 1996. Ainda, *História social da criança e da família* de Philippe Ariés, Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

peça judiciária do processo do jovem Pierre Rivière, parricida do século XIX, Michel Foucault, apresenta-nos, como resquício desta ordem social comunal densa, que invade a intimidade dos indivíduos, o caso exemplar: este jovem condenado traz uma explicação para seu delito, ligado à defesa de seu pai, a laços afetivos pessoais, familiares. Mas a comunidade “interessada” no caso, e detentora então dos meios do julgar e penalizar, está acima de qualquer valor individual, íntimo ou familiar. A sociedade está acima dos indivíduos. Toda a comunidade espia o agora condenado Pierre Rivière. A comunidade o conhece, desde sua infância, sabe suas manias, seus hábitos e, comparando-os aos demais da comuna, ele é um desvio, um não-comungante da moral comunal. O projeto modernizador racionalizante encontra, já aqui, uma contradição entre a proposta de vida coletiva e condutas individuais.

A literatura e as artes auxiliam na compreensão desse processo sócio-cultural de construção desse novo espírito *civilizado*. Rousseau falará, nos seus escritos, em enobrecimento de sentimentos, em humanização do homem, em retorno à natureza. Na verdade, retornar à natureza, nesse momento em que se vislumbram as trajetórias do sujeito e objeto bipolarizadas e reconstruídas sobre bases distintas, parecerá impossível. A separação esta iniciada vertiginosamente. Como argumenta Alain Touraine,

a modernidade é a separação cada vez maior do mundo da natureza, regido por leis que o pensamento racional descobre e utiliza, e do mundo do sujeito, do qual desaparece todo princípio transcendental de definição do bem, substituído pela defesa do direito de todo ser humano à liberdade e à responsabilidade” (TOURAINÉ, 1997: 64).

Marx, no século XIX, radicalizou a crítica contra esta sociedade baseada na separação sujeito/objeto, e nas conseqüências sociais desse processo de alienação do sujeito de sua materialidade, ou, sociologicamente, de sua subjetividade singular, de sua relação dialética com seus objetos. Segundo Bruno Latour,

essa modernidade coincidiria como o nascimento/morte do homem, o nascimento da não-humanidade dos objetos e a laicização ou nascimento do Deus fora do jogo social. Essa modernidade teria possibilitado ao homem a construção de novos mundos, outras formas de pensar, novos movimentos culturais e formas novas de sensibilidades e sociabilidades. (LATOUR, 1999).

Já Rousseau, no seu romance *Julie ou La nouvelle Héloïse*, revela-nos como a racionalidade ocidental não consegue, desde o início de sua epopéia, responder somente à razão instrumental e utilitarista, que busca calcular e planeja marcar rumos sentimentais. Ele mostra como vai se construindo, dialeticamente, e em contradição com o projeto de humanização racionalista dos indivíduos, uma outra moral. O jovem e a jovem burguesa,

protagonistas do romance, desempenham papéis fundamentais no imaginário dessa modernidade. Contraditoriamente ao processo de racionalização, esses valorizam os sentimentos da alma, o amor e a amizade possíveis entre determinados jovens, enquanto indivíduos carregados de sentimentos tensos e ambíguos e com tempo livre para vivenciar essas sensações.

O processo de humanização, baseado nos princípios da razão cartesiana, confrontado à realidade irrompe sua irracionalidade imanente. O mesmo processo que *humaniza* também *desumaniza*. Diante do romance de Rousseau – carregado de “sentimentos humanos”, de sensações nobres que tocam ao coração de todos, mas que insinua falar a cada um, em sua intimidade –, leitores entram em êxtase, deliram, transitam dos sentimentos racionais aos *irracionais*. Segundo comentadores e jornais da época, o delírio toma conta das massas de leitores, principalmente dos jovens, ávidos pelas leituras de novelas sentimentais⁹.

Nos séculos XVII e XVIII, a vida social sofrerá grandes transformações com a passagem do indivíduo da comunidade/sociedade para o seio da família. Agora, fechados em torno da família, os indivíduos poderiam se desenvolver sem as amarras da ordem social. Numa vida vivida na intimidade dos sentimentos. O filho, o jovem, será o objeto de cuidado da família, que o retirará da promiscuidade imposta pela antiga sociabilidade das ruas, da vizinhança, da parentela que cuidava em vigiar e espiar o outro. O filho é confinado à família e esta o limitará aos modos de vida, hábitos e sentimentos familiares. Será a família a fonte do desenvolvimento moral de suas crianças e jovens. Os sentimentos fraternais, a devoção ao matrimônio serão ensinamentos aos jovens, para uma família sólida.

Ser adolescente ou jovem, nesse período, é apenas uma transição entre ser criança e ser adulto. Em muitos casos, os filhos serão a continuidade dos hábitos e valores dos avós e dos pais, e ser jovem não será um problema nem para os jovens nem para a sociedade. Até o século XIX a experiência dos mais velhos, da tradição orientava sobremaneira o caminho do jovem para a vida adulta. As sociedades mais homogêneas e menos frágeis e fragmentadas não se abalavam pela agitação de alguns jovens. O “eu também já fui assim” confirmava a crença dos pais e da sociedade que os jovens, quando chegassem à maturidade, tornar-se-iam adultos tranquilos e conservadores como seus antepassados (FORACCHI, 1972).

Ao século de Rousseau e dos idealismos idílicos, irá se sobrepor um século de acirramento do processo de (des) humanização do indivíduo. Sob as condições do novo capitalismo industrial, que se funda radicalmente em meados do século XIX, irá se aprofundar o processo de (des) humanização do sujeito. Pelo trabalho e no trabalho, os indivíduos

refletirão movimentos de luta, de enfrentamento desses processos de (des) humanização. Reivindicações de tempo livre e atividades de lazer surgirão entre os trabalhadores, entre os jovens trabalhadores, que desejam não apenas comida, mas menores jornadas de trabalho, melhores salários e condições de vida. Às jornadas de quinze ou mais horas diárias de trabalho os trabalhadores ingleses, europeus e americanos lutam, organizados em amplas frentes sindicais, entre outras coisas pelas *eight hours to play*.

A luta por tempo livre será um dos pontos centrais na pauta dos movimentos socialistas e trabalhistas do século XIX, ou, muito mais que isso, significará um terço da reivindicação, se pensarmos na frase “eight hours to work, eight hours to play, eight hours to sleep”, palavra de ordem dos trabalhadores ingleses diante da opressiva jornada inglesa de quatorze/quinze horas diárias. Para Lenea Gaelzer,

a conquista das oito horas de trabalho, oito horas de descanso e oito horas de lazer, preconizada na Inglaterra, em meados do século passado (século XIX), marcou o início da humanização do trabalho e transformou a recreação e o lazer como um fato social (GAELZER, 1979: 46).

A literatura nos ajuda novamente neste percurso. A modernidade, do final do século XIX e início do XX, coincide com o que se convencionou chamar, nas artes e na literatura, como modernismo. É um período de afirmação da cultura, da autonomização das artes, do mundo vivido, e do indivíduo que grita, que tem sentimentos, que sofre e urge por mudanças. Os clamores e gritos que jovens escritores e poetas da modernidade disparam de suas intimidades ecoam de suas subjetividades inscritas e traduzidas do social. Jovens escritores, poetas, artistas sofrem juntos com essa sociedade porque vêem a miséria do mundo, daí o desejo de liberdade de ir para as ruas, que se torna o lugar preferencial dos passeios, dos primeiros lazes e encontros entre jovens nos espaços das cidades.

O tempo livre surge como a possibilidade de liberdade, de revolução e mudança. O escritor Máximo Gorki, em seu romance *A mãe*, representa o jovem estudante e amante dos livros, Pavel, como a encarnação de *um futuro melhor*, de revolução e mudança nas condições de vida dos trabalhadores. A mãe, Pelaguéa, é a personagem que irá salientar a figura do filho como protagonista de um romance e de uma época de transformações políticas e econômicas em todas as esferas da vida dos indivíduos e da sociedade. O jovem Pavel, que sofre e vê a realidade do trabalho na antiga Rússia, reivindica:

⁹ Ver em <http://www.chez.com/bacfrancais/nouvelleheloise.html>, acessado em 14/11/2005.

Será que queremos apenas estar alimentados? Não! Nós temos de mostrar àqueles, que estão montados em nossos pescoços e que nos fecham os olhos, que estamos vendo tudo, que não somos imbecis ou bárbaros, e que não nos preocupamos só com comida; queremos viver com dignidade humana! (GÓRKI, 1994: 93).

Viver com dignidade é ter direito ao trabalho, mas também direito à vida e ao tempo livre. Não apenas como tempo para reposição de energias perdidas com o trabalho, mas como tempo para outros cuidados de si. No entanto, nesse contexto da ideologia puritana do trabalho, o tempo livre é ainda considerado tempo morto, sendo condição para o tédio, o suicídio, o surgimento de necessidades não necessárias. Como se a cabeça vazia fosse a oficina do diabo. Para a ética puritana e ascética do trabalho, a vivência idílica dos costumes populares, do esporte e das festas representava uma contradição com o modo de produção racionalista do capital e com a doutrina da predestinação e do êxito material como graça divina (WEBER, 2004: 123-9; MANNHEIM, 1967: 27).

Mas o tempo livre possui outras dimensões, não apenas econômica ou de reprodução das energias do trabalho para o trabalho. Por isso, ainda na Idade Média, quando o lúdico se mistura à produção¹⁰, “as forças feudais e monárquicas protegiam os que buscavam diversão contra a moralidade crescente da classe média e contra as convenções ascéticas” (WEBER, *op. cit.*: 125). Hoje se pode compreender o tempo livre, teoricamente, como um tempo onde a escolha pessoal se torna importante e o próprio não fazer nada, o *dolce far niente*, pode ser considerado como um dos elementos enriquecedores do sentido do tempo livre e do lazer¹¹.

Retomando, desde a Revolução Francesa, os jovens começam a aparecer ligados às lutas urbanas, à imagem de revolucionários, de delinquentes, de boêmios e radicais (GROPPO: 2000). A associação dos jovens a movimentos de rebeldia, de revolução pode se ligar, socialmente, às suas participações nos períodos de turbulência da modernidade, nos princípios das lutas trabalhistas. Nesse período, os movimentos jovens tomarão dimensões somente alcançadas, posteriormente, pelos movimentos da juventude nazista, pelos movimentos estudantis de 1968 e pela cena urbana punk dos anos 1980. Os movimentos econômicos, políticos, sociais e artístico-culturais do final do século XIX, que resultarão na

¹⁰ No período feudal, os trabalhadores agrícolas combinavam as colheitas com festejo, danças e outros rituais ligados à produção.

¹¹ Nesse sentido, o próprio tédio pode ser fecundo, como tempo para procura de outros valores, por exemplo, entre poetas que, no final do século XIX, cantavam o tédio como uma busca alternativa de vida e novas experiências sensoriais, de devaneios criativos. Dentre os mais importantes cantadores do tédio, podemos citar Baudelaire, Rimbaud e Edgar Allan Poe. Assim, numa primeira aproximação com o problema do tempo livre, encontram-se várias ambigüidades e contradições.

grande transformação e radicalização da modernidade e modernismo do século XX, contaram, em grande parte, com o agenciamento juvenil, principalmente na luta pelo tempo livre.

Ainda no contexto da Revolução Industrial, a vida social, sob a pressão do tempo das fábricas, do tempo do trabalho, da pontualidade, nega tempo para a vida individual, fazendo aprofundar o descompasso e mal-estar dos indivíduos das grandes cidades industriais, trazendo profundas mudanças nas mentalidades (SIMMEL, 1967). Em meio à luta política, a contradição entre uma vida para a sociedade e uma vida para a intimidade mostrará, nas superfícies das cidades, particularmente nas grandes metrópoles, indivíduos com suas vidas apressadas, atravessando, velozmente, multidões (des) ordenadas de outras individualidades.

Com o advento da cultura civilizatória, conquistada e mantida por meio de um rigoroso investimento psíquico por parte de cada indivíduo, os problemas da humanidade parecem se multiplicar, trocando apenas de roupagem: agora com um grande controle da natureza, adquirido graças à conquista científico-tecnológica da modernidade, os indivíduos se encontram frágeis, novamente no mesmo dilema de promover, periodicamente, uma reestruturação dinâmica de suas pulsões psíquicas, a fim de minimizar os conflitos gerados pelo "princípio do prazer" (instintos pulsionais), em permanente oposição ao "princípio da realidade" (FREUD, 1997).

A descoberta freudiana de uma relação conflituosa entre o indivíduo e a sociedade reflete a essência do modelo de indivíduo da modernidade. A juvenilização do indivíduo, fomentado pela cultura moderna, faz o jovem crer-se completo, belo e autônomo, quando, na verdade, a economia de consumo capitalista disfarça a falta, a carência, substituindo esta pelo consumo de bens, divertimento e outras formas de lazer. Enfim, produzindo, de fato, um sujeito estereotipado, e apagando as diferenças entre os indivíduos. O projeto da indústria do entretenimento e do lazer é “fazer da vivência juvenil um estilo de vida, valorizado não mais como passagem ou transição, mas como culminância da vida” (GROPPO, *op. cit*, 2002: 77).

As transformações ocorridas nas mentalidades e identidades jovens nas sociedades ocidentais, a partir da modernidade do século XX, podem ser minimamente avaliadas, tendo como parâmetro as mudanças ocorridas com a revolução arquitetônica, computacional, artístico e cultural da década de 1960 sobre as formas de entretenimento e lazer. Antony Giddens observa assim um dos efeitos das transformações da modernidade:

os modos de vida produzidos pela modernidade nos desvencilham de todos os tipos tradicionais de ordem social, de uma maneira que não tem precedentes. Tanto em sua extensionalidade quanto em sua intencionalidade, as transformações envolvidas na modernidade são mais profundas que a maioria dos tipos de mudanças característicos dos períodos precedentes. Em

termos intencionais, elas vieram alterar algumas das mais íntimas e pessoais características de nossa existência cotidiana. Existem, obviamente, continuidades entre o tradicional e o moderno, e nem um nem outro formam um todo à parte; é bem sabido o quão equívoco pode ser contrastar a ambos de maneira grosseira. Mas as mudanças ocorridas durante os últimos séculos – um diminuto período de tempo histórico – foram tão dramáticas e tão abrangentes em seu impacto que dispomos apenas de ajuda limitada de nosso conhecimento de períodos precedentes de transição na tentativa de interpretá-las. (GIDDENS, 1991: 14).

É a partir do desenvolvimento industrial das cidades, da constituição das metrópoles que a juventude ganha um destaque maior, porque pode se incorporar às novas ocupações e situações abertas por esta modernidade. E pode também se desvencilhar, em grande medida, de suas tradições locais, familiares. Beneficiados pelo aumento da oferta educacional, e por ofertas de trabalho, os jovens têm maiores oportunidades de migrarem do meio rural para o urbano. Socializados pela escola, pelos espaços de lazer e pelos incipientes meios de comunicação, passam a participar das relações sociais e simbólicas do mundo moderno.

É sob essa modernidade, complexa e conflituosa, de avanços e rupturas, de grandes transformações científicas, sociais, culturais do século XX, que os jovens irão se constituir enquanto juventude, e sociologicamente enquanto categoria social. Os jovens começam a ser percebidos, socialmente, como indivíduos, carregados de dúvidas e projetos, nessa nova modernidade, inaugurada no início do século XX (GROPPO, 2000). Constituem-se como categoria na medida em que participam ativamente dos processos de mudança social, vivenciando e representando sua condição social.

Historicizando, o desenvolvimento e desdobramento das relações de trabalho vão propiciar o aumento do tempo livre e as condições para o desenvolvimento do lazer, mas também, de início, criará em contrapartida uma moral do lazer ligada à moral do trabalho. Ou seja, para se ter direito ao lazer, os indivíduos deveriam primeiro trabalhar. O lazer atuando, muitas vezes, como reposição de energias para o trabalho, orientado pela lógica e disciplina do trabalho. Em outras palavras, “o mesmo relógio de trabalho irá determinar o início e o fim do tempo do lazer” (CAMARGO, *op.cit.*: 144).

No decurso dos movimentos trabalhistas por melhores condições de vida, surge o lazer como nova prática social. Assim como o direito ao trabalho, os novos indivíduos, aglomerados em torno das cidades industriais, buscam o direito ao lazer. Diante da realidade do “trabalho extenuante dos operários e da luxúria dos capitalistas”, Paul Lafargue propõe não a luta pelo direito ao trabalho, mas o direito à preguiça. Para este ativista e pensador, o trabalho não deveria ocupar mais que três horas diárias (LAFARGUE, *op. cit.*). Embora

utópica, sua proposta encontra respaldo, principalmente hoje, diante dos graves problemas da escassez de emprego.

Com os movimentos trabalhistas, no decorrer das suas lutas, as jornadas de trabalho se reduzirão, o tempo livre aumenta e o lazer se institucionaliza. Assim, na relação contraditória entre o capital e o trabalho, o tempo livre passa a fazer parte do cotidiano, da semana, do ano e do curso da vida dos trabalhadores (CAMARGO, *op. cit.* 153; GROPPPO, 2002: 75). Dito de outra forma, os trabalhadores passam a contar com intervalos diário, semanal, anual, onde eles poderão, dentro de certos limites, escolher formas alternativas de utilização de seu tempo livre. Aqui surge um dos eixos na discussão sobre o lazer, o problema da escolha. Como os jovens, por exemplo, escolhem e porque escolhem determinadas formas de lazer, e não outras, são questões importantes para se compreender determinados valores, comportamentos e atitudes jovens. Os limites e opções de escolha derivam, em grande parte, das condições econômicas, mas ultrapassam para outras esferas da vida social e individual.

No tempo livre, segundo estudiosos do lazer (DUMAZEDIER: 1976; GAELZER: 1979), as pessoas podem desenvolver ocupações, laços de sociabilidade, adquirir comportamentos, produzidos por normas e códigos muito distintos dos desenvolvidos na disciplina da escola ou do trabalho. O tempo livre propicia o lazer que contribui, implicitamente, no processo de socialização e inserção dos indivíduos nos jogos, regras e rituais sociais. Pelas práticas do lazer, ocorreria um tipo de prazer social oculto. Ainda a fruição pelo lazer e o entretenimento influenciaria nas vivências e representações coletivas e particulares. Ao construir sua definição de lazer, o sociólogo Joffre Dumazedier (1976: 165-175) afirma que este “enriquece, informa, constrói e educa, tendo ainda as funções de descanso, divertimento e desenvolvimento”.

Segundo este percurso teórico, na incursão empírica nos espaços de lazer vivenciados por alguns jovens de classe média e alta de Brasília, encontramos discursos e representações, valores e conteúdos ocultos no encontro em um bar, no cotidiano do lazer noturno. Grupos jovens encontram-se em torno da bebida, da conversa, do riso, do encontro gratuito, o que, de início, remete a formas “hedonistas” de vivência do tempo livre, onde parece imperar o *princípio do prazer*¹². Contudo, essas são práticas cotidianas que muitos jovens vêm

¹² Princípio tão condenável pela moral do trabalho. Um dos elementos do tripé sob Brasília é o trabalho. Para a lógica do trabalho, o lazer aparece sempre como um problema. Dir-se-ia que há na relação entre lazer e trabalho mais que uma tensão, um encontro, que posto em processo segue. Em alguns momentos, o trabalho recupera o lazer, em outros afasta-se dele. Nem sempre muito trabalho significa pouco lazer. Também pouco trabalho não significa mais lazer. É preciso analisar as condições concorrentes e específicas do trabalho e do lazer.

vivenciando e articulando com seus vários tempos sociais, entre a escola, a casa, o trabalho e outras obrigações sociais¹³.

Algumas informações empíricas colhidas dão conta de que a vivência no tempo livre favorece o desregramento, e o *princípio do prazer*. A entrevistada *Linda Issa* assim diz sobre o tempo livre e o lazer:

um estado de pouca cobrança e preocupações. Algo fora da rotina. Muitas vezes lazer para mim é apenas dormir. Acredito que lazer é extremamente importante para as pessoas, porque não acho prazeroso só ter responsabilidades num mundo competitivo, misógino, extremamente formal todos os dias da semana.

Durante a semana, cotidianamente, desde a manhã até o final da noite, podem-se ver muitos jovens, homens e mulheres, encontrando-se em torno de mesas nos bares das quadras 403S e 408N. Através dessa prática de lazer de conteúdo associativo, os jovens conversam sobre assuntos que importam em suas vidas: estudo, filosofia, a vida de outrem, experiências pessoais. *Cravo e Canela*, outra informante, diz que entre amigos, na mesa do bar, bebendo cerveja,

falam sobre como está indo a vida de cada um em casa, no trabalho, nos estudos. Combinamos de sair pra outros lugares, conversamos sobre política e principalmente comportamento social, pois a maioria dos meus amigos estuda sociologia, história ou algo do tipo.

Georg Simmel (1983), ao construir seu conceito de sociabilidade, percebeu a importância dessas atividades em grupo, desses lugares onde as pessoas encontram-se para fazerem alguma coisa, por interesse ou necessidade específica, mas de modo mais ou menos gratuito e espontâneo. No seu argumento, é a partir da interação em torno de uma forma precisa de sociabilidade que se podem desenvolver determinados conteúdos e modos de vida. Assim, do ponto de vista de Simmel, um grupo pode se reunir no tempo livre para formar um

¹³ Até aqui, considerou-se o tempo livre como o tempo para o lazer, em oposição ao tempo do trabalho, mas relacionado a este, ao seu desenvolvimento e transformação ao longo dos séculos XIX e XX: o desenvolvimento do trabalho criou o tempo livre. Contudo, é preciso considerar que muitos jovens não se relacionam com o mundo do trabalho. Daí teriam legitimidade de lazer? Se relacionarmos tempo de trabalho com tempo livre ou tempo para lazer, então os jovens não teriam direito ao lazer, já que muitos não trabalham? Seguindo os passos de Dumazedier, pode-se responder que, nem por isto, os jovens deixam de se relacionar com outras obrigações sociais, por exemplo, a família, a escola, a igreja dentre outras, que buscam coercitivamente atuarem sobre os tempos e espaços da juventude, através de suas instituições oficiais. Sendo assim, os jovens acabam por vivenciarem e representarem descontinuidades temporais.

elenco de peças teatrais, construir uma ONG, formar uma banda musical ou uma quadrilha de bandidos. O conteúdo importa menos que a forma.

Acontece de o ambiente de lazer do bar se transformar em local de contemplação para ação, para produção de algum evento. Numa noite de quarta-feira, a mesa de um bar na 403S se transformou no escritório de dois jovens que produziam uma festa *rave*¹⁴. Sobre a mesa, calculadora, canetas, garrafas de cerveja, cigarros. Um dos jovens explanava, gesticulava, desenvolvia garatujas no ar e anotava coisas em papéis espalhados sobre a mesa que se fazia de mata-borrão para os planejamentos. Tomando um *flyer* nas mãos, o jovem mais falante parecia explicar a idéia de publicidade gráfica que tinha em mente. Com os braços estendidos, contemplava o *flyer* e mostrava-o ao outro que o acompanhava.

Até aqui, seguindo a relação da juventude com o lazer e buscando traçar uma definição de ambas as categorias, considerou-se o lazer como sinônimo de tempo livre em oposição ao tempo de trabalho. Também o lazer foi considerado como uma escolha e, por último, como uma busca de fruição e prazer gratuito e espontâneo. Sobre a juventude, esta já foi apresentada como um ser a ser socializado, humanizado ou civilizado pela família e depois pela escola. Também se considerou sua relação como os movimentos de rebeldia da Revolução Francesa e dos movimentos trabalhistas. Mostrou-se a relação do jovem com o novo, o moderno. Pretendemos aqui apresentar a relação entre juventude e lazer não apenas ligada ao consumo hedonista, mas como produtora ativa dos bens culturais simbólicos e materiais. São jovens de classe média e alta, mulheres e homens, do Plano Piloto, quem produzem e consomem a grande parte dos recursos materiais e simbólicos solicitados pelo espaço do lazer e do entretenimento na cidade.

O lazer, continuando em sua problematização, possui também um sentido de fazer, de atividade ou ação. Diferente do que se costumam fomentar determinadas culturas, como a ética puritana do trabalho, que vimos acima, o tempo livre é tempo para uma atividade de escolha individual, e não tempo morto ou ocioso, mesmo que essa atividade seja o não fazer nada. Quase num sentido de não atividade. Além do que, no limite, o *não fazer nada* remete à concepção de Martha Wolfenstein, do *fun morality* ou da moral da distração: “O lazer como um valor em si. O lazer tão imbricado na vida cotidiana que não é identificado como lazer em si”, “o lazer como um novo tipo de ética social, do divertimento” (WOLFENSTEIN apud DUMAZEDIER, 1994: 58). Os primeiros estudos sobre o lazer condenaram a atitude

¹⁴ Aqui uma das ambigüidades do lazer, ou seja, nem sempre um espaço para o lazer é utilizado apenas com essa finalidade. Pode vir a ser inclusive usado para atividades radicalmente outras.

hedonista, do lazer pelo lazer, mas hoje o divertimento tem comparecido como um dos elementos centrais do lazer.

Ao ganhar o status de valor em si, as práticas de lazer remetem a possibilidades e imaginários múltiplos. Do lado do Estado e da Educação, surgem políticas públicas e pedagogias voltadas para o lazer. Outras instituições sócio-culturais também se lançam sobre as perspectivas abertas com o aumento e a afirmação do tempo livre e do lazer enquanto momento importante das práticas sociais.

1.2 Indústria cultural e juventudes

Uma das primeiras e definitivas instituições a buscar uma ocupação para o tempo livre das pessoas foi a chamada indústria da diversão e do entretenimento, ou indústria cultural. Já nos finais do século XIX começam a se desenvolver formas de lazer articuladas em torno de determinados equipamentos e grupos sociais. A empatia e a interação da incipiente indústria do divertimento com os jovens das grandes cidades são imediatas.

Como atividades para o tempo livre, a indústria do lazer e do entretenimento traz transformações radicais. O cinema, as revistas em quadrinhos, os meios de comunicação de massa, rádio, televisão e outras mídias, ganham centralidade, pela indústria cultural norte-americana, tendo em perspectiva os jovens e o tempo livre. É o que Karl Mannheim vai chamar de lazer maquinofaturado. Na percepção deste autor,

o rádio, a vitrola e o cinema são agora instrumentos para produzir e distribuir novos padrões de lazer. São essencialmente democráticos e trazem novos estímulos à vida dos mais humildes, mas poucos deles já conseguiram criar os valores autênticos que poderiam humanizar e espiritualizar o tempo gasto fora da oficina, da fábrica e do escritório (MANNHEIM, *op. cit.*: 34).

Com a nascente indústria do lazer, a invenção do cinema, do rádio e posteriormente do disco e da televisão inicia-se um intenso e tenso processo de construção de equipamentos e ambiências de lazer que passam a atuar de modo mais significativo sobre o tempo livre, abrindo espaço para uma heterogeneidade de opções de lazer. Dentre os inúmeros conteúdos, mais um é anexado ao lazer: o entretenimento. Contudo, ao lado dessas possibilidades múltiplas, há uma forte tendência de homogeneização dos conteúdos do lazer pela incipiente indústria cultural. Problema este que impacta as mentalidades e as atitudes dos jovens em particular. Na esteira do desenvolvimento e crescimento da indústria cultural, as opções e as respectivas escolhas tornam-se outro dos problemas a ser enfrentado pelos teóricos do lazer.

Para o filósofo Theodor Adorno (2004), opções e escolhas seriam dois lados de uma mesma moeda. Segundo seu argumento, a indústria do lazer e entretenimento seria um dos braços da indústria capitalista monopolista e globalizante. Nesse sentido, sua produção está inteiramente voltada para o consumo massificado e massificante, não havendo possibilidade real de escolha pelos indivíduos. Este estaria encerrado num quadro de consumo alienado. O sentido que a indústria cultural imprime aos seus produtos seria sempre de padronização, de repetição, de homogeneização dos desejos e das realizações. Divertimento, música, cinema, arte, tudo é transformado em mercadoria para o consumo imediato e desprovido de sensações

mais profundas de satisfação e prazer. Para a crítica radical da indústria cultural, as possibilidades de uma escolha livre são remotas, quando não inexistentes.

Mas será sempre assim? Não é possível fazer algo novo, inventivo, recriar-se, divertindo, por exemplo, num encontro com amigos no lazer numa boate, num bar? É possível, no lazer urbano, mais que encontrar-se, encontrar os outros, relacionar-se? Como fazer do lazer uma prática não alienante, e ao mesmo tempo uma nova forma de sociabilidade? Uma das representações do Plano Piloto é a de um lugar frio e desalmado, espaço de indivíduos ensimesmados, preocupados com seus trabalhos e suas vidas, e pouco dados ao encontro com o outro (SILVA, 2003: 13). Indivíduos indiferentes nos quais Simmel (1967) observava uma *atitude blasé*. Aventaram-se explicações para essa possível *frieza* dos brasilienses: a falta de esquinas, o desenho arquitetônico, as diferenças culturais (SILVA, idem). Contudo, entre jovens do Plano Piloto, agitação e efervescência, amizade e calor não parecem faltar. Uma das entrevistadas diz que para ela nunca faltaram amigos e grupos de amigos. Diz *Nathy Night*:

sempre tive um grupo de amigos, na infância foram os amigos de rua e da escola, na adolescência os do prédio e da escola. Hoje tenho amigos que são amigos de amigos, pessoas queridas que conheci pela afinidade, amigos espiritualizados, amigos drogados, amigos de infância, amigos indispensáveis, amigos problemáticos, amigos de todos os gêneros e crenças.

Retomando, o problema da escolha do que fazer no tempo livre é um das dificuldades na construção do conceito de lazer. Descobriu-se que as escolhas estariam sempre cingidas por fatores sócio-culturais ou econômicos. Não se pode escolher tudo. A própria idéia de escolha exclui outros objetos. Quando se escolhe, deixa-se de escolher. O modo como se ocupa o tempo livre estará intrinsecamente ligado às opções que são oferecidas. Cada sociedade, cada cultura oferecem determinadas opções de lazer, de divertimento para sua população. A disponibilização e a disponibilidade de determinados equipamentos e recursos para o lazer definem formas de relação entre juventude e práticas de lazer. E do mesmo modo que a prática do lazer afeta as juventudes, aventamos que estas desdobram os lazes. Aqui nos afastamos das idéias de Adorno. E corroboramos os dizeres de Luís Antonio Groppo, quando afirma que

dialeticamente, a atuação de agentes juvenis foi fundamental para a criação de espaços e momentos de sociabilidade em que se desenvolveu o lazer contemporâneo; ao mesmo tempo, a afirmação do lazer gerou um locus privilegiado para a criação e o exercício das identidades juvenis no século XX. De certa forma, as juventudes modernas, colaboraram na criação do espaço do lazer e até da forma assumida pelo lúdico nesta nova esfera das

relações socioculturais. Num momento seguinte, a liberação espacial e temporal propiciada pelo lazer vem alojar e dar sustentação às novas vivências e identidade juvenis. (GROPPO, *op. cit.* 2002: 73).

A indústria cultural do lazer e do entretenimento efetivamente vem contribuindo para a constituição de um mercado pouco crítico em relação aos seus produtos. A inumerável quantidade de produtos oferecidos tende o lazer e o entretenimento mais para o consumo e uma homogeneização e padronização do gosto e das mentalidades, em particular de muitos jovens, enredando um processo de embotamento da capacidade de discernimento entre os objetos (Simmel: 1987). Em muitos casos, a rotatividade não permite um tempo para uma apreciação qualitativa mínima dos produtos oferecidos. Daí a possibilidade dos gostos múltiplos. No entanto, não se pode perder de vista a possibilidade de inventividade e liberdade inerentes à dinâmica social, à cultura, e às práticas sociais (HUIZINGA, 1971; BAKTHIN, 1994)¹⁵.

Nesse sentido da recriação e transformação das práticas sociais e culturais, Karl Mannheim vai afirmar, em relação aos jovens, que estes experienciam o tempo vivido, e de alguma forma refletem sobre suas potencialidades, pois

a possibilidade de refletir sobre as coisas só surge no momento em que se começa a experiência pessoal, aí por volta dos 17 anos de idade, algumas vezes mais cedo e algumas vezes mais tarde. O estar em dia da juventude consiste assim no estar mais próximos dos problemas presentes (em resultado do seu “contato potencialmente fresco”), e no fato de estarem dramaticamente conscientes de tomarem parte num processo de desestabilização (MANNHEIM, s/d: 148-9).

Inclusive, esses processos de desestabilização assumidos e levados a cabo por determinados grupos jovens, em dados momentos históricos, têm sido espaços de produção criativa e inusitada de bens materiais e simbólicos específicos das gerações mais novas. É emblemático que esses bens, num segundo momento, sejam apropriados pela indústria cultural e transformados em mercadorias para o consumo massificado. Assim, no decurso das relações entre indústria do entretenimento e juventude, no desenrolar da segunda metade do século XX, o jovem é fixado como modelo de produção e consumo cultural. Contudo ele comparece também na dinâmica produtiva, no nosso caso, dos lazeres noturnos de Brasília, como agente produtor de eventos, de práticas associativas e culturais de lazer. No interior

¹⁵ As possibilidades de recriação, de reconstrução e reconfigurações são variadas. Na música, por exemplo, o uso do recurso *cover*, do *sampler*, do *riff* permite uma série de combinações ainda pouco exploradas e inusitadas. No âmbito da circulação, contra o consumo pelo consumo, por exemplo, os equipamentos instalados nas lojas, para audição dos CDs antes de sua aquisição final, recriam as velhas possibilidades oferecidas pelos antigos *Long Plays*.

dessas práticas juvenis de produção de lazer, circulam valores, estilos de vida e modos de ser jovem.

Em certo sentido, os movimentos culturais das juventudes, principalmente a partir dos anos 1950, estariam ligados aos grupos jovens urbanos e a um estilo de vida da cidade. Na França dos 1960 e no Brasil dos anos 1960 e 1970, os movimentos culturais e político-estudantis se constituem no meio urbano entre jovens universitários e estudantes secundaristas de classe média. No final da década de 1970 e início dos anos 1980, na Inglaterra, nos EUA e posteriormente no Brasil, o movimento juvenil Punk e seus desdobramentos, serão radicalmente urbanos. Esses movimentos culturais jovens fragmentariam definitivamente a juventude em vários estilos de ser jovem, ligados à música, à moda, ao consumo, mas também afirmam determinados grupos jovens como atores das novas produções sócio-culturais. É quando a indústria do entretenimento se estabelece e estabelece de vez um mercado consumidor para as novas e múltiplas *tribos urbanas*.

Os estilos e modos de vida jovens, principalmente a partir dos anos 1950, fragmentar-se-ão em múltiplas configurações, abrindo espaços para se pensar a juventude a partir de uma perspectiva diferenciada, ligando esta categoria social à produção e ao consumo, à moda, ao cinema, à música. O mundo do entretenimento e da diversão será um dos lugares centrais na construção das identidades e identificações desses jovens urbanos com seus pares. Por ser o espaço urbano o espaço do heterogêneo, outras distinções vão ser processadas sobre os jovens vivendo nos novos ambientes das grandes cidades. Em outras palavras, no espaço urbano heterogêneo, a juventude também deve ser pensada, sociologicamente, como uma categoria social heterogênea (BOURDIEU, 1983; FORACCHI, 1972, 1982; GROppo, 2000; MANNHEIM, 1968).

A partir dos anos 1950, as condições sociais do tempo livre e do lazer são radicalmente diferentes do contexto do seu surgimento. O tempo livre se torna uma realidade para muitos grupos sociais. As relações que se estabelecem entre lazer e juventude vão propiciar uma explosão da indústria do entretenimento e das múltiplas formas de viver a juventude, havendo, em certo sentido, uma massificação do estilo de vida juvenil, ou uma juvenalização da sociedade. Numa sociedade onde já se ouve falar em produção cultural para o consumo, o lazer aparece não mais apenas como atividade gratuita, espontânea e prazerosa, mas como consumo, diversão, alienação, como contestação ou contemplação, mas, enfim, como atitude diante do mundo e do tempo livre.

Na segunda metade do século XX, a juventude e o lazer, sob a ótica da indústria cultural de massas, passam a ser definidores de um modo de vida jovem. O incremento da

cultura juvenil nos anos 1950 dá-se, dentre outros fatores, pela influência econômica e cultural da sociedade americana e a construção de um imaginário literário, cinematográfico, esportivo, publicitário, onde o jovem comparece como símbolo de beleza, alegria, vitalidade. Uma miríade de produtos é anexada ao modo de vida jovem. Também, com a diminuição das jornadas de trabalho, aumenta-se o tempo livre, tempo que o filósofo Theodor Adorno vai considerar como tempo de consumo atrelado à lógica capitalista. Este período, do pós-guerra fica conhecido como *os anos dourados da economia americana*. Nos EUA, a indústria do lazer e do entretenimento (música, rádio, cinema, turismo) constrói e afirma um imaginário e um estilo de vida jovem. Paralela à indústria do lazer e do entretenimento, *strictu sensu*, também se desenvolvem outras indústrias (química, petroquímica, veículos, moda) que se relacionam diretamente com as novas práticas de lazer e divertimento.

Um pouco da história da moda mostra que é nesse período que

pela primeira vez, a moda focaliza os jovens, ampliando a massa consumidora. Estes foram os anos "do último grito da moda" – o início de escravidão de garotas com as novidades da moda. Correm nas lojas todo mês para atualizar o *look*. As saias mais curtas, o shortinho que viraram mania na época¹⁶.

No Brasil, dos anos 1950 e 1960, o desenvolvimentismo do governo JK favorece a expansão do mercado consumidor, da renovação e da mudança (FERNANDES, 1978: 47). A bossa nova surge como uma música moderna, entra nas paradas de sucesso das rádios, prensada em disco de 78 rotações, e logo alcança o público. Surgem movimentos culturais da juventude em torno da música, do consumo de modismos importados do cinema, por jovens da classe média e alta urbana, como o uso das lambretas, calças jeans, óculos escuros. Simulações de Marlon Brando ou James Dean, “indóceis” e “rebeldes”, contudo, apenas uma representação de rebeldia. Como mostra uma matéria de jornal da época,

os rapazes da juventude transviada continuam indóceis e rebeldes. Esses rapazes, de modo geral, são bem-nascidos. “Filhinhos de papai”, como se diz. Vestem roupas coloridas, calças tipo *far west* azuis e camisas vermelhas. Usam óculos escuros. E seu meio de transporte preferido, até para ir à praia, é a lambreta (Alegre juventude transviada, 1989: 5)¹⁷.

Nos EUA, por exemplo, no cinema de Hollywood, a bebida e o cigarro são veiculados como modo de vida e consumo jovem. Os jovens desses filmes dos anos 1950 serão representados como rebeldes ou transviados, inseridos, contudo, no mercado consumidor de

¹⁶ Disponível em <http://www.fashionteen.hpg.ig.com.br/anos60.html>, consultado em 08/02/2006.

¹⁷ Fonte: *100 anos de República*. V. 7. São Paulo: Nova Cultural, 1989.

um estilo de vida que vai sendo construído em torno dessa suposta rebeldia. A moda, o estilo de vida, de vestir, de consumir fomentam um novo segmento mercadológico juvenil. Diríamos que a rebeldia se liga mais a uma atitude estética, num adocicamento de uma postura ética. Ser jovem e rebelde, nesse instante do imaginário americano, que é apropriado por vários países por meio da expansão da indústria cultural, é consumir carros, motocicletas, cinema, música, bebida, cigarros, drogas.

Já nos anos 1950, escritores, poetas e artistas falam do uso de drogas como formas alternativas de vida, mais ligada ao prazer, a novas percepções. Os escritores do movimento *beatnik* serão radicais na experiência com drogas alucinógenas. Esses jovens escritores *beatniks*, no entanto, colocarão sua literatura ao lado de uma crítica radical ao *american way of life*, ao consumismo, ao cinema e à cultura de massas¹⁸. Embora o sonho americano esteja se construindo sob o impacto do crescimento da economia americana no pós-guerra, ronda um certo saudosismo com juventudes anteriores, e certo ranço com formas de se viver o tempo livre. A indústria do entretenimento, na perspectiva da teoria crítica da Escola de Frankfurt, é percebida como um mecanismo de alienação, como foi anotado anteriormente.

Nos anos 1950, um eixo de análise suscitado pelos estudiosos do tempo livre, particularmente da perspectiva crítica da indústria cultural de massas, é a condição da atividade ou passividade do lazer. O lazer seria alienante ou transformador? Um caminho teórico aproxima lazer de hedonismo, ou seja, o lazer associado à indústria cultural, ao entretenimento, à diversão ligeira e fácil estaria ligado à passividade. Da perspectiva dos pensadores da teoria crítica, a indústria cultural contribuiria para a alienação e passividade dos indivíduos (ADORNO, 2004: *passim*).

Outros estudiosos percebem, de outro modo, a questão: na nova relação entre juventude e lazer, a mentalidade dos jovens seria marcada por uma atitude ambivalente, ao mesmo tempo de rejeição e aceitação dos valores da cultura de massa. Principalmente se pensamos da perspectiva que muitos jovens são consumidores e produtores de bens materiais e simbólicos. Daí, talvez, a escolha do lazer e dos prazeres em detrimento da participação política que se tem anotado sobre as novas gerações. Todavia, este discurso da não participação política pode estar, na verdade, ligado ao hábito de se medir a participação política dos jovens por velhas práticas. Essa não participação pode ser resultado, exatamente, do julgamento das velhas práticas políticas, o que no fundo revela uma forma de determinados

¹⁸ O escritor de ficção científica Aldous Huxley escreve a obra *As portas da percepção*, onde busca apontar novas formas de relação com as drogas, mais lúdicas e não com o terror que foi, por exemplo, nos anos 1980, com a cocaína, as drogas injetáveis e seu impacto na transmissão e proliferação da AIDS.

jovens avaliarem a política tradicional. Perseguindo o argumento de Christopher Lasch, tem-se que

a 'fuga à política' pode significar a crescente falta de vontade de participar do sistema político como consumidor de espetáculos pré-fabricados. Isto pode significar não um recuo em relação à política, em absoluto, mas o início de uma revolta política geral (LASCH, 1983:13-4).

Tentando responder à questão *atividade* ou *passividade*, CAMARGO (1989) argumenta que não existe lazer passivo nem ativo, pois para ele "quem faz, age". Nesse sentido, não haveria o *fazer-por-fazer* apenas, ou o *dolce far niente*, já que esta ação é sempre condicionada por determinados fatores sociais, culturais, econômicos. Daí a legitimidade do *dolce far niente*, na perspectiva do *fun morality* que indicamos. A representação corrente de que os jovens de hoje não querem saber de fazer nada cairia num vazio explicativo.

No mesmo sentido, Joffre Dumazedier (1978) demonstra, através de ampla pesquisa empírica, que o lazer ocupa a maior parte do tempo livre das pessoas e as atividades nele desenvolvidas buscam sempre, além do descanso, alguma forma de ludicidade e algum tipo de desenvolvimento pessoal, e não apenas uma passividade diante da realidade. Nas palavras de Dumazedier, o lazer no tempo livre

cria para a maioria da população, de todas as faixas etárias e de todos os meios, as condições de uma liberação pessoal, mais profunda de sensações, de sentimentos, de desejos, de sonhos antigamente reprimidos, 'repelidos' e, ao mesmo tempo, de uma identificação social mais espontânea, mais renovada, mais passional a grupos de 'iguais', de 'torcedores ou fãs'; sob formas cotidianas de participação como espectador ou amador (DUMAZEDIER, 1994: 49).

Até aqui foram abordados três aspectos do lazer: primeiro, sua relação com o tempo de trabalho, associando-o ao tempo livre. Depois, a percepção do lazer enquanto uma atividade, ou seja, o lazer é sempre algo que se faz, uma ação no tempo livre. Esta ação ou atividade desenvolve-se no tempo livre e, apesar dos limites sócio-culturais e econômicos, liga-se ao prazer, ao gratuito e espontâneo, tendo também a função de descanso, reparo das energias para o trabalho e desenvolvimento, criatividade. Por último, deteve-se no surgimento e na afirmação do lazer enquanto valor em si. Neste momento, o Estado, a Educação e a indústria do lazer e do entretenimento percebem a importância e a centralidade do lazer. Associados ao jovem e à juvenilização da sociedade, as práticas de lazer indicam uma atitude, um comportamento ativo ou passivo, dos indivíduos diante das ofertas para a vivência do tempo livre, mas uma prática preferencial.

O lazer, a diversão e o entretenimento afirmam-se na modernidade como espaços de vivência e representação de culturas jovens. E na sua dimensão cultural, o lazer vai estabelecer uma estreita relação com os movimentos juvenis. A juvenalização, recurso atualizante da indústria cultural de massas e da incipiente cultura juvenil que se constrói em torno do lazer, comunga os jovens de classe média dos centros urbanos no estabelecimento de um mercado juvenil. Critica-se o lazer, associando-o ao divertimento e êxtase em massa, sem se perceberem seus outros valores (MANNHEIM, 1967: 27). Contudo, esses jovens no espaço concreto de vivência são agentes ativos da modernidade, produtores e consumidores de novos bens, de novas tecnologias e equipamentos de entretenimento e cultura. Ao se relacionar com o lazer tecnologizado do cinema, do rádio, muitos jovens estarão manipulando, experienciando, relacionando-se com novos imaginários, novas sensações, novos valores e atitudes decorrentes dessa relação.

Já os anos 1960, serão marcados, sobretudo, pela entrada da música *rock and roll* como articulador de jovens em torno do divertimento e do lazer. A música surge como veio de protesto ao consumo, e vai se firmar como produto cultural. Centenas de grupos musicais surgem e desaparecem nessa década, na esteira da indústria fonográfica. Por trás do sucesso desses grupos musicais, gestava-se toda uma mudança cultural. Se, num primeiro momento, os jovens compareceram socialmente no movimento trabalhista, depois nos meios estudantis, mais à frente como jovens rebeldes de classe média, na década de 1960, os jovens articulados em torno da música e dos espetáculos musicais vivenciam e representam sua condição sócio-cultural no divertimento e lazer das novas práticas lúdico-musicais. Enquanto forma de articulação de jovens em grupos de pares, os encontros em torno da música aparecem como um dos espaços mais visíveis empiricamente.

Os anos 1960, amplamente estudados em várias disciplinas e aspectos, mostram grupos juvenis vivenciando experiências não apenas musicais, mas políticas, existenciais, filosóficas, corporais, teatrais. Vivendo sob a tensão da guerra fria, da eminência de uma guerra mundial final, grupos juvenis urbanos, principalmente nos EUA e Inglaterra buscarão refúgio e inspiração na vivência do amor livre, nas drogas alucinógenas, em experiências místicas e religiosas. Viver o agora, o presente torna-se modo de vida diante da eminência de um fim, que no momento é representado por um emblemático aparelho telefônico vermelho ligando duas possíveis bombas nucleares¹⁹.

¹⁹ Os quadrinhos dos X-men, Wolverine e Destruitor, da Marvel Entertainment Group, publicados no Brasil pela Editora Abril, em quatro volumes em 1989, representa, num formato artístico gráfico inovador, o conflito nuclear entre as grandes duas potências no contexto da guerra fria, EUA e URSS. Wolverine e Destruitor nessa

Diante da cultura racionalista ocidental da guerra, da técnica e da burocracia dos governos socialistas e capitalistas, grupos jovens parecem transferir os embates do campo da política para o âmbito da cultura, ou a da contracultura, como ficou denominado um dos movimentos culturais de uma juventude desse período. A forma de participação política para alguns grupos jovens será a negação da política institucionalizada. De certa forma, os movimentos da contracultura, em particular o hippie, nasceu de uma perspectiva hedonista: sua política era a da busca do viver o presente, extrair prazer da vida, refugiar-se em meditações e contemplações, aproximar-se do corpo. Como afirma o historiador Antonio Carlos Brandão,

é dentro desse contexto que se insere a grande utopia dos hippies – a construção de um “paraíso aqui e agora”, de “paz e amor”. Para tanto, era fundamental criar seu próprio estilo de vida e cair fora do mundo materialista e racional da sociedade moderna, o que significava ganhar um outro aspecto físico e mental. Daí a criação ds comunidades hippies e a descoberta do misticismo e do psicodelismo das drogas, principalmente o LSD (BRANDÃO, 2002: 51).

Esta utopia revelou-se, no final da década de 1960, em sua lógica, um topos irrealizável para os hippies. A indústria cultural rapidamente, e dentro da razão mercadológica, incorporou a moda hippie aos processos de produção em massa de roupas coloridas, músicas, artesanato. Revistas de modas e estilos de vida ganharam o corpo e o espaço público. O estilo de vida *natural* e *anti-social* hippie, na historicização de Antonio Carlos Brandão,

para o sistema significou o início da assimilação definitiva desse movimento jovem que, através de uma atuante e eficiente indústria fonográfica e cinematográfica, e da criação de um comércio destinado aos hippies, acabou absorvendo as novas idéias para transformá-las em mercadoria (BRANDÃO, op.cit: 57).

O final dos anos 1960 e os anos 1970, nos países do chamado Terceiro Mundo, serão *anos de chumbo* para as juventudes. O conflito entre capitalismo e socialismo embrutece e, como reflexo, países latino-americanos, da América Central e o Brasil enclausuram-se em regimes autoritários e militares. Muitos jovens de classe média e alta, de várias cidades do país, envolvem-se na luta contra esses regimes, desenvolvendo uma intensa militância política. O engajamento político de grupos jovens deixará marcas e impressões comuns de uma juventude homogênea, militante, ativa politicamente. No entanto, esse

série de quadrinhos são dois anti-heróis que sofreram mutações devido ao contato com a energia atômica na explosão em uma usina nuclear, fazendo uma alusão ao ocorrido em Chernobyl em 1986.

período também propiciou a concreção de uma nova forma de ser jovem, dinamizando ainda mais o processo de fragmentação das identidades jovens.

Nas novas relações sócio-culturais dos jovens nas cidades, no período da crescente industrialização e modernização, a produção e o consumo musical surgem como pautas de pertencimento e construção de dinâmicas identitárias. As transformações ocorridas no Brasil, nesse período, irão influenciar profundamente as subjetividades, particularmente dos jovens, expostos às novas formas de sociabilidade nas cidades. O impacto do modo de vida do entretenimento e do cinema, dos movimentos político-estudantis na França e em várias partes do mundo, dos autoritarismos nos países chamados terceiro-mundistas, dos novos e múltiplos movimentos culturais e musicais, das transformações dos espaços urbanos sobre os jovens é concreto, efetivando-se nas novas práticas sócio-culturais e musicais. Será um período de grande efervescência da chamada música popular brasileira. Veiculadas pelo rádio, pelas telenovelas e programas de auditório, a MPB ganha o espaço público e firma-se como opção de lazer ao trazer divertimento, prazer e fruição aos vários grupos sociais inscritos no espaço da cidade.

Nos anos do governo militar no Brasil, pós-1964, ressurgem a idéia da construção da nação brasileira. No bojo da utopia dos governos militares de reconstrução de um modelo de nação, os movimentos culturais e musicais buscarão colocar suas pautas temáticas e reivindicatórias, firmando-se como elemento constituinte das práticas de lazer entre vários grupos e classes sociais. No panorama musical deste período, temos pelo menos três vertentes musicais distintas, disputando os gostos e o mercado: a *jovem guarda* “representando os valores da classe média e o estilo de vida imitativo dos aspectos do rock, do iê-iê-iê, enfim de uma música fácil e de apelo às camadas populares, com letras românticas de amor ingênuo” (SILVA, 2003: 44).

Uma outra corrente, o *Tropicalismo* – ligado à cena da contracultura, ao protesto contra a pregnância do nacionalismo tradicional sobre as estruturas dos movimentos juvenis²⁰ – caracteriza-se pela tentativa de afirmação de novas linguagens músico-espetaculares híbridas e de influências transnacionais, no aproveitamento da cultura pop e de massas. No cerne do projeto tropicalista está a discussão do papel das vanguardas, da estética e da arte.

²⁰ Sobre a influência de estruturas tradicionais sobre os jovens, o exemplo mais cabal é de grupos jovens ligados a uma ala da Igreja Católica denominada Tradição, Família e Propriedade (TFP). Os jovens desse segmento são em sua maioria do sexo masculino, de cabelos bem cortados, ternos escuros e gravata. Católicos fervorosos, eles combatem a reforma agrária e denunciam a infiltração comunista na Igreja. O modo de eles atraírem os jovens para suas reuniões é curioso: eles são convidados para festinhas no sábado à noite e, no local, descobrem que a noiteada começa com orações e termina com doutrinação (*Cem anos de República*. V. 7. Nova Cultural, 1989).

E uma terceira vertente, a da música e de músicos mineiros, que, como veículo da construção cultural musical, foram beber na fonte de suas especificidades, de sua localidade, trazendo em sua pauta o ideário musical voltado para o resgate das tradições folclóricas, a natureza, o barroco mineiro, com temas árcades e religiosos, e, também acompanhando os movimentos da indústria cultural, fazem mistura com o rock internacional.

Se a geração dos anos 1960, particularmente o movimento da contracultura, foi contundente em sua crítica ao consumismo e “rebela-se contra a ideologia da abundância, contrária à complacência com o progresso industrial e a opulência, uma vez que exigia para si o sentido da vida” (DIÓGENES, 1998: 95), já as juventudes dos anos 1970 vivenciarão e experienciarão um período radicalmente outro no Brasil, da implantação de um regime que associado à ideologia do progresso, pautou pela industrialização, modernização e crescimento²¹. No final da década de 1960, vão surgir as primeiras rádios FM. A rede Globo passa a operar em rede no Brasil. Já em 1970, serão 1000 emissoras de rádio no país. Em 1972, a rede Globo inicia a transmissão em cores, quando, também através da utilização do satélite IntelSat²², começa a transmissão em tempo real, ao vivo, dentro do país²³, estendendo uma forma de lazer mais barata e popular para o crescente mercado de bens eletro-eletrônicos.

No Brasil, a partir dos anos 1970, aproximadamente, a relação entre lazer e consumo sofre profundas alterações, no decurso do projeto político-econômico do governo militar. A proliferação das emissoras de rádio e televisão amplia suas emissões e programação junto ao público. É nos grandes centros urbanos, em decorrências das “novidades” da incipiente indústria cultural de consumo e da incipiente *cultura pop*, que os grupos jovens de classe média urbana descobrirão novas formas de ser jovem, produzindo e consumindo vários estilos de vida. As possibilidades de lazer e consumo diversificam-se, principalmente os lazers ligados à indústria fonográfica, cinematográfica e televisiva. Também surgem novos ambientes de lazer eletrônicos, como as casas de fliperama, que, antecipando a *cultura* dos games eletrônicos, seduzem um segmento considerável da juventude nos centros urbanos.

²¹ Ressalvando as importantes críticas ao modelo engendrado, o que se quer mostrar aqui são as novas possibilidades surgidas com o crescimento da oferta de emprego e dos novos bens de consumo. Através da implantação da Zona Franca de Manaus, por exemplo, poderia se ter acesso a vários bens eletrônicos importados livres de vários impostos, numa primeira fase da implantação da ZFM, período de 1967 a 1976. Após este período inicia-se a fase de industrialização de bens de consumo na ZFM.

²² Em meio à ditadura e ao problema dos exilados políticos, o cantor e compositor Paulo Diniz vai se inspirar no satélite IntelSat para escrever os versos de protesto na canção "I want to go back to Bahia" (uma homenagem a Caetano Veloso, então exilado em Londres). Os versos dizem: “via IntelSat eu mando notícias minhas para o Pasquim, beijos para minha amada, que tem saudades e pensa em mim”. Pasquim é nome de um importante jornal alternativo desse período.

²³ Informação disponível em <http://paginas.terra.com.br/lazer/sintonia/brasil.htm>, acesso em 06/02/2006.

O ambiente da cidade, as experiências, sentimentos e emoções compartilhados, ligados à vida urbana conformam um ethos e modela os indivíduos. A rapidez dos contatos, a rotatividade, o culto ao corpo, à estética e ao espetáculo impregnam o imaginário coletivo e individual (SIMMEL, 1987: 11-25). Essa faculdade comum de sentir e experienciar a vida urbana, embora de forma diferenciada, é, particularmente, vivenciada e representada pelos grupos jovens no espaço da cidade, lócus preferido de produção, distribuição e consumo de bens materiais e simbólicos, de performances e estilos de vida. A partir dos anos 1970, o projeto de criação de um mercado nacional consumidor, a industrialização, a expansão demográfica e a crescente e desordenada urbanização trouxeram diversas mudanças nos modos de vida, na política, nas identidades culturais, enfim, na própria maneira de organizar a vida, o corpo, o sexo, a saúde.

Nos anos 1980, as relações entre juventude e lazer serão aprofundadas, com novos espaços e equipamentos de ocupação do tempo livre surgindo e impactando sobre os valores sociais. As instituições criadas para a socialização dos jovens, num modelo civilizatório moderno universal, não mais respondem à complexificação das relações sociais, em face de um mundo cada vez mais segmentado e individualista. O modelo educacional humanista e conteudista, tanto no Brasil como em vários países, explode em contradições e responde com fracasso e abandono de escolas. A economia da recessão, da inflação e do desemprego, que se segue aos tempos do *milagre econômico*, não é capaz de responder aos desejos e necessidades que, a cada dia, se tornam mais distantes e diferenciados para certos grupos juvenis. O futuro torna-se incerto, daí uma avidez pelo presente. Já em 1979, antecipando a proclamada década perdida para a economia dos EUA, Inglaterra e para os países dependentes, os jovens punks de Londres, gritam “No future”, nos ouvidos de Margareth Thatcher e da rainha Elizabeth.

A década de 1980, que pareceu/pretendeu recuar os jovens da produção e consumo cultural e dos espaços públicos e privados de lazer, dentre vários fatores pelo desemprego, a AIDS e a cocaína, foi apenas uma das faces desse período. O desemprego, porque afetou diretamente os custos com o lazer. A Aids, pelas jornadas de moralização, que se seguiu aos casos fatais. A cocaína, pelas novas formas de sociabilidade pautada no dinheiro, no sucesso, na excitação e solidão²⁴. E na articulação entre grupos jovens urbanos consumidores e atores

²⁴ A utilização da problemática da cocaína como leitmotiv e roteiro de filmes varia desde os cult movie, passando pelos dramas e psicodramas, comédias, policiais, filmes com temas das juventudes, a partir dos anos 1980. Percebe-se nestes filmes uma profunda reflexão sobre o terror que teria se iniciado com as novas formas de sociabilidade surgidas com a entrada das drogas pesadas (crack, cocaína, heroína etc) no cotidiano de jovens na cidade, ao contrário das drogas utilizadas nos anos 1970 (maconha e LSD) que sugeriam prazer, e viagens psicodélicas ao usuário. Ver, por exemplo, *Scarface*, de Brian de Palma, de 1983; *Eu, Christiane F, 13 anos, drogada e prostituída*, de Ulrich Edel, de 1981; *Transpotting*, de Danny Boyle de 1996; *Requiem for a dream*, de Darren Aronofsky, de 2000; *Traffic*, de Steven Soderbergh, de 2000.

do tráfico e de formas de sociabilidades violentas. A massificação do divertimento, do lazer e do consumo relaciona-se, de perto, a essas novas sociabilidades jovens.

Mas a década de 1980 assiste também à explosão de movimentos sociais, culturais, sexuais, ambientais, turísticos, tecnológicos, permitindo o surgimento de lutas e avanços mais pontuais, de movimentos mais específicos dentro da extensa rede de relações sociais que se configurava. Vários segmentos sociais posicionam-se em relação a interesses muito específicos. Homossexuais, por exemplo, vão orientar-se para o movimento gay, que depois se desdobra em movimento de gays, lésbicas e simpatizantes (GLS), mais à frente em outro subsegmento de gays, lésbicas, travestis, bissexuais e simpatizantes (GLTBS). São os movimentos ambientais-ecológicos por tal ou qual ambiente, por algum animal em extinção. A dificuldade de se constituir grandes grupos sociais é discutida, por alguns, como reflexo do aprofundamento do individualismo, da competição do mercado, da ausência de uma utopia ou uma ideologia coletiva mais ampla (LASCH, 1983: *passim*).

Brasília, cidade que desde sua fundação abriga uma multiplicidade de culturas regionais que trazem consigo imaginários e narrativas lúdico-musicais específicas, vem se estabelecer, apenas a vinte anos de sua criação como a *capital do rock nacional* (MADEIRA, 1999: 271-89). Segundo narrativas, o Plano Piloto de Brasília seria um lugar do tédio, do nada para se fazer, numa falta de espaços para lazer e divertimento. Esse tédio, esse *dolce far niente* teria sido o combustível para fazer a banda brasiliense *Legião Urbana*, nos anos 1980, explodir sua produção musical. Sem nenhuma metáfora, sobre o tédio em Brasília, uma de suas canções diz: “se eu não tenho nada de interessante prá fazer, tédio com um T, bem grande prá você”. Esse discurso de Brasília como cidade do tédio, do nada para se fazer, com sentido negativo, que pode ser lida nesta música, já nos anos 1980, tem ecos ainda hoje. Mais à frente, será apresentada essa questão que foi discutida com os jovens na pesquisa empírica.

Os anos 1980, no campo da cultura e da vida urbana, vão propiciar novas práticas sociais no lazer e no comportamento dos grupos jovens. Brasília surge como uma das principais cidades brasileiras no cenário musical nacional, inserindo-se na lógica dos mercados de produção cultural. O chamado *Rock de Brasília* vai colocar a capital federal como nicho de uma nova produção musical, inserindo no cenário musical brasileiro uma série de questões ligadas aos problemas vivenciados pelos jovens urbanos nas suas relações íntimas, no lazer, na escola, na família, na política. Temas que as gerações musicais anteriores, pertencentes às várias correntes da MPB, que ora freqüentavam os panteões da indústria fonográfica e do entretenimento, há muito não tratavam em seus repertórios, até porque não vivenciavam mais essas experiências. Se a MPB que dominava a cena musical

nacional pautava pelos arranjos e letras “sérias”, “adultas”, o *rock de Brasília* surge com temáticas jovens, reconfigurando a prática de lazer em torno da música, abrindo espaços para a afirmação e explosão da música não somente como prática de lazer, mas também como articuladora de grupos jovens (DAYRELL, 1999).

Dessa forma, as juventudes dos anos 1980 vão aparecer, no cenário urbano, articuladas em torno de grupos de estilos, onde a música e modos espetaculares de aparecimento surgem como identificadores. O sociólogo Juarez Dayrell (idem) enfatiza a dimensão simbólica desses grupos jovens, e não mais a dimensão concreta do protesto e da reivindicação. A política, lugar utópico de encontros e desencontros de grupos jovens da década de 1970, dá lugar aos espaços concretos de vivência. Esses novos lugares de encontro de certos jovens podem ser lidos como os *espaços outros*, de Foucault (apud ALMEIDA, 2003), onde é possível aos jovens vivenciarem experiências de forma concreta e não apenas imaginada. Alguns autores vêm apontando a transferência do enfrentamento dos conflitos sociais, resultantes das instâncias político-econômicas, para a esfera da cultura, particularmente da música (DAYRELL, ibidem). As práticas de lazer musicais, artísticas e culturais, com suas características de desenvolvimento pessoal e coletivo, com seu chamado de espontaneidade, de ludicidade atraindo e confirma a participação e o envolvimento de grupos jovens no lazer.

Jovens do Plano Piloto desse período parecem refletir o que se apresentou, acima, sobre a atitude ambivalente de recusa e aceitação dos bens e valores da indústria cultural. A música e a moda são trespassadas pelo modo de vida urbano, importado e execrado: sob a influência do punk rock inglês e americano, grupos musicais de Brasília, do Plano Piloto como *Aborto Elétrico* (depois *Legião Urbana*), *Capital Inicial*, *Paralamas do Sucesso*, *Detrito Federal* vão trazer para as letras de suas canções temas distintamente urbanos²⁵. Distanciando-se das temáticas das principais vertentes da música popular brasileira, institucionalizada na MPB, e dialogando com os novos símbolos e valores transnacionais²⁶, de grupos jovens urbanos o *rock de Brasília* ganhará as rádios FMs e os gostos juvenis. É

25 Embora haja diferenças entre “a letra no corpo da música e a letra no corpo do papel” (DINIZ, 1999: 40-6), aspecto metodológico fundamental a ser pensado quando da utilização desse material enquanto fonte documental e que não discutiremos aqui por não ser o caso dessa pesquisa, muitas canções desse período vão remeter a bens materiais e simbólicos da indústria cultural, negando-os, mas utilizando-os, por exemplo, uma música que se tornou um dos clássicos desses anos 1980, a canção *Geração Coca-Cola* do Legião Urbana é um documento emblemático. Diz a letra desta música: “Quando nascemos fomos programados a receber o que vocês nos empurraram com os enlatados dos USA de 9 às 6h. Desde pequeno nos comemos lixo Comercial e Industrial. Mas agora chegou a nossa vez, vamos cuspir de volta o lixo em cima de vocês”. Uma espécie de Antropofagia dos produtos da indústria cultural.

²⁶ Os símbolos transnacionais seriam para Renato Ortiz “resultado de uma ‘cultura internacional popular’, com uma memória coletiva feita com fragmentos de diferentes nações; de um imaginário multilocalizado que a

quando, segundo BIVAR (2001), surgem os indícios do que se configurará como o pop/rock nacional de qualidade internacional na produção, distribuição e consumo.

Nos anos 1980, música, pequenos espaços para apresentação de pequenos grupos musicais, porta de lojas de discos, bares se interagem e formam uma ambiência para grupos de estilos específicos frequentarem, num processo de segmentação extrema das tribos urbanas (MAFFESOLI, 1997: 140-44). O visual e a opção musical são os grandes deflagradores de pertencimentos. A década de 1980 vai trazer para a cena urbana uma série de grupos de estilos jovens, que se convencionou chamarem de *tribos urbanas*. Todos eles ligados, de algum modo, em torno de um estilo musical, de uma prática de lazer, de formas associativas e de uma estética lúdica. No Brasil será a maioria para a indústria do lazer e do entretenimento que anexam outros elementos à sua prática e produção: computador, vídeo cassete, CD, computação gráfica, videogame, VHS²⁷. Do lado dos grupos jovens, os estilos se proliferam: rocker, punk, dark, gótico, metaleiros, yuppie, rap, dentre outros tantos (MADEIRA, *op. cit.*).

No âmbito da indústria de lazer explicitam-se grandes contradições: de um lado, o surgimento de enormes templos de consumo, *shopping centers*, academias, e novos equipamentos e espaços de lazer ofertados à classe média e alta aprofunda o enlace lazer e consumo. O consumo avançando sobre a gratuidade e a “positividade” do lazer. De outro, a carência de lazer nas comunidades e áreas periféricas desprotegidas de infra-estrutura urbana e de políticas sociais específicas. A contradição entre essas duas realidades sociais concretas configura novas formas de sociabilidades urbanas, onde a violência aparece como um dos conteúdos centrais.

Nos anos 1990/2000, a discussão em torno do lazer e do tempo livre e sobre grupos juvenis urbanos ganha destaque nos debates midiáticos, acadêmicos e no cotidiano. De um lado, a afirmação da indústria do lazer enquanto prática generalizada e generalizante insuflada de uma potência de consumo; e, de outro lado, a carência e as alternativas de lazer em determinados espaços públicos e para determinados grupos jovens urbanos. Estudos que relacionam juventude e violência são desenvolvidos em várias disciplinas, desde a antropologia, pedagogia, psicanálise, psicologia, sociologia (ZALUAR, 2003; WALSELFISZ, 1998).

televisão e a publicidade reúnem: ídolos do cinema hollywoodiano e da música pop, logotipos de jeans, cartões de crédito” (ORTIZ, apud Canclini, 2005: 68).

²⁷ É preciso deixar claro aqui que quando se fala em anexar novas formas de equipamentos, tecnologias e produtos de lazer não se está suprimindo outros equipamentos, jogos, brincadeiras e divertimentos tradicionais, anteriores, nem mesmo atuais que possuem outras especificidades. Não necessariamente um lazer desaparece para que surja outro, nem mesmo as novas tecnologias impossibilitam o surgimento de novos lazers não tecnológicos, eletrônicos ou de outra espécie qualquer.

Fez-se esse percurso histórico e sociológico para se traçar uma definição de lazer que contemple suas várias dimensões. Assim, o lazer é proposto como escolha pessoal, embora haja limites sócio-culturais e econômicos. Uma atividade gratuita, embora nunca inteiramente, o é mais que as rotinas do trabalho, da escola, da igreja. O lazer como reposição de energia para o trabalho, mas também como enriquecimento, aquisição de informação. Como descanso, divertimento e crescimento pessoal ou coletivo. E, por fim, lazer como consumo. Dito de outro modo, as práticas de lazer favorecem novas formas de pensar, vivenciar e representar sua relação com os grupos jovens e formas alternativas e correlatas de sociabilidades.

No entanto, busca-se afirmar, problematizar e definir o lazer e as práticas do tempo livre como momentos para o encontro, o divertimento, a crítica, o riso, o gozo, a zombaria, transformando esse tempo num espaço lúdico, de consumo, mas também de criação e recriação cultural. Assim, as práticas associativas de lazer noturno, nos espaços dos bares, das festas ganham um papel social e sociológico importante. Será que o modo de ser, de se apresentar e de se representar, já não são um componente de divertimento e lazer importante nos espaços dos bares?

Os dados empíricos, levantados na pesquisa, sobre produção e consumo de grupos jovens do Plano Piloto mostram a participação e o envolvimento destes grupos nos espaços de lazer noturno na cidade. Produzindo festas, shows, e eventos similares, freqüentando os espaços dos bares e das festas, planejando estratégias de publicização dos eventos, distribuindo *flyers*, enfim, acompanhando toda a cadeia de produção dessas práticas de lazer, esses jovens comparecem como atores ativos do processo de reapropriação e reconfiguração das formas e conteúdos do lazer. Eles selecionam, escolhem os produtos e as formas de produção e consumo a serem vivenciadas e representadas. Embora trabalhando com produtos materiais e simbólicos ligados à indústria cultural de massas de tendências e estilos homogeneizantes, esses jovens produtores e consumidores são chamados a escolhas, vivências e participações ativas. Como argumenta Néstor Canclini,

o consumo serve para pensar. Quando selecionamos os bens e nos apropriamos deles, definimos o que consideramos publicamente valioso, bem como os modos de nos integrarmos e nos distinguirmos na sociedade, de combinarmos o pragmático e o aprazível (CANCLINI, 2005: 35).

O crescente processo de urbanização tem contribuído para o desaparecimento de manifestações culturais populares, mas o cotidiano do lazer nos bares, por exemplo, reserva espaço para a crítica dos costumes, da política, para o debate efervescente e despidorado dos

temas do cotidiano. Pode-se dizer que uma simples reunião em torno de uma mesa de bar não significa participação política, contudo não corresponde necessariamente à passividade. O lazer no bar comparece como sentidos de vida, de movimento, de alegria, de animação, de provocação de estímulos, de pragmatismo. Com um sentido de *anima*, de dar vida e ânimos aos frequentadores e colorir o espaço do divertimento e do prazer.

1.3 Juventudes

O lazer ocupa, hoje, grande parte do interesse e do tempo livre das juventudes, que se reúnem em torno de grupos sociais e de estilos, não apenas para o divertimento, mas também pelo desejo de construírem e firmarem uma nova identidade e pertencerem a um novo grupo social (GROPPO, 2000). O antropólogo Gilberto Velho (1986) considera que ao lado de ideologias individualistas coexistem, na modernidade, mecanismos sócio-culturais onde a reciprocidade entre os pares e grupos sociais, particularmente entre os jovens, nos termos de Simmel, ocupa posição central na construção e elaboração das identidades sociais dos indivíduos. Para Karl Mannheim, um dos primeiros teóricos da juventude, a identidade se afirma enquanto categoria social, quando se constitui em grupos sociais, pois

pertencemos a um grupo não só porque nascemos nele, não apenas por confessarmos pertencer a ele e, por último, não porque lhe prestamos nossa lealdade e fidelidade, mas principalmente porque vemos o mundo e certas coisas no mundo da maneira como ele vê (MANNHEIM, 1960: 19).

A condição identitária pelo pertencimento coletivo ratifica o entendimento da subjetividade dos jovens, na modernidade, como uma subjetividade social. Ou seja, sua vivência em espaços sócio-culturais múltiplos, materiais e imateriais, orienta a expressão de novos valores, atitudes, disposições e comportamentos ligados a uma nova realidade. Nessa realidade, a conversa, o sexo, a bebida, as drogas, às vezes surgem como elementos da estrutura de práticas de lazer, herdeiros de imaginários e ideários de certos agrupamentos jovens.

Ao longo das últimas décadas, embora muitos autores afirmem um aprofundamento do individualismo, pode-se retirar da leitura de Michel Maffesoli, seguindo a tradição da sociologia durkheimiana, uma volta a experiências coletivas, um renascimento de tribalismos e sinergias de solidariedade, de agrupamentos. Continuando no raciocínio de Maffesoli (2004), aceita-se a proposta de que estaria em vigor um processo de volta das pertencas grupais, locais.

A identidade dos indivíduos passa, quase sempre, por uma ligação com outros pares, o que, de certa forma, negativiza ou positiviza certos valores, atitudes e comportamentos. Ou seja, as relações pulsionais e coletivas produzem comportamentos que fazem o indivíduo jovem parecer e pertencer ao coletivo, não de forma exclusiva ou diferente, mas com afinidades e interesses simbólicos e culturais, seja pela idéia de “cultura juvenil” ou pela questão do pertencimento sócio-cultural (GUATARRI, 1981, 2000; ROLNIK, 2000). Isso não significa, anacronicamente, consciência coletiva, mas não existe nenhuma incompatibilidade

entre um indivíduo ser singular e compartilhar características com outros do seu grupo e/ou com símbolos ligados aos seus grupos.

O presente estudo parte da premissa que toda identidade é construída social e simbolicamente. Para a presente argumentação, essa construção sócio-simbólica da identidade dos jovens, tem nos espaços de lazeres um dos aspectos diferenciadores das múltiplas identidades, que ora emergem e proliferam em várias formas de ser jovem. É no espaço do lazer e dos encontros que os indivíduos, particularmente os jovens, vão trocar experiências com a moda, a música, e vários outros bens materiais e simbólicos que lhe propiciam o julgar e ser julgado, dentro de um contexto da imitação, negação e aceitação, “recitando textos escritos por outros” (MAFFESOLI, 1997: 140), fazendo, porém, suas recriações. Apropriando e ressignificando, produzindo e reproduzindo os bens culturais no processo de transmissão das heranças dos grupos sociais.

Os estudos sobre as gerações, de Karl Mannheim, irão perceber o liame entre as gerações na condução das heranças culturais, ao observar a variabilidade das faixas etárias dentro das unidades de geração. Segundo seu raciocínio, elas geracionais são criadas e recriadas entre os jovens no processo de seleção e transmissão cultural, através de grupos juvenis compostos por indivíduos etariamente heterogêneos. Podemos ver entre jovens do Plano Piloto, no aspecto dos estilos jovens ligados à música, à indústria cultural e à moda, uma vivência e representação desses vários estilos surgidos na década de 1980. Embora novos elementos sejam anexados e outros ressignificados, muitos desses estilos são marcas identitárias de uma memória e imaginário representativos de culturas jovens desencadeadas a partir dos anos 1970, particularmente da década de 1980.

O importante desse raciocínio de Karl Mannheim é que ele inova o material teórico-metodológico para os estudos sobre juventudes e, mais precisamente, para o problema das gerações, seus sentidos e direções possíveis. Para esse sociólogo, as gerações mais novas, chegando aos processos sociais, irão trabalhar a herança simbólica e sócio-cultural de forma concreta. O sentido que imprimirão ao material herdado pode ser de conservação ou de renovação. Não há, para o autor, na realidade, uma identidade juvenil homogeneamente progressista ou conservadora, com o tradicional e o novo caminhando sem grandes dicotomias.

Vários são os conceitos de juventude, surgidos a partir do desenvolvimento da sociologia, da observação e pesquisa das vivências juvenis múltiplas na sociedade moderna. Muitos pesquisadores tratam de várias maneiras os jovens, nos estudos sociológicos sobre juventude. Assim sendo, é preciso, de início, precisar as concepções de juventude que se

relacionam com o objeto de pesquisa, qual seja juventude e lazer. Não é uma tarefa fácil, principalmente se partimos do pressuposto de que a juventude, nessa nova modernidade fluída, fragmentada, da contemporaneidade, vai ser percebida sociologicamente como vária, diversa, plural (BAUMAN, 2001; CARMO, 2001).

Questões ligadas a classe, gênero, etnia, entre outras, passam a importar na construção da identidade dos jovens, nos seus projetos de vida coletivo e individual. Também essas questões passam a interrogar a sociologia sobre a construção da categoria social juventude. No presente trabalho, afirma-se que dentre os fatores que afetam as múltiplas identidades dos jovens, o tempo livre e o lazer são diferenciadores na construção dessas identidades. A forma como os grupos juvenis se relacionam com o lazer revela condições importantes de representação e vivência juvenil.

Vejam as concepções com que aqui se pretende trabalhar, quando se fala em juventude e práticas de lazer, ambas categorias de difícil definição. No âmbito dessa pesquisa, tanto juventude como lazer compreendem um campo semântico ampliado. Corrobora-se a tese de que a juventude somente pode ser pensada e construída enquanto categoria sociológica se tomada em conta sua condição sócio-cultural concreta, suas especificidades de classe, etnia, gênero, além de outras (GROPPO, 2000; CARDOSO, 1995; MARGULIS, 2001).

Como muitos cientistas sociais vêm apontando, a experiência temporal é marcadamente qualitativa, e o tempo é percebido pelos indivíduos a partir de marcos significativos que particularizam momentos do fluxo cotidiano. A descontinuidade entre o tempo social e o tempo vivenciado pelos jovens é um dos problemas enfrentados pela sociologia na definição de juventude²⁸. Isso reflete, por exemplo, no problema da definição das faixas etárias. Empiricamente, muitos indivíduos caracterizados, bio-fisiologicamente, como jovens, podem estar vivenciando experiências sociais ligados à faixa etária adulta ou à infância.

Essa dualidade temporal, presente na vida dos jovens, torna difícil a demarcação de conteúdos próprios do que se poderia separar, metodologicamente, como um ethos juvenil homogêneo, ou característica genérica da juventude, pois se os jovens trazem e vivenciam o novo, também apreendem e se orientam pelo antigo, pelo tradicional, através do complexo

²⁸ Há várias noções de tempo que podem ser apresentadas, afirmadas ou negadas como questões científicas ou filosóficas. Contudo, a idéia de tempo social, cara a Durkheim, na sua discussão sobre as categorias de entendimento de Kant, remete tempo à idéia de movimento. Nesse sentido, para Durkheim, a categoria tempo é expressa socialmente e ele próprio, o tempo, pode ser visto como instituição social. A concepção de tempo, associada aos contextos sociais, enfatiza a dimensão relacional do tempo, ao mesmo tempo em que aponta a variação social como essencial. Daí a possibilidade de se pensar grupos sociais específicos partilhando, através de vivências específicas, relações particulares com o tempo.

processo de socialização. E se os jovens vivem o tempo regulado pelas obrigações sociais, também desconstruem o tempo social numa vivência amplificada no tempo que lhe é livre.

Jovens freqüentadores de bares e festas e eventos similares acabam, muitas vezes, realizando um prolongamento dia/noite, já que, estudando ou trabalhando, pressionados e cerceados pelas forças da pontualidade da vida social institucionalizada, sobra-lhes, senão, momentos de fuga e lazer cotidiano para períodos de tempo livre durante a noite. Brasília favorece o lazer noturno em torno de bares. Embora exista lei no sentido de regular o horário de funcionamento de bares e tentativas de cerceamento de suas atividades por alguns moradores das quadras, na prática muitos bares em Brasília e no Plano Piloto estendem suas atividades até a madrugada. Veja a seguinte reportagem sobre a *lei Seca*, baixada em 2002:

No segundo dia de adoção da Lei Seca, em todo o Distrito Federal, vários bares, quiosques e restaurantes ignoraram a limitação de horário de funcionamento e permaneceram abertos durante a madrugada. E não era preciso vasculhar becos e ruas em busca de provas do desrespeito. Guará, Taguatinga, Cruzeiro, Sudoeste, e em praticamente todas as cidades onde a classe média é predominante, havia bares e quiosques servindo bebida alcoólica depois do horário permitido. Segundo a portaria que instituiu a Lei Seca, os horários de fechamento desses estabelecimentos vão de 22h às 3h, dependendo da classe do estabelecimento, se quiosque ou bar, e da área em que está instalado, se comercial, residencial ou de uso misto. Segundo acordo feito entre a secretária da Coordenação das Administrações Regionais, o administrador de Brasília e o secretário de Segurança Pública (SSP), a restrição do horário de fechamento só será imposta ao Plano Piloto se os índices de criminalidade da cidade aumentarem²⁹.

Ou seja, no tempo livre, talvez muitos jovens busquem multiplicar este tempo prolongando-se até mais tarde nos bares, numa festa, na rua, num certo frenesi com os eventos que a cidade propicia e que, entre determinados grupos jovens, faz o Plano Piloto ser uma cidade do barulho. Com uma vida noturna intensa, cotidiana, presente. Viver intensamente é uma das representações correntes vividas pelos jovens. Segundo a entrevistada *Nana dos Cristais*, isto se explica em Brasília: “a falta de eventos culturais propicia uma vida noturna mais intensa. Somos jovens, queremos diversão, emoção, paixão, tesão e ação”. Assim, a segunda opção se torna a prática imediata. Para outro entrevistado, *Dududu.*, o presente seria um resumo instantâneo, um tempo comprimido no espaço: “É no presente que eu vivo; aprendo com o passado, sonho com o futuro e me planejo e ajo pra que o futuro se torne realidade agora, no presente”.

Para Zigmunt Bauman, essa vivência do presente pode até ser uma saída, uma opção de vida, mas o instantâneo levaria a uma indiferença com a construção de projetos para o

futuro (BAUMAN: 1983), podendo essa vivência vertiginosa do tempo do instante, do fugaz e da busca excitante pelo divertimento e prazer, traduzir-se, por exemplo, no encurtamento da vida de muitos jovens, os quais, envolvidos em trajetórias *velozes e furiosas*, acabam trafegando entre fronteiras que aproximam perigosamente atitudes de vida e de morte, de risco enfim. Os riscos ameaçam alguns jovens. Contudo também a insegurança das sociedades modernas torna a vida juvenil insegura, ambígua.

Essa vivência intensa, cotidiana do presente por parte de muitos jovens é observada da seguinte maneira pela entrevistada *Maria Maria*,

esse individualismo exacerbado é o principal problema dos jovens de classe média, talvez ele seja um dos grandes culpados pelo crescimento da violência urbana. Ninguém tem um projeto coletivo pra sua vida, ninguém pensa no outro. Cada um só pensa em si mesmo, no tal *carpe diem*, em aproveitar o hoje ao máximo e que se dane o amanhã.

Estudando jovens do Plano Piloto, pode-se perceber certas homogeneidades, como nível sócio-econômico, certas práticas de linguagens semelhantes, padrões de consumo material e cultural similares; mas aspectos heterogêneos se sobressaem quando se considera as individualidades, resultantes das múltiplas interações sociais. *Maria Maria*, em outro momento da entrevista, se inclui e exclui de uma possível homogeneidade juvenil quando afirma que

sinceramente, os jovens do Plano Piloto são, em grande maioria, uns babacas. Ninguém tem um projeto coletivo pra sua vida, ninguém pensa no outro. Cada um só pensa em si mesmo, no tal *carpe diem*, em aproveitar o hoje ao máximo e que se dane o amanhã. Só que existe um amanhã, e nossos atos de hoje são o que determinam nossa vida e também a de inúmeras outras pessoas amanhã. Por exemplo, todo mundo quer entrar pra UnB, ter diploma, trabalhar com tal coisa, ganhar grana, mas ninguém, ao entrar na faculdade, tem um projeto coletivo, pensa: “como poderei retornar à sociedade esses anos de estudo que ela me proporcionou?”.

Como argumenta Zigmunt Bauman, na modernidade, por ele chamada de *modernidade líquida*, não há mais espaços para projetos de médio ou longo prazo, não há futuro. E se não há futuro, os jovens serão bastante afetados, pois se descortinam para eles uma paisagem insólita, desregulada, imprevisível. Os jovens seriam afetados, na medida em que não podem mais fazer planos de construção de uma carreira profissional, de projetos de vida, pois, no mundo desregulado, num momento ele está no mercado de trabalho, em outro fica fora. Essas inseguranças escorrem para as relações de amizade, amor. Daí os contatos

²⁹ Disponível em www2.correioweb.com.br/cw/2002-03-16/mat_36656.htm, consultado em 19/01/2006

rápidos que as sociedades da rapidez promovem, como bem observaram ALMEIDA e TRACY (2003: 55-7) em suas pesquisas sobre espaço e subjetividades nos centros urbanos, fazendo referência à prática do *ficar*, forma de sociabilidade amorosa, tão em voga entre jovens na atualidade.

Para cada grupo juvenil, fragmentados na modernidade, sociologicamente existiriam certas regras, normas, expectativas, maneiras de agir e pensar específicos. Determinados gestos ou símbolos, por exemplo, significam “verdades enfáticas”, formas de pertencimento, e mais, elemento que mantém o grupo social, que constrói, segundo Simmel, a sociação. Essa singularidade e pluralidade dos grupos jovens, como trajeto teórico-metodológico, implica olhar de perto o objeto socialmente construído. Como ensina Pierre Bourdieu (1983), a juventude não é um dado, mas uma construção social, segundo uma disposição de direitos e deveres das posições conquistadas. Construção social iniciada com a modernidade, agenciadora de valores e projetos constitutivos do que se convencionou como o novo, o jovem.

Observamos essa construção social dos jovens na primeira parte da dissertação, quando tratamos da relação entre juventude e lazer na modernidade. Anotou-se as instituições sociais presentes na construção da categoria juventude: trabalho, escola, política, indústria do lazer e entretenimento. Procurando a implicação do lazer na construção das identidades jovens, vimos que a partir dos anos 1950 intensificam-se os encontros entre os jovens e o lazer, particularmente, e, contudo, é importante ressaltar esse interesse da sociedade e suas várias instituições sociais em socializar e construir um modelo homogêneo de ser jovem.

Historicizando, desde as primeiras pesquisas etnográficas de Margareth Mead sobre a juventude em Samoa, passando pelo sociólogo Karl Mannheim, pelos estudos sobre delinquência juvenil da famosa Escola de Chicago, até os recentes estudos que priorizam as especificidades sócio-culturais juvenis, várias são as entradas para se pensar a categoria juventude. Segundo CARDOSO e SAMPAIO (1995: 14-20) de uma maneira geral existiriam duas concepções sobre a identidade jovem. De um lado, uma corrente teórica que, associando os jovens a contextos de grandes transformações sociais, entende a juventude como uma identidade homogênea, genérica. Nessa perspectiva a juventude seria uma fase da vida que todos os indivíduos experienciam numa determinada época. A definição de uma faixa etária, para essa corrente seria um fator importante. Como exemplos de estudos que tomam a juventude como uma categoria genérica as autoras citam Karl Mannheim e seus estudos sobre as gerações. Contudo ressalvam, neste autor, a época de sua escrita.

Como corolário, na perspectiva desses estudos sobre juventude, um dos problemas apresentados seria a função dos jovens na transmissão das heranças sócio-culturais. Ou seja, os modos como as gerações mais novas conduzem a transmissão das heranças culturais, transgredindo-as ou conservando-as. Nesta concepção, a juventude traz o caráter de agente da transformação sócio-cultural, para o bem ou para o mal.

Seguindo a perspectiva dos estudos geracionais, importa para a presente pesquisa, o papel de grupos jovens do Plano Piloto na produção e consumo de práticas de lazer noturno, na transmissão e atualização de certos estilos e tradições jovens, por exemplo, quando selecionam determinados formatos musicais para as festas, ou seja, o estilo musical que a acompanha. Também transmitem heranças quando dão nomes aos eventos que realizam. É importante anotar que todas as festas e eventos noturnos em torno destas juventudes do Plano Piloto têm um nome. Segundo o entrevistado *Let's boy*. “as festas têm de ter um nome”. O nome anuncia e marca o evento, dá a ele aspectos de regularidade sociológica, ao unir em torno do acontecimento grupos jovens que se identificam com o imaginário implícito nesse nome, pois este diz sobre ela, sobre o estilo, a música, o visual, as pessoas que estarão na festa, o conteúdo da forma.

Segundo uma produtora de festas, *Manda C*, , primeiro é preciso saber que público se quer no evento. Estabelecido esse público, parte-se para o imaginário ao qual este público está ligado. No caso de festas em casa noturnas, o estilo musical é determinante, para esta produtora a música importa muito. A grade do espaço de eventos noturnos *Gate's Pub* conhece de perto a relação entre público e música. De segunda-feira a domingo o *Gate's*, sem o *Pub*, como é chamado entre os frequentadores, atrai diferenciados grupos de estilo jovem para a vivência noturna, ligando-os ao imaginário estético-musical das várias tendências e estilos que vêm se firmando entre os diferentes estilos musicais nos múltiplos espaços de lazer nas últimas décadas.

Assim, seguindo Karl Mannheim, corrobora-se a idéia de que as gerações recém-chegadas aos processos sociais e as anteriores vão encadeando formas relacionais, descontínuas e fragmentadas, através das unidades de geração, que se constituem nos fluxos diferenciados da profusão de estilos, vividos e representados pelos diferentes jovens. No interior da especificidade dos grupos, reelaboram-se heranças culturais. E, ao se tomar as gerações umas às outras como referência na reelaboração dos móveis culturais recebidos, cria-se o elo entre as gerações, que propicia certas tradições de lazer e juventude.

Uma outra concepção de identidade jovem vislumbrou-se com os estudos da Escola de Chicago, que passa a perceber a especificidade e heterogeneidade dos grupos jovens no meio

urbano. As noções de cultura e subcultura são lançadas nessa segunda forma de abordar e conceituar a identidade juvenil. Nessa concepção, os jovens passam a ser vinculados a seus contextos históricos concretos, não mais como figuras abstratas ou genéricas. Daí a importância das diferenças econômicas, culturais, anotadas acima. Os estudos sobre gangues e subculturas jovens marcam essa concepção, colocando os jovens como agentes de movimentos culturais urbanos específicos.

Através da participação ativa, passiva, lúdica, nas transformações do século XX, com seu dinamismo ligado às novidades, grupos juvenis vivenciam e representam valores, atitudes e comportamentos *progressistas* e mesmo *conservadores*³⁰ como parte do processo histórico de construção de suas identidades (GROPPO, 2000). À guisa de a imagem do jovem aparecer filiada à rebeldia e à revolução, é preciso, contudo, parametrar sua forma de inserção na dinâmica social, e o impacto do contexto econômico, político, sócio-cultural, do tempo livre em suas mentalidades. Para o antropólogo português José Machado Pais, certos jovens estão atravessando uma construção identitária que ele cunhou de *trajetória de vida yô-yô*, pois, em suas palavras,

os jovens sentem sua vida marcada por crescentes inconstâncias, flutuações, descontinuidades, reversibilidades, movimentos autênticos de vaivém: saem de casa dos pais, para um qualquer dia voltarem; abandonam os estudos, para os retomarem tempos passados; encontram um emprego, e em qualquer momento se vêem sem ele... São estes movimentos oscilatórios e reversíveis que o recurso à metáfora do *yô-yô* ajuda a expressar (PAIS, 2001: 69).

Para muitos jovens, o trabalho é condição para o lazer e, de qualquer forma, diversas formas de entretenimento e lazer estão ligadas à lógica do consumo, e do pertencimento pelo consumo³¹. A relação entre juventude e lazer, ligada aos imaginários construídos pela indústria do consumo, talvez explique muito os problemas atuais de determinadas formas de violência entre jovens nos espaços urbanos. Tem-se que a fronteira entre divertimento e violência pode ser muito tênue. Daí um dos aspectos da difícil definição de lazer.

Contudo, no Plano Piloto de Brasília, entre os jovens pesquisados, suas realidades sócio-econômicas podem favorecer em muito o tempo livre em torno do espaço do lazer e do entretenimento de consumo. Na realidade atual, em que o tempo livre aumenta, dentre outros fatores pela imposição do excludente mercado de trabalho, pela expansão da moratória

³⁰ Karl Manheim (1967: 52) discute esse problema da condição juvenil, que, embora ligada à idéia de revolução, de rebeldia, não necessariamente seja ela progressista, podendo acontecer de a juventude ser conservadora, como mostraram os movimentos juvenis fascista e nazista.

³¹ O ser e o pertencer pelo consumo têm sido temas exaustivamente pesquisados nas áreas das ciências humanas e sociais. Dentre alguns pensadores dessa problemática, ver, por exemplo, Guy Debord, Jean Baudrillard, Zygmunt Bauman, Nestor Canclini.

juvenil, por exemplo, devido às novas regras da previdência pública, é de se esperar que esses jovens possam vivenciar uma maior quantidade de tempo livre. Um dos problemas do tempo livre de muitos grupos jovens é exatamente como eles irão utilizar ou vêm utilizando esse tempo.

Os pioneiros pesquisadores da Escola de Chicago, célebres por seus estudos sobre criminalidade, desvio e delinquência juvenil, fornecem um rico material teórico e metodológico para o estudo de certos agrupamentos jovens ligados aos conflitos nos grandes centros urbanos. A partir das pesquisas de Chicago, pode-se compreender melhor a relação entre a espacialidade, os territórios e novas sociabilidades jovens. No caso específico da Escola de Chicago, Robert Park, Frederick Thrasher e Ernest Burgess, no estudo de gangues, vão fazer uso de conceitos como rivalidade, conflito, adaptação e assimilação para propor uma teorização sobre os processos de socialização das juventudes nas periferias de Chicago. Ou, mais especificamente, como definiu Thrasher, nos espaços *intersticiais* de conflitos nos centros urbanos norte-americanos (THRASHER apud COULON, 1995: 62).

Para Frederick Thrasher, pioneiro sociólogo de Chicago, os conflitos entre gangues de jovens viriam da situação complexa em que certos grupos jovens se encontram no arranjo social. Levantando o problema da territorialidade de grupos jovens como elemento diferenciador da juventude, esse sociólogo irá tocar no problema da segmentação juvenil entre as classes sociais excluídas e segregadas economicamente como uma primeira variável importante na classificação de grupos jovens (COULON, idem: 61-6).

Um outro aspecto a ser acompanhado ao longo da história e da sociologia das juventudes é a questão do gênero. Sempre idade e sexo foram utilizados historicamente como base das classificações sociais, e principalmente as faixas etárias, quando se pesquisam grupos jovens. É um dos problemas colocados pela sociologia da juventude a divisão dos ciclos da vida em etapas. As divergências quanto à cronologização do curso da vida refere-se nas representações sociais dos jovens e situações concretas vividas pela juventude. Porém se alguns estudos apontam novas definições e resoluções ao problema das configurações de idade, contudo é ainda tímida uma sociologia das juventudes femininas. Historicamente, no caso de estudos sociológicos sobre a juventude, o foco têm se centrado sobre grupos jovens masculinos.

Tomando estes aspectos que marcam determinadas formas de juventude, acertam os pesquisadores da juventude, na sociologia contemporânea, quando teorizam, atualizando a categoria juventude como uma significação heterogênea. Ou seja, já não se pode falar, sociologicamente, mais senão em juventudes no plural. O jovem rico e o pobre, o negro e o

branco, o homem e a mulher são apenas algumas diferenças, além do problema da idade e geração. Na verdade, existem diferentes maneiras e modos de ser jovem na heterogeneidade econômica, social e cultural da modernidade, onde transitam fluxos de identidades, de possibilidades e códigos culturais múltiplos e diferenciados (MARGULIS, 2001; REZENDE, 1989; GROppo, 2000; CARMO, 2001). Nessa perspectiva, da juventude enquanto categoria sociológica heterogênea, pretende-se a presente dissertação.

Como se afirmou acima, o problema do tempo torna difícil a definição da categoria juventude. A delimitação por faixas etárias, como por exemplo, de 15 a 21 anos, ou de 18 a 28 anos traz diversos problemas na categorização do que seria jovem. Os limites entre ser criança, adolescente ou adulto são tênues, em muitos aspectos, e variam de sociedade para sociedade. A categorização por faixas etárias tem acompanhado, contudo várias outras categorias sociais.

Na presente pesquisa, toma-se por jovens, indivíduos que vivenciam espaços de lazer juvenilizados e juvenilizantes, por acreditar que esses possam fornecer, como agentes ativos dos processos sócio-culturais, elementos para uma análise e compreensão das novas sociabilidades nos espaços de lazer. A juventude, numa definição prévia para nossos fins de pesquisa, diz respeito a um período da vida dos indivíduos em que eles, inseridos em novos espaços de socialização e novas redes de sociabilidade, estariam construindo e reconstruindo suas identificações e identidades, seus projetos de vida coletivos e individuais. Em termos empíricos encontramos/selecionamos para a pesquisa indivíduos homens e mulheres entre 18 e 29 anos de idades.

Em síntese, o que tem caracterizado os estudos no campo da sociologia da juventude tem sido as duas correntes teóricas apresentadas, uma de tendência mais genérica considerando a identidade juvenil de forma homogênea e estabelecendo uma relação entre juventude e processos sócio-biológicos, e mesmo a grandes processos de mudanças individuais e sociais. Outra corrente, no campo oposto, considera as manifestações contextualizadas, concretas das diversas formas de ser jovem, que devem levar em conta experiências de classe, gênero, cultura etc. Essa corrente, compreendendo os jovens a partir de suas especificidades possibilita uma visão particular, ao mesmo tempo servem ao desvelamento de certos contornos homogeneizantes criados por uma categorização social ampla da juventude.

De qualquer modo ambas correntes possuem seus limites e aberturas. Por outro lado, hoje a sociologia tem se ocupado de questões mais específicas sobre o tema da juventude. E ao estudar casos específicos e novas maneiras de ser jovem, acabam articulando diálogos com

outros estudos e pesquisas, e nesse sentido, exploram as semelhanças e diferenças nos processos de construção das identidades jovens. Para a presente pesquisa importa, ao tomar os espaços de lazer como diferenciadores da identidade, atentar para a diversidade dos espaços urbanos contemporâneos, que servem de pano de fundo sobre o qual proliferam várias formas de ser jovem.

O Plano Piloto da cidade de Brasília, dentro dessa diversidade de espaços, é um lugar bastante específico: planejado, medido, calculado, exercício da racionalidade cartesiana. Espaço cortado, aplainado, rebaixado, cimentado. Contudo, Brasília é mais que apenas espaço físico, topográfico, é lugar carregado de sentido histórico, simbólico, cultural, abrigando e desenvolvendo um imaginário coletivo (ROMERO, 2003: 37-42). Cidade construída para ser lugar aprazível de trabalho, moradia e lazer. Cidade jardim, monumental e jovem em meio a tantas outras cidades monumentos seculares. Como é ser jovem, hoje, nesta cidade, no Plano Piloto?

1.4 Vivências e representações jovens no Plano Piloto

A cidade de Brasília é lugar de encontro e circulação de jovens que vivenciam e representam suas múltiplas identidades e identificações ligadas a ídolos do rock, da política, da poesia, da moda, dos quadrinhos, das ciências. No Plano Piloto, na área central ou no entorno de shoppings, em bares e boates, nas entrequadradas, em todos os lugares, todos os novos estilos que as metrópoles fazem surgir podem ser vistos. Alguns estampam nas camisetas imagens de Che Guevara, outros de Gandhi ou Einstein. Algumas jovens desfilam blusas fortemente coloridas. Outras vestem modelos pretos, bolsas de vinil. Imitam umas às outras. Uma dupla chega ao balcão do bar, numa das noites observadas, pede duas doses de aguardente *Seleta*. Elas se vestem iguais, com os mesmos estilos de corte de cabelo. Cinturão de couro preto com rebites de metal cromado. Carregam bolsas femininas de mão. Bebem simultaneamente as doses servidas. Acendem cigarros, conversam alguma coisa, dão gargalhadas. Em seguida pedem mais duas doses do destilado, acham graça naquilo. Bebem à maneira anterior. Estudos, por exemplo, de Maria Angélica Madeira (1999) mostram que todas as chamadas *tribos urbanas*, todas as tendências e estilos jovens urbanos, oriundos da aproximação com a música, a arte, o cinema, a literatura e a indústria cultural, têm representantes na capital federal. Do trash metal ao punk, do hippie ao rap, do pop ao clubber. Nesse ínterim, no bar, essas jovens encaixam-se em algum destes estilos. Talvez representem uma Amelie Poulan, ou quem sabe Audrey Tautou.

O projeto coletivo de construção dos vários estilos de ser e representar os jovens, e mesmo o processo coercitivo de juvenilização da sociedade, impõe-se aos jovens no meio urbano, em grande parte seduzidos pelas imagens e imaginários da moda, das etiquetas e marcas que circulam e proliferam em torno do lazer, do cinema, da mídia, dos esportes. Nesses espaços onde o apelo ao consumo parece maior que a produção cultural, jovens de classes médias e altas do Plano Piloto estão aptos cotidianamente a vivenciar essa nova forma de sociabilidade em torno do consumo. As despesas pessoais com lazer, veículos, gasolina, bebidas, cigarros, viagens, vestuário, óculos, bonés e uma dezena de acessórios como piercings, tatuagens, brincos, anéis, cintos, bolsas, correntes, maquiagens, cabelo, academia, passam ao largo das preocupações econômicas de muitos desses jovens do Plano Piloto. Segundo dados sócio-econômicos, colhidos na pesquisa de campo, a maior parte destes jovens é de *bem nascidos*, em família de alto poder aquisitivo. *Nana dos Cristais*, na entrevista, ao ser perguntada sobre gastos no lazer noturno, com bebidas, cigarros e congêneres apresenta as contas: “muita grana, todo o meu salário e mais um pouco. Acho que uns setecentos reais”. A pergunta se restringe a gastos com lazer noturno, e em torno de bares e casas de espetáculos,

não anexados nessa conta os dados acima citados, essenciais na configuração do modo de ser e de se apresentar de grande parte desses jovens, em relação a seus grupos de estilo. Como o lazer se torna parte do cotidiano, também é preciso estar-se preparado nas maneiras de vestir e andar para sua fruição plena, o que inclui roupas e acessórios específicos.

Questionada sobre como é ser jovem no Plano Piloto, a entrevistada *Maria Maria*, diz sem titubear que

aos ditos classe média os momentos de lazer são muito maiores. Aos ditos 'endieirados', sabe-se lá o que é ser jovem. Talvez seguirem o *carpe diem*, afinal de contas eles sabem que não vão precisar se virar tão cedo, afinal de contas, historicamente, as oligarquias persistem.

Para além de relacionar lazer e estrato social ou lazer como consumismo, importa na fala de *Maria Maria*. a carga negativa oculta depositada na expressão *carpe diem*, ao lazer enquanto busca de prazer, de aproveitamento do tempo com atividades hedonistas. Para ela, o jovem de classe média, "endieirado", do Plano Piloto, estaria como que *embotado*, nos dizeres de Simmel, das capacidades de discernimento até mesmo sobre si próprio ao praticar o que ela designou de *carpe diem*. Ou seja, ao ter tempo livre e dinheiro para usufruí-lo, o jovem do Plano Piloto estaria incorrendo numa forma de pecado, de desvario, de alienação. O lazer apareceria aí como uma maldição (GAELZER: 1979).

Ao relacionar lazer e oligarquia, nossa entrevistada representa o lazer como atividade de abastados. E com razão, pois não são poucas as representações e figurações do lazer, nas várias mídias, como prática que exige tempo livre, consumo, objetos de distinção e marca de estilo de vida. Além do que, lazer, palavra de origem francesa, soa como algo distante e inatingível. Contudo em sua prática cotidiana o lazer pode servir dos mais simples equipamentos e das mais variadas possibilidades. É o que podemos ver entre determinados grupos jovens que vão aos bares pesquisados, pelo preço da cerveja. Com pouco poder de compra, alguns jovens estudantes pesquisados colocam o preço da cerveja cobrado no bar como um dos atrativos do lugar para encontros e freqüentação.

Numa outra passagem da entrevista, a fala de *Maria Maria* então esclarece seu ranço com a atitude de viver o presentismo, o imediato como busca de prazer. Como afirma Maffesoli (2004: 27), esse "presentismo contamina as representações e as práticas sociais, em particular as juvenis". Corroborando tal afirmação, trazemos novamente a passagem da entrevista que destaca a representação desta jovem ao lhe ser apresentado o caso, amplamente divulgado, do assassinato do índio Galdino:

sinceramente, os jovens do Plano são, em grande maioria, uns babacas. Ninguém tem um projeto coletivo pra sua vida, ninguém pensa no outro. Cada um só pensa em si mesmo, no tal *carpe diem*, em aproveitar o hoje ao máximo e que se dane o amanhã. (...) Esse individualismo exarcebado é o principal problema dos jovens de classe média, talvez ele seja um dos grandes culpados pelo crescimento da violência urbana.

Há uma ligação entre individualismo e ausência de projetos coletivos. Explorando as possibilidades, talvez esse seu discurso tenha sido assunto elaborado e discutido entre seus pares, nas mesas de bar, nas conversas nos corredores da escola, ou mesmo no espaço da sala de aula, nos espaços de encontro e lazer. Entretanto, sua fala parece fruto de representações recorrentes, que ligam os jovens à violência sob a velha fórmula de que tendo tempo livre e a cabeça desocupada, muitos males podem ser maquinados. Assim, “aproveitar ao máximo o dia e que se dane o outro”, torna esse outro não um sujeito igual, um par, mas como objeto, inclusive da prática de lazer. Também essa falta de projetos coletivos remete-nos ao imaginário político, resquício de um passado recente quando grupos jovens envolvidos na militância política construíram esse modelo de jovem, preocupado com grandes questões coletivas e nacionais.

Parando um pouco mais sobre o conteúdo dessa fala de *Maria Maria*, é de se destacar a inversão de extrema lucidez quando elabora uma hipótese para o problema da violência urbana. Ou seja, o individualismo pautado no consumo e na indiferença não permite solidariedade mais ampla. Sua explicação parece contradizer o argumento que Maffesoli lança sobre uma possível revivência de novas formas de sociabilidades comunais, tribais. Claro está que sua idéia de violência urbana neste instante interpreta os problemas ligados ao pertencimento pelo consumo. E faz do indivíduo jovem urbano de classe média o bode expiatório da violência. Não é, para ela, o jovem pobre, como tem apresentado vários estudos acadêmicos e a mídia, o problema da violência urbana. Antes ele aparece implicitamente como vítima. Com a inclusão pelo consumo, os fomentos do pertencimento passam a ter valor central como objeto de desejo e disputa. E os jovens pobres e ricos, socializados pelos meios de comunicação de massa, vivenciam os valores que estes proliferam, conquanto vivenciem semelhantes aspectos geracionais, guardadas as devidas diferenças.

Perguntada então sobre como é ser jovem no Plano Piloto, *Maria Maria* minora o problema da violência, perfaz outro caminho narrativo, mas não exatamente explicativo. Diz que “a violência em Brasília não é muita”, pautando a violência não mais pelo consumo, mas em outros fatores. Quando ela diz, no entanto, que a violência esta “crescendo com o tempo”, podemos pensar numa relação mais ampla com o crescimento demográfico. Diz ela:

ser um jovem do plano piloto é, certamente, um privilégio. Primeiramente porque a violência em Brasília não é muita, apesar de estar crescendo com o tempo. A gente tem uma estrutura legal de transporte público, escolas, lazer, enfim, não há muito a se reclamar do Plano Piloto. Temos shoppings acessíveis como o Pátio Brasil, ponto de encontro dos jovens adeptos do rock da cidade. Conjunto Nacional e Brasília Shopping, além de hospitais, clubes.... O próprio campus da UnB situa-se no Plano Piloto. Há uma certa tranquilidade em sair e caminhar à noite.

Já para *Nathy Dread*,

o jovem do Plano Piloto é acomodado. Não consegue enxergar a diferente realidade das cidades ao seu redor, que dirá a realidade do mundo. Tem seu futuro econômico garantido – hereditariamente – e, por conta disso, acaba usando seu tempo para outras coisas (inutilidade pública). Ao mesmo tempo é um jovem político. Não necessariamente por opção, mas por proximidade. Um jovem privilegiado, cheio de oportunidades.

A entrevistada *Nana dos Cristais*, que respondendo uma outra questão disse gastar todo seu salário, perguntada sobre seu consumo com música, moda, acessórios, *piercings*, tatuagens, investe nestes produtos mais recursos financeiros. Diz a jovem sobre modismos e demais produtos culturais estilizados, massificados para o consumo:

adoro. Gosto de me sentir bem, sem ser presa em moda, me sentir atraente e tal é indispensável. Dos acessórios eu sou fã número um, incondicional, todos de elementos naturais com prata. Top! Piercing meu corpo rejeita, já coloquei quatro vezes e nenhum cicatrizou, desisti. E tatuagem é marca, pode ser autêntica ou manjada, mas, ainda bem que quando formos todos velhinhos vamos todos estar engilhados, tatuados e felizes de ter chegado. Invisto quando tenho para investir.

Além dessas representações, ligadas ao consumo de bens culturais materiais e simbólicos e à estetização do cotidiano, constrói-se no espaço do dia-a-dia dos jovens do Plano Piloto outros signos de pertença: determinadas formas de falar, de cumprimentar um colega, amigo ou conhecido: “E aí, muleque?”, “Nó véi! Neguim é brother, mano”, “Caralho véi, caraca!”. Essas práticas juvenis de linguagem, e os dialetos locais (MAFFESOLI, idem: 25) são fragmentos que sugerem um *sotaque* específico do jovem do Plano Piloto. Alguns grupos conservam gestos tipo *hang-loose*, *heavy metal*, *paz e amor*.³² Gestos que em muitos casos não exige um contato físico mais próximo, como, por exemplo, um aperto de mãos, ou um abraço. Não se propõe aqui demorar sobre essas marcas identitárias tão precisas, até porque o arsenal teórico necessário desdobraria esse trabalho de pesquisa.

³² Sobre esses gestos ver COSTA, Júlio R. *O rock em Brasília*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Sociologia da UnB. 1994. Orientação de Maria Angélica B.G. Madeira.

Entre jovens observados no Plano Piloto, desenvolvem-se e recriam-se novas outras formas de saudação nos encontros, como um toque de mão espalmada e um segundo toque com as mãos fechadas, como se socando. *Skatistas* já foram vistos utilizando deste cumprimento em alguma situação, por exemplo, no seriado televisivo da Rede Globo *Malhação* que, vis a vis, apresenta uma identidade juvenil pautada no pertencimento pelo consumo de bens simbólicos e materiais homogeneizantes. Embora as semelhanças deste gesto, os jovens aqui pesquisados não são *Skatistas*, nem ao menos representam segmentos desse estilo³³. Um *tapa* e um *soquinho*, cumprimento, talvez, um tanto distanciador do encontro, quando ao mesmo tempo em que quase toca, afasta. Prática de cumprimento entre jovens homens, gesto emblemático que, no entanto, marca gerações, cimentando-se entre jovens do Plano Piloto faz alguns anos. Pode até ocorrer entre jovens de ambos os sexos, mas com outro sentido.

Ao observar os encontros nos espaços de lazer e tempo livre entre muitos jovens do Plano Piloto, percebe-se de imediato a carga de euforia devotada ao prazer do encontro. Embora colegas, às vezes, de escola ou trabalho, no ambiente do bar abre-se espaço para cumprimentos prolongados, para arroubos, não mais frios como os contatos do cotidiano. Comportamento distante de uma representação, de senso comum, de que a cidade de Brasília é fria, com habitantes *blasés*, pouco dados aos laços de sociabilidade. Jovens, nos seus encontros, nos espaços de lazer, particularmente nos bares, contradizem essa representação. Pesam, sobre o ambiente do bar, variáveis como álcool, drogas, erotismo; contudo ressalvamos o encontro, particularmente a chegada e o momento primeiro do encontro, como um dos pontos altos do euforismo e do enlevo entre os frequentadores. Esses bares pesquisados são, sob outros aspectos, e em determinadas circunstâncias, lugares de passagem, de encontros rápidos. Em muitos casos, podem o encontro e a partida serem simultâneos, não obstante, um momento caloroso, vibrante.

Os questionários mostraram que os jovens praticantes do lazer nos bares e festas pesquisados, em sua maioria, são estudantes, e, dentre estes, universitários dos mais variados cursos, de escola pública e privada. Jovens na faixa etária entre dezoito e vinte e quatro anos, estudantes universitários, alguns trabalhadores, bolsistas ou estagiários, que encontram tempo no seu cotidiano para o encontro, para sair da rotina, divertindo-se em torno de amigos, bebida e conversa. Jovens colegas de cursos, das mais variadas áreas saem para beber, relaxar. Nos bares encontram-se outros jovens universitários. Relembrando, os jovens aqui

³³ Além do que, *Skatistas*, enquanto grupo urbano, raramente ou quase nunca frequentaram os bares pesquisados, até porque grupos *Skatistas*, em sua maioria, ligam-se a grupos adolescentes, mais que a jovens na faixa etária

pesquisados apresentam semelhanças com o tipo *jovem boêmio* de David Matza (1968). Como parte do estilo de vida *jovem boêmio*, anota-se sua condição estudantil universitária e a busca de uma vivência hedonista. Os dados quantitativos sobre o curso de ensino superior preferido/escolhido pelo jovem praticante de lazer nestes espaços, por sua heterogeneidade, podem ser visualizados na tabela abaixo:

Tabela 1 – CURSOS

CURSO	JOVENS	
	HOMENS	MULHERES
Artes Cênicas	-	1
Biologia	1	1
Ciências contábeis	1	-
Ciências sociais	-	2
Geologia	-	1
Moda	-	1
Odontologia	2	2
Antropologia	-	2
Engenharia ambiental	-	1
História	1	3
Engenharia de Redes	1	0
Relações Internacionais	1	1
Serviço social	-	1
Administração	4	-
Arquitetura e urbanismo	1	1
Música	1	-
Letras	1	3
Química	1	-
Artes plásticas	1	-
Publicidade	4	1
Jornalismo	2	-
Segundo grau	3	3
História	-	1
Turismo	1	-
Sociologia	3	1
Preparatório para concursos	1	-
Educação Física	-	1
Psicologia	-	2
Total	30	29

Para esses jovens, que como foi dito, estudam, alguns trabalham e/ou mantêm outras atividades, o bar surge como lugar de descanso. A representação do bar como lugar negativo, de vícios e maldições parece não possuir ressonâncias no caso aqui. Os jovens universitários, freqüentadores dos bares e festas, parecem representar melhor um imaginário romântico do bar como lugar de uma vivência intelectual, lúdica, positiva. Lugar de encontro, do agito, do burburinho, da excitação, do desenvolvimento de um *estilo de viver e curtir a vida*, segundo

algumas falas recorrentes. “O temor persistente de que a boêmia esteja contaminando a juventude”, nos dizeres de Matza (1968: 94), pode ser reavaliado, agora, sob outro olhar. Uma contaminação que, antes de desviar os jovens de algum caminho, aproxima-os de novas experiências sócio-culturais, em outros espaços e tempos sociais.

Estilo de vida é um conceito amplo, conforme foi apresentado anteriormente, diz respeito ao gosto, às preferências diferenciadoras, objetos de distinção social como vestimentas, linguagem, postura, consumo (BOURDIEU, 1983). Também diz respeito à forma pela qual uma pessoa ou um grupo de pessoas experimentam, interpretam o mundo, decorrendo dessa cosmologia, dessa visão de mundo determinados comportamentos e escolhas. O estilo de vida indica valores e é uma forma de distinção social. Para Maurice Halbwachs,

nossa cultura e nossos gostos aparentes na escolha e na disposição desses objetos se explicam em larga medida pelos elos que nos prendem sempre a um grande número de sociedades, sensíveis ou invisíveis. Não podemos dizer que as coisas façam parte da sociedade. Entretanto, móveis, ornamentos, quadros, utensílios e bibelots circulam no interior do grupo, nele são objetos de apreciações, de comparações, descortinam a cada instante horizontes sobre as novas direções da moda e do gosto, nos lembram também os costumes e distinções sociais antigas. (HALBWACHS, 2004: 138).

Qual o papel do estilo de vida, da moda ou do visual na definição dos encontros, da formação dos grupos sociais? Ou o contrário, qual o papel dos encontros grupais na definição do visual? Faz parte do estilo de vida de culturas jovens do Plano Piloto possuir, por exemplo, veículo. Em muitos casos, o carro pode ser presente dos dezoito anos, presente pelo vestibular, ou simplesmente bem de primeira necessidade que o filho jovem necessita. *Igor Cabelim*, disse em sua entrevista que “o negócio é passar na facu e ganhar do coroa um carro”. A renda média da família, em torno de dez mil reais, desses jovens do Plano Piloto lhes possibilitam esse sonho/realidade. Brasília é, segundo um conhecimento comum, cidade feita para veículos.

Caminhar pela cidade de Brasília, no Plano Piloto, desde que planejado, pode resultar em lazer e divertimento. Para o trabalho, a escola, o lazer e deslocamentos outros, e mesmo urgentes, a cidade, contudo, complica a caminhada: a distância entre os locais dificulta em muito o deslocamento. Ainda os equipamentos de transporte coletivo não funcionam a contento. No Plano Piloto, os ônibus oferecem algum conforto, mas o preço das passagens é muito alto, o horário é precário, o itinerário confuso, quando não ambíguo. No entorno, a frota é velha, precarizada, sem horários e mesmo itinerários definidos. Possuir veículo, então, é

uma necessidade³⁴. Todavia, os jovens do Plano Piloto, além de seus veículos próprios, como mostra a pesquisa empírica, possuem outros objetos de apreciação, de distinção: boné *Van Dut*; óculos *Oakley*; bermuda *Quiksilver*, camiseta *Diesel*, tênis *Adidas*. Colocada em uma sacola, essa indumentária soma aproximadamente três mil reais. Para alguns jovens homens, que compartilham um estilo bastante observado nos bares e nas festas no Plano Piloto, estes objetos se impõem.

Os nomes próprios femininos e masculinos de jovens brasilienses girando em torno de *Mayra, Nathália, Clarisse, Thaís, Luana, Eduardo, Felipe, Guilherme, Leandro* combina Clarisse com Guilherme, Leandro com Thaís. Nomes urbanos, ligados às classes médias. Nomes padronizados, atualizados. Seguindo Eisenstadt (1976: passim), poderíamos dizer, que nessa heteronomia dos adultos sobre os nomes dos filhos, esses nomes fomentariam uma herança geracional, de caráter particularista, essencial dos indivíduos, informando sobre sentimentos que estes nomes inspiram. A graça do nome parece em si conter também seus estigmas, suas ascendências.

Segundo Guy Debord (2000), “os homens se parecem mais com seus tempos que com seus pais”, porque cada vez mais as relações horizontais com os pares e com os tempos atuais, prevalecem sobre as ligações verticais – com as origens, com os antecedentes, com o pai, a mãe e a história. Tal afirmação parece perder fôlego se pensarmos para além das tradições que determinadas juventudes realizam, nos imaginários de pais que vivenciaram concretamente as gerações dos anos 1970 e 1980. Ao nomear as gerações mais jovens, os adultos estabelecem uma heteronomia taxonômica interessante, que também parece orientar determinadas identidades e identificações jovens.

O problema das gerações de Brasília encontra um momento aqui para algumas palavras sobre o assunto. Surge, recorrente nas entrevistas, o problema sobre as gerações de Brasília. Como cidade, Brasília é jovem. Existiriam já duas ou três gerações de pessoas nascidas aqui, fato singular, uma vez que a cidade até recentemente abrigava, majoritariamente, habitantes de outros estados e localidades. A importância de pertencer a uma geração autenticamente de Brasília é, para determinados jovens, de primeira ordem. Os

³⁴ A frota de Brasília é uma das maiores do país na relação habitantes/automóveis. Fonte do Ministério da Justiça, Departamento nacional de trânsito – DENATRAM, de 2004; O Censo do IBGE, de 2005, mostra a seguinte situação em 2001: o Distrito Federal possui uma população de 2.333.108 habitantes para uma frota de 608.128 automóveis, média de quatro habitantes por veículo. Em termos atuais, a conta seria de 2,3 veículos por domicílio. É de se anotar que estes dados dizem respeito a automóveis, não contando outros veículos. O total de outros veículos como micro-ônibus, ônibus, motocicletas, caminhões e máquinas é de aproximadamente 70.000. Veículos de transporte urbano como ônibus e vans, juntos não somam, à época, mais que 11.071 unidades. A desproporção do transporte coletivo com os automóveis particulares denota a carência de um planejamento de

anos 1980 vão apresentar, em certo sentido, uma primeira geração de jovens nascidos no Plano Piloto. Um imaginário sobre jovens da geração de Brasília dos anos 1980, em muito se liga ao rock, e aos grupos musicais da cidade, que ganharam o cenário musical nacional.

Uma outra geração de jovens brasilienses, que podemos exemplificar com os jovens envolvidos no assassinato do índio Galdino, pertence ao que seria a segunda geração de jovens, nascidos na cidade. Geração que revestiu a juventude do Plano Piloto de uma aura de irresponsabilidade, vandalismo e violência. Na fala de alguns entrevistados, vislumbra-se uma terceira geração de jovens, que parece vir em busca de uma superação dessa marca. Muitos entrevistados falaram do problema do nada para se fazer, da falta de lazer, da monotonia e da carência de eventos culturais, como fonte potencial de delinquências. Reconhecendo o problema, a fala da jovem *Nathy Night* parece um pedido de desculpas consciente, porém de uma outra geração, de uma “nova era”:

acho que a maioria dos jovens de Brasília abominam essa violência. Os jovens tentam se proteger, mas nem todos conseguem, barbaridades acontecem, o mal tem força e é difícil fechar o corpo para a nova era. Mais creio que em todos os corações jovens existem valores comuns, sonhos, como ser sensível à espiritualidade, o desejo em construir uma vida digna. Temos que exagerar no amor, na paixão, no perdão, na felicidade, nos amigos, nos estudos, na solidariedade, e no amor de novo.

Para um jovem, de 19 anos, estudante do curso de Química, do CEUB, o problema se relaciona de forma interessante. Brasília possuiria habitantes que gostariam de viver uma vida metropolitana, com espaços de lazer, por exemplo; mas, por não oferecer essas *comodidades metropolitanas*, revelaria uma precariedade urbana. Diz o *Jovem CEUB* que

Brasília é uma cidade do interior cheia de jovens que querem viver uma vida metropolitana, aqui tem de todos os tipos de pessoas, com poucas opções de lazer. Acho que isso entedia as pessoas e dá corda para playboyzada fazer merda.

Embora não tenha me debruçado sobre esse problema, percebe-se um conjunto de representações por meio dos quais jovens de diferentes gerações narram sua história e a si mesmos como pertencentes a uma determinada geração de Brasília. *Wladock*, um dos entrevistados, ao se dizer pertencente à primeira geração da cidade, mostra-se alegre, feliz por fazer parte dela. Sua fala parece brotar de um desejo de autenticidade, de uma matriz original, seminal, singular, imanente dos mitos fundadores, não à toa associado a uma cidade que se está surgindo, uma sociedade planejada para o futuro (PELUSO, 2003: 29). Cidade construída

transporte coletivo. Também mostra que circular no Plano Piloto é para quem tem veículo próprio, estabelecendo uma importante forma de distinção, exclusão.

em torno de mitos, de desenhos simbólicos e simulando em sua arquitetura espaços grandiosos, monumentos. Brasília, nas palavras do arquiteto Lúcio Costa,

nasceu de um gesto primário de quem assinala um lugar ou dele toma posse; dois eixos cruzando-se em um ângulo reto, ou seja, o próprio sinal da cruz. O traço fundamental assenta a cidade na estrutura da paisagem, conectando-a tanto ao céu quanto à terra (COSTA, 1995: 284).

Seguindo então o modelo de ordenamento urbano baseado em dois eixos principais, simbolizando uma cruz, Brasília aparece como cidade cujo traçado são representações de rituais e crenças. Quem comunga das crenças, pode partilhar do ritual. Para comungar, tem-se que ser como um do lugar, do Plano Piloto de Brasília, cidade que inclui e exclui. Para o entrevistado *Wladimir*, os jovens do Plano Piloto, de sua geração, não partilhavam de violências, ocupavam todos os mesmos espaços de lazer e divertimento, que eram poucos, nas entrequadras com os amigos, divertindo-se, pois “todo mundo conhecia todo mundo”. E não à toa desenvolviam-se sociabilidades mais pessoais, cotidianas. Se pensarmos na afirmação de Michel Maffesoli sobre o impacto dos lugares na vida das pessoas, veremos que

o lugar produz um vínculo. E um vínculo, portanto, que não é abstrato, teórico, racional. Um vínculo que não se constituiu a partir de um ideal distante, mas que muito pelo contrário, baseia-se organicamente na posse comum de valores arraigados: língua, costumes, culinária, posturas corporais. Todas elas são coisas cotidianas, concretas, que aliam num paradoxo apenas aparente o material e o espiritual de um povo. (MAFFESOLI, 2004: 22-3).

Essas considerações sobre o problema das gerações da cidade de Brasília podem ser propostas de pesquisa, principalmente como forma de se identificar, ainda sob forma latente, marcas iniciais que identificam duas ou três primeiras gerações de jovens brasileiros em suas vivências e representações primeiras da cidade. Observou-se, por exemplo, no espaço da pesquisa, no estilo de ser jovem brasileiro, marcas de estilos juvenis oriundos de uma profusão de estilos construídos nas últimas décadas por gerações jovens anteriores: *hippie*, *urbanos*, *clubbers*, *punk*, *yuppie* e os já citados em outra seção. Em relação à moda, são representações menos que vivências, até porque os tempos são outros, a realidade do lazer e da juventude são outras. Embora discordem da geração de pertença, os jovens narram suas estimas brasileiras, formam seus grupos e fazem da noite de Brasília um lugar de ligação entre jovens para o divertimento, a conversação, a produção de sentidos de pertença, numa cidade pensada para o lazer, e que vem ao longo dos anos construindo um imaginário.

O espaço do lazer tem sido problematizado recorrentes vezes, pelos jovens entrevistados, o que denota traços de uma relação que vem sendo construída na cidade de

Brasília, entre as representações e vivências juvenis e suas práticas de lazer. Ao se posicionarem quanto ao lazer, esses jovens desenvolvem uma relação com os espaços da cidade. A relação dos grupos jovens com o espaço atinge uma determinada configuração. No caso dos bares pesquisados nas Asas Norte e Sul, certa “tradição” vem se estabelecendo em torno desses espaços. A casa noturna *Gate's Pub*, por exemplo, diverte jovens de Brasília desde 1979. O bar *DBP* há vinte anos atende jovens brasilienses. Os bares Meu Bar e Pôr-do-sol, da 408N, estão abertos já faz alguns anos. Bares que vêm fazendo parte do cotidiano de jovens do Plano Piloto, como será visto mais à frente, e participando de seus processos de escolhas de práticas de lazer enquanto busca de divertimento, prazer e estilo de vida.

CAPÍTULO II

2.1 O lazer na cidade de Brasília

Para quem chega ao Plano Piloto, entrando por Luziânia ou por Formosa, impressiona a vastidão do espaço aberto em Brasília, as enormes extensões verdes, como que convidando a um passeio. Espaços abertos, áreas verdes carregam uma nostalgia rural; contudo, o Plano Piloto distingue-se, em sua arquitetura, de qualquer semelhança campestre. A cidade se quer moderna, com seu desenho rápido, quase um garatujo. Brasília é, senão uma cidade urbana, uma cidade urbanizada. Espaço tanto de macro-relações entre política e cultura, condições físicas e geográficas, como espaço de interações cotidianas, ligações micro-sociológicas onde se cruzam subjetividades múltiplas, construindo um imaginário específico do lugar.

De uma maneira geral no Distrito Federal, que compreende o Plano Piloto mais as chamadas cidades satélites a organização do espaço urbano se dá por quadras e superquadras, sendo que estas comportam os blocos residenciais, que se organizam pelas letras do alfabeto. As superquadras se subdividem em entrequadras residenciais e comerciais. No caso específico do Plano Piloto da cidade de Brasília, o planejamento urbano dessas quadras e entrequadras é mais ordenado que no entorno ou cidades satélites, embora aqui e ali possam surgir distorções do plano original. O Plano Piloto compreende as Asas Sul e Norte, as regiões administrativas do Lago Sul e Norte, as administrações do Sudoeste, Cruzeiro e Vila Planalto.

O espaço onde se realizou a pesquisa empírica compreende as Asas Sul e Norte. O Plano Piloto, em termos de desenho remete em grande medida a imagem do conjunto dessas asas Sul e Norte que formariam as asas de um avião ou de um grande pássaro, sendo a via de trânsito conhecida como Eixo Monumental o corpo desse pássaro ou aeronave, representados na planta da cidade. Em muito a organização do espaço de Brasília, particularmente, do Plano Piloto parece favorecer determinadas práticas de lazer.

O sítio onde se encontra instalada a capital federal propicia uma visão panorâmica. Olhando para o céu, tem-se a sensação de se estar no centro de uma enorme circunferência, incólume e protegido, sob um céu inteiro. Interessantes formas geométricas usadas em seus edifícios-monumentos parecem decorrer de certos misticismos bem atuais: triângulos, semicírculos, pirâmides, cubos, formas ligadas a conteúdos de uma cosmovisão em que céu e terra se engendram em complementaridade: criação e criatura. “A abóbada celeste é percebida quase como uma calota completa” (ROMERO, 2003: 53). De início, a sensação é de conforto,

de contato com a natureza, de um prazer gratuito, de fruição. Daí a inspiração para o lazer. Nas palavras da arquiteta Marta Romero,

habitar no Planalto é estar em constante contato com o céu e em contemplação do horizonte e da paisagem, em que a vista alcança grandes distâncias. A paisagem não significa algo dominado e controlado, ou algo desumanamente poderoso, mas uma manifestação cósmica capaz de oferecer abrigo à vida cotidiana, sinalizando ao mesmo tempo a sua transcendência (ROMERO, op.cit: 53).

Dentre as propostas iniciais, da construção da nova capital federal, pensou-se a cidade para o “exercício tranqüilo e ordenado do trabalho, da moradia e do lazer. No espaço finito e fechado do Plano Piloto, envolto por extensas áreas verdes de posse do governo, estava tudo o que era necessário para o bem-estar de seus moradores” (PELUSO, 2003: 14). Passados quarenta e cinco anos de sonho com uma cidade, dentre outras funções, para o lazer, o que Brasília oferece hoje, concretamente, aos seus habitantes como espaços para práticas de lazer, particularmente, aos jovens? Brasília é, atualmente, uma cidade com múltiplos espaços para o entretenimento, o descanso, o gozo do tempo livre.

Embora determinados jovens do Plano Piloto observem certas carências, em relação a outras cidades brasileiras, não se pode dizer que a cidade não tenha passado por grandes transformações nos últimos anos em diversos aspectos. A realidade brasiliense ainda não corresponde ao sonho planejado de cidade para o trabalho, moradia e lazer. No entanto, conforme observa Maria Lúcia Maciel (1997), “há algo de novo no ar, e isto é o ambiente cultural. Brasília pertence ao ambiente cultural brasileiro e a ele não se subtrai”. O ambiente cultural fomenta práticas de lazer.

Se Brasília foi, nas canções da banda de pop-rock *Legião Urbana* e de uma juventude dos anos 1980, a “cidade do tédio”, hoje não se pode pensar o mesmo dela, e, particularmente, do Plano Piloto. As formas, conteúdos e espaços de lazer são variados. O número de espaços, equipamentos e eventos de lazer tem crescido a cada dia. No que diz respeito ao lazer e entretenimento noturnos, a cidade não deixa a desejar em relação a outras localidades brasileiras. Os jovens do Plano Piloto podem, cotidianamente, ir a cinemas, festas, bares, restaurantes, teatros, shows musicais nacionais e internacionais³⁵. Algumas condições para o lazer não mudaram; problemas recorrentes como meios de transporte e custos foram citados nas entrevistas. Mas o cenário não é o mesmo de tempos anteriores. Há muito, jovens

³⁵ É interessante observar que, no biênio 2004/2005, as principais atrações musicais internacionais que passaram pelo Brasil realizaram shows na cidade, no Plano Piloto; algumas inclusive fazendo shows aqui, preferencialmente, a outras metrópoles como Belo Horizonte, Curitiba, Goiânia, cidades tradicionalmente com maior público e projeção para eventos musicais internacionais.

brasilienses usam o pretexto da “cidade do tédio” para se articularem em torno de bares, festas e encontros musicais, para se divertirem entre seus pares, *chegados* ou *brothers*, como muitos costumam se tratar entre os grupos de amigos³⁶.

As transformações ocorridas no espaço de lazer na cidade de Brasília podem ser acompanhadas, perseguindo alguns dados estatísticos³⁷. Em 1974, por exemplo, a cidade contava quatro auditórios, três bibliotecas, apenas um museu e uma sala de música, oito salas de cinema, três teatros. Ainda segundo esses dados, foram realizados 156 concertos e recitais, 419 sessões de cinema, 107 representações teatrais. Em 1975, embora o número de museus tenha aumentado para três, Brasília ainda constava, em termos de oferta de lazer, entre os menores índices do país. Em 1979, têm-se, por exemplo, 25 associações desportivas, um índice muito baixo em relação a outros estados e cidades do Brasil.

Já em 1980, têm-se, na cidade, quatro teatros, 22 salas de cinema, seis auditórios, três bibliotecas populares, sete bibliotecas universitárias, três museus, cinquenta associações desportivas. Exibiram-se 285 sessões de teatro; 44.909 entradas de cinema foram vendidas para 865 filmes exibidos. As transformações não são pequenas. Contudo, comparadas com São Paulo – e a comparação extrema pode ser confrontada, mais à frente com outros estados, que exibiu 30.411 filmes com 1.430.000 ingressos vendidos, ou Rio de Janeiro com 1.870.000 entradas –, o lazer ainda é problema para a cidade. Em 1980, Brasília, apesar das mudanças, ocupa o 21º lugar no país em termos de exibição de filmes, o que reduz o lazer³⁸. Comparando dados de espetáculos encenados em Brasília, em 1984, têm-se 146 peças teatrais nacionais e 36 estrangeiras, muito pouco em relação aos estados, por exemplo, do Amazonas (362), Pará (473), Rio Grande do Norte (301), Minas Gerais (1612), Rio de Janeiro (4226), São Paulo (10269) ou Curitiba (1230).

Contudo, foi-se o tempo em que Brasília não oferecia opções de lazer e entretenimento aos seus moradores e visitantes. Embora haja divergências quanto às condições de lazer, detectadas na pesquisa empírica, a cidade, que é centro do poder político e das grandes decisões do país, oferece, cotidianamente, diversas opções para todas as idades, estilos, gostos. Das visitas aos monumentos à agitação noturna, Brasília oferece várias possibilidades de vivência e experiências no tempo livre. Em termos quantitativos e qualitativos, a cidade apresenta uma multiplicidade de opções de lazer. Não é tarefa fácil conceituar o lazer e

³⁶ No Plano Piloto, entre muitos jovens, o substantivo *brother* é “comum de dois gêneros”, fala-se meu *brother* e minha *brother*. Entre os jovens pesquisados, o grupo de amig@s, de *brothers* inclui homens e mulheres.

³⁷ Estatísticas do século XX. www.ibge.gov.br, Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão.

apontar onde ele se realiza, porquanto escolha pessoal, mais ou menos espontânea, prazerosa e que pode significar para uma pessoa o que não significa para outra. O que pode ser observado é que, de todas as modalidades de lazer oferecidas na cidade, para determinados grupos de jovens, universitários do Plano Piloto, o esquecer-se em bares, em casas noturnas, shows e festas, num certo “hedonismo difuso”, disseminado, tem sido das práticas preferenciais no tempo livre.

O espaço do lazer noturno favorece a circulação e o encontro entre grupos jovens, principalmente para os que estudam ou trabalham, ou fazem outras atividades diurnas. Por outro lado, a influência dos grupos de amigos sobre os jovens e sobre os espaços de freqüentação são relevâncias a serem destacadas. Os grupos jovens, ao freqüentarem o espaço, produzem e reproduzem nele seus valores, símbolos, interesses, modos de ser e agir. E, conforme lembra Maffesoli (2004), “o lugar faz o elo” entre os indivíduos e os grupos, entre as subjetividades e a objetividade.

A importância desses espaços noturnos, para os jovens homens e mulheres entrevistados, pode ser observada na fala do *Jovem Ceub* quando diz que “nessas festas e bares já comecei namoros, já terminei namoros, conheci muitas pessoas, conversei coisas sérias e banalidades”. Nessa curta frase, fala do jovem entrevistado, podem-se perceber alguns valores jovens que se conservam e progridem: conhecer pessoas, interagir, associar, aparecem como valores importantes. Também importam as relações afetivas: começar ou terminar um namoro marca um lugar, um tempo, um grupo de pessoas com quem se compartilha e vivencia afetos, conversas “sérias e banalidades”.

Nos circuitos noturnos, grupos juvenis sentam-se em bares, alguns jovens bebem, muitos conversam, outros saem para uma volta, alguns chegam distribuindo *flyers*, que convidam para outros espaços e encontros³⁹. Os estados alterados de consciência que suscitam esses espaços e suas práticas de divertimento atuam como modalidades possíveis de consciência, produtos e produtoras de conjuntos de significados singulares. Como se ir ao bar se tornasse uma outra ordem, no sentido de uma outra disciplina mais frouxa, espontânea e prazerosa, componentes importantes do lazer.

³⁸ Todos os dados apresentados aqui podem ser acompanhados no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, conforme nota anterior.

³⁹ Nos bares, boates e shows, é particularmente interessante, principalmente nos primeiros dias da semana, o trabalho de promoção e divulgação das festas, baladas etc., através dos *flyers*. Por sua importância sociológica, cultural e estética na articulação dos jovens, esses panfletos serão melhor explorados mais adiante.

Ao se buscar ancoragem teórica em Joffre Dumazedier para abordar o lazer, em torno de bares, festas e shows, como categoria sociológica, percebe-se, na explanação desse autor, uma lacuna conceitual que dê conta dessas práticas de lazer noturno. Daí a necessidade de ampliação desta categoria, conferindo-lhe um sentido polissêmico. Ou seja, na classificação que esse autor faz de lazer, coloca o bar como lugar de práticas de lazer de conteúdo cultural associativo. Parece correto, mas o lazer em bares sugere mais que isto, pois envolve, além do encontro com o outro, um conjunto de elementos como bebida, cigarro, drogas, comidas, que extrapolam o sentido apenas associativo, ativando outros conteúdos que não aparecem na classificação de Dumazedier. Retomo, novamente, esta sua classificação na seção seguinte, para pensar o espaço do bar como prática polissêmica de lazer.

2.2 Formas e conteúdos do lazer

A influência do lazer sobre as juventudes ainda não foi devidamente estudada, particularmente o lazer em bar. Que formas de lazer os jovens têm à disposição na cidade de Brasília, que formas articulam esses jovens, quais os conteúdos culturais dos lazers que praticam? Relembrando, Para Joffre Dumazedier (1976), pioneiro sociólogo do lazer, ao desenvolver práticas de lazer os indivíduos estariam se relacionando com determinados valores e conteúdos culturais. Segundo a classificação que este autor faz das atividades de lazer, estas podem ser do tipo físicas, manuais, intelectuais, artístico-musicais, associativo-sociais e turístico-ecológicas. Contudo, essas atividades possuem conteúdos e valores que são inseparáveis na realidade. O indivíduo ao encontrar amigos no bar, por exemplo, estaria desenvolvendo uma prática associativa, mas ao mesmo tempo, por exemplo, intelectual ou turística.

Tomando a classificação proposta por Joffre Dumazedier (idem), a professora Lenea Gaelzer (1979) considera que os conteúdos culturais do lazer podem ser os mais variados,

ao mesmo tempo férias e trabalhos voluntários, nadar e fazer esportes, prazeres gastronômicos e entretenimentos musicais, atividades de azar, leitura de jornal e estudo de uma obra-prima, conversa fútil e conversa cultural, atividades desinteressadas e realizadas livremente, a fim de proporcionar satisfação aos indivíduos que as praticam (GAELZER, 1979: 49)

Seguindo a conceituação de Dumazedier (1976: 165-75), também o lazer teria três funções essenciais: descanso; distração, entretenimento, divertimento; desenvolvimento humano. Para esse autor, o lazer-consumo tem muito mais de descanso e divertimento que de desenvolvimento. Na pesquisa quantitativa, jovens, em sua maioria, relacionam lazer a divertimento e entretenimento, depois a descanso. Contudo, como forma de desenvolvimento, ele aparece implícito. No caso dos bares, o lazer serve para desenvolver amizades, relacionamentos, na verdade, desenvolvendo laços de sociabilidade, impactando nas vivências e representações coletivas e individuais dos jovens.

Muitos jovens têm reclamado da falta de lazer. Este comparece como elemento importante no cotidiano dos jovens, atuando sobre os tempos e espaços de vivência dos mesmos. Assim, impactam de alguma maneira no processo de construção das identidades coletivas e individuais juvenis. Nesse sentido, a carência de condições adequadas para a prática do lazer, principalmente os ligados à cultura artístico-intelectual, como cinema, teatro, espetáculos, é, para alguns jovens do Plano Piloto, um dos motivos de suas retiradas para

*paraísos artificiais*¹, como afirmou uma entrevistada. A busca por lugares alternativos, que supram certas carências do lazer, aproxima grupos jovens de bares, principalmente quando se percebe que em Brasília os bares estão em todos os lugares. Como se indicou, a vida noturna de determinados grupos jovens do Plano Piloto é vivenciada e incitada a ser vivida, cotidianamente, nos bares e casas noturnas. O entrevistado, *Jovem Ceub*, diz que “aqui tem todos os tipos de pessoas, com poucas opções de lazer. Sem eventos culturais as pessoas se entediam e isso dá corda para a playboyzada curtir, beber, encher a cara nos bares. Mas no fundo gosto disso”. A entrevistada *Nathalia C* diz: “não tem jeito, os jovens de Brasília adoram a noite, adoram os bares”.

O lazer ligado a bares e festas é visto por algumas pessoas como uma prática cheia de perigos, senão lugar de perda do próprio sentido lúdico da vida. Importa menos que o caráter lúdico, associativo, cultural do lazer, para esta pesquisa, este discurso, não descoberto de razão, de determinados grupos sociais. Interessa aqui os conteúdos e valores que essa prática de lazer carrega, que formas de sociabilidade desenvolve. De início, ancorado em Dumazedier, afirma-se que o lazer em bares cumpre as três funções citadas, mesmo porque, em sentido estrito, estas funções se interpenetram, quando não possuem fronteiras muito fluídas. Também o lazer ligado a bares explora interesses culturais os mais diversos, sendo neste sentido não somente diversão ou entretenimento hedonista, mas espaço de construção e desenvolvimento de valores culturais e identitários, individuais e coletivos, como amizades, estimas, afetos. É onde jovens se encontram trocando seus sentidos e representações dos bens materiais e simbólicos que circulam em torno de suas condições juvenis.

Em termos quantitativos, as opiniões sobre o lazer em Brasília, para alguns grupos jovens freqüentadores de bares, dos sexos masculino e feminino, em certos pontos se aproximam, em outros se afastam. Entre os jovens homens pesquisados no bar, por exemplo, perguntados se Brasília oferece lazer, 16% afirmaram negativamente; 38,8% concordam que os espaços existem, mas ainda são poucos; e uma ligeira maioria de 44,45% afirma positivamente. Contudo, sublinham as restrições devido a pouca variedade e qualidade. O jovem *Let's boy*, respondendo a pergunta sobre os lazeres que Brasília oferece, apresenta seu guia:

¹ Essa expressão *paraísos artificiais* foi muito utilizada no contexto da boêmia do século XIX. Charles Baudelaire referia-se aos *paraísos artificiais* como uma “evasão das trevas irremediáveis da existência de todo dia”. Também no contexto das boêmias dos anos 1950, foi utilizada por experienciadores e usuários de drogas alucinógenas e/ou psicodélicas. Ver, por exemplo, *As portas da percepção*, de Aldous Huxley. Para Huxley, “os estados anormais de consciência deveriam constituir um campo de estudo científico” (HUXLEY, apud ROSZAK, 1972:163). É certo que existem estudos científicos sobre drogas e também sobre estados alterados de consciências, mas não exatamente no sentido imaginado por Huxley.

um lago nojento, um clube público extremamente lotado, alguns bons parques, shopping center com salas de cinema caríssimas, muitos bares e botecos, e algumas boates degradantes. Poucos eventos de grande porte, e coisas culturais mais elitistas como teatro e coisas do tipo.

Entre as jovens mulheres, os dados quantitativos mostram que: 20% afirmam não haver lazer em Brasília; 46,6% afirmam serem poucos os espaços de lazer; 33% acreditam que a cidade oferece sim, espaços de lazer. Entre as entrevistadas que dizem não haver lazer em Brasília, é comum a observação de que “pela falta de opções”, acabam procurando bares e festas. As respostas intermediárias, entre o sim e o não, acabam esbarrando na opção por bares e festas. Além do problema da relativa quantidade, há o problema da qualidade, por exemplo, em recorrentes afirmações que “além de poucos, os lazeres acabam sempre os mesmos, com pouca variedade”. Ou então existem problemas, como fala a entrevistada *Drica Boresta*, quando diz que “não tem tantas opções quanto poderia ou deveria, além do que é longe, caro e perigoso”.

Embora haja opiniões divergentes quanto ao lazer na cidade, tanto entre jovens homens quanto entre jovens mulheres, a afirmação de que a cidade não oferece espaços de lazer é a de menor proporção. A precariedade de lazer associa-se, em alguns casos, a outras variáveis já apontadas, como transporte, custos, pouca variedade. Contudo, antes de iniciarmos uma incursão pelos espaços, formas e conteúdos de lazer, urge apresentar o que os jovens, homens e mulheres do Plano Piloto entendem e praticam como lazer. Os dados quantitativos mostram que o lazer associado a diversão, entretenimento e distração apresenta um percentual maior de rubricas em ambos os sexos. Já o lazer como descanso aparece em seguida. O lazer como forma de desenvolvimento, embora pouco citado, aparece em falas como a da entrevistada *Nana dos Cristais*. Diz a jovem sobre o que a cidade poderia oferecer como lazer:

ter um espaço bem organizado onde fossem introduzidos conceitos mais nobres, como arte, música, espiritualidade, consciência ambiental, reciclagem, entre outros. Um lugar onde não houvesse discriminação e onde todos estivessem ali para evoluir e trocar experiências. É uma pena que não exista muitos desses lugares na cidade.

O lazer, para essa entrevistada, pode ser fonte então de pleno desenvolvimento pessoal. Lugar também de construção de cidadania, de participação. Espaço de troca de experiências sociais. Ademais, mostra a entrevistada que, ao se envolver com as práticas do tempo livre como música ou arte, os indivíduos estariam entrando em contato com “conceitos mais nobres”. Contudo, é de se parametrar seu discurso com sua condição sócio-econômica. Ao afirmar a arte e a música como conceitos mais nobres, é preciso avaliar de qual arte e

música estaria ela falando, dado este que, no momento, a pesquisa não logrou acompanhar. Mas que pode ir de encontro ao problema da não discriminação, apontado por ela. Daí uma visão elitista dos espaços de lazer, no Plano Piloto. Contudo é um paraíso idílico, um lugar outro, que não os espaços sociais concretos.

Interessante perceber que, em sua grande maioria, os jovens, homens e mulheres, freqüentadores de bares e casas noturnas de Brasília desenvolvem práticas de lazer que têm como conteúdos centrais os ligados à fruição intelectual, artística, associativa. O “estar entre amigos” é citação recorrente. Fazendo crer, em certo sentido, que a fruição e o prazer retirados das práticas de lazer, decorreriam do encontro com o outro no tempo livre. Como se o outro fosse condição *sine qua non* para o gozo pleno do lazer. Nesse sentido, há certa heteronomia do outro, como observou bem Michel Maffesoli (2004), a respeito dos processos de construção das identidades. Assim, pode-se observar, então, que a juventude pode ser um momento de autonomia dos jovens em relação à heteronomia dos pais e dos adultos; contudo, essa autonomia não é plena, ela se prende a um outro “constrangedor”: seus pares. Apenas, e isso é muito, nos grupos de pares os desdobramentos dessa heteronomia do outro é de outra ordem, uma imitação social, o que pode favorecer uma recorrência aos estilos jovens de outras tradições jovens.

Voltando ao problema dos conteúdos culturais do lazer, pode-se ver, no capítulo seguinte, que, para os jovens pesquisados, o lazer tem uma certa predominância nos horários da noite. Isso ocorre em virtude, como se pode perceber, de o tempo livre desses jovens se concentrar mais no período noturno, já que esses jovens estudam durante o dia; e alguns desses jovens trabalham e estudam, restando, como tempo livre, apenas as últimas horas do dia. Daí também à restrição das práticas de lazer a certos conteúdos culturais. Ou seja, o lazer noturno recai mais sobre atividades como cinema, teatro, shows, bares e casas noturnas. Não se quer dizer que não se pode praticar esportes, desenvolver atividades físicas, artesanais, entre outras, no período noturno, até porque vários clubes, academias, e, mais recentemente, quadras de gramado sintético têm sido criadas e vêm ganhando espaço entre amadores de futebol². O que se pode apresentar, com os dados quantitativos, é que jovens freqüentadores de bares orientam seus lazeres para práticas afins aos lazeres que realizam cotidianamente.

² Inclusive, há projetos governamentais, como o *Esporte à meia-noite*, que têm buscado orientar-se para práticas desportivas como forma de retirar pessoas de espaços tradicionais noturnos como os bares. Contudo, esse projeto tem se orientado mais para as cidades satélites.

CAPÍTULO III

3.1 Espaços, vivências e representações de lazer de jovens do Plano Piloto

Tem-se, no Plano Piloto, segundo dados dos guias turísticos locais – dos cadernos de lazer e cultura do *Correio Brasiliense*, no ano de 2005 – aproximadamente 20 casas noturnas, 30 salas de cinema, 30 clubes, 11 espaços culturais, 27 museus, 10 salas de teatro, 15 casas de shows e espetáculos de música ao vivo, 10 espaços para dançar, 15 galerias de arte, 04 parques e espaços para passeios ao ar livre, prática de esportes, ciclismo e caminhada, zoológico, cachoeiras, dezenas de locadoras de vídeos e DVDs, milhares de restaurantes e bares. Acrescentam-se a esses lugares, as entrequadras, os parques e praças das entrequadras, os passeios cívicos e visita aos monumentos.

Outra fonte de dados foram os flyers, folders e postais. No biênio 2004/2005, foram recolhidos aproximadamente 800 diferentes formatos destes “panfletos”, durante as observações de campo nos espaços dos bares, casas noturnas e festas pesquisados. Desse montante, 60 *flyers* foram escolhidos, aleatoriamente, para pesquisa e análise. Resultou do levantamento das informações deste material o seguinte: 40 festas, em 26 espaços diferentes dos citados, anteriormente, e 138 artistas entre Djs, bandas e músicos somente do Distrito Federal, em sua grande maioria artistas do Plano Piloto³. E de se anotar que não foram contabilizados os *flyers* específicos das festas raves, porque se pretendia fazer um levantamento à parte desses dados, já que Brasília comparece como uma das cidades brasileiras que mais produz e realiza essas modalidades de eventos, nos últimos anos⁴.

Tendo apresentado esse painel da diversidade de espaços de lazer no Plano Piloto, e salientando a participação de artistas da própria cidade na consecução das festas e dos eventos, ainda resta discorrer sobre as opiniões dos jovens da cidade sobre esses espaços de lazer. Brasília é uma cidade que foi planejada para ser um local de trabalho, moradia e lazer. Contudo, a realidade do lazer revela ainda alguns problemas. Respondendo sobre o lazer na cidade de Brasília, por exemplo, o entrevistado *Jovem Ceub* vai dizer que é “caquético,

³ Todos esses dados dos *flyers* constam do anexo, onde podem ser acompanhadas de perto outras informações, como patrocínio, apoio, produtores, preço de ingressos e as datas e dias dos eventos.

⁴ De início, pensou-se em fazer um capítulo dedicado à chamada *Cultura Rave*, devido à penetração e ao espaço que esta tem encontrado entre os jovens no mundo inteiro, se estabelecendo como um novo estilo jovem, e, principalmente, por sua grande aceitação entre grupos jovens do Plano Piloto. Contudo, devido a problemas de espaço e tempo, foi-se suprimido este interesse.

deficiente e elitista”. Já a entrevistada *Maria Maria*. diz que o lazer em Brasília “é muito bom”, e completa sua resposta, numa direção completamente oposta ao do entrevistado anterior. Relacionando alguns espaços de lazer, diz *Maria Maria*. que,

tem muita coisa de alto nível por aqui. Tem filmes ótimos na Academia de Tênis e Cine Brasília, as exposições do CCBB, da Caixa, o Clube do Choro, os shows do Feitiço Mineiro, as festas do projeto de revitalização do CONIC, os barzinhos. Acho que por aqui tem de tudo um pouco pros mais variados gostos!

A mesma afirmação pode ser ouvida do entrevistado *Dududu*, quando diz que no Plano Piloto “tem de tudo para todos os gostos”. Não se pode, no entanto, deixar de pensar na fala de *Nathy Night*, quando afirma que o lazer é “deficiente, mas dá para se divertir”. A deficiência, como foi dito anteriormente, também se relaciona a variáveis importantes que devem ser consideradas como meio de transporte e custos. O lazer, para ser vivido em sua plenitude, deve observar essas condições. É certo, como foi visto na pesquisa quantitativa, que grande parte dos jovens entrevistados (52%) possui seus automóveis próprios ou utilizam veículos da família (36%) como meio de transporte principal. Mas e os outros jovens (14%)⁵?. Diante dessas questões, buscou-se, através da pesquisa quantitativa, conhecer as opiniões dos entrevistados sobre o que é lazer. Optou-se por buscar uma resposta direta entre os entrevistados e listá-las, conforme a ocorrência.

Assim, na pesquisa quantitativa, inseriu-se a seguinte pergunta: o que é lazer para você? Pergunta orientada a ser respondida de forma sucinta, como uma primeira visão. Orientada aqui mais para as *visões de mundo* do entrevistado, no sentido trabalhado por Karl Mannheim. Segundo Wivian Weller (2004), “as visões de mundo são construídas a partir das ações práticas e pertencem ao campo que Mannheim definiu como sendo o do conhecimento *ateórico*, como uma compreensão intuitiva que desenvolvemos no cotidiano”. Acreditou-se que assim apanharíamos uma impressão imediata, objetiva do que é lazer para os jovens pesquisados. A tabela abaixo apresenta as respostas dos entrevistados sobre o que é lazer.

⁵ O CCBB (Centro Cultural Banco do Brasil) possui uma linha de ônibus que perfaz o itinerário da área central do Plano Piloto até sua sede, em intervalos de uma hora. Esse transporte diário, que vai das 12h até a última sessão de filmes, ou o horário de encerramento de exposições, palestras e encontros, favorece, em muito, esses usuários que não dispõem de veículo particular.

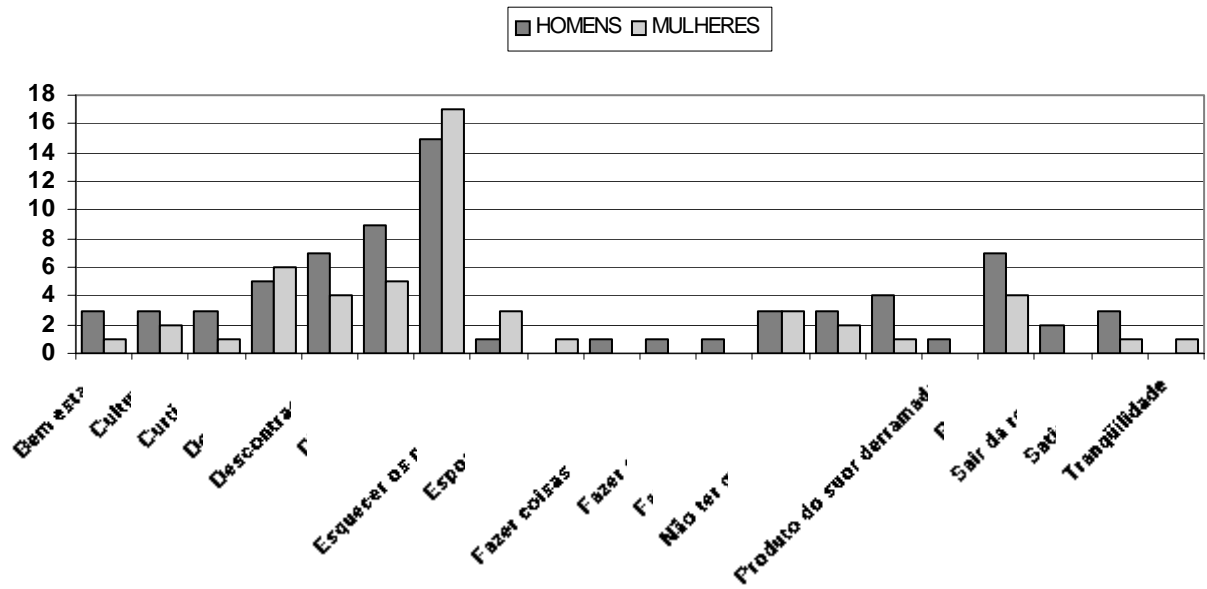
Tabela 2 – O QUE É LAZER PRA VC?

RESPOSTA	JOVENS	
	HOMENS	MULHERES
Bem estar	2	1
Cultura	2	2
Curtição	2	1
Descanso	4	6
Descontração	5	4
Distração	6	5
Diversão	14	17
Esquecer os problemas	1	3
Espontaneidade	0	1
Estado de graça	1	0
Fazer coisas excêntricas	1	0
Fazer o que gosta	1	0
Fazer o que quiser	1	2
Não ter que fazer nada	2	1
Prazer	2	1
Produto do suor derramado	1	0
Relaxar	2	4
Sair da rotina	1	0
Satisfação	2	1
Tranqüilidade	0	1
Total	50	50

Como pode ser observado na tabela acima, tanto entre jovens homens quanto jovens mulheres, o lazer é percebido, imediatamente, como diversão, seguido de distração e descontração, termos que podem ser, de certo modo, tomados como sinônimos. Como já havia sido indicado, anteriormente, e no mesmo sentido, afirmado por Joffre Dumazedier (1976: 165-75), o lazer tende, hoje, mais para o divertimento que para suas outras funções. Em segundo lugar, vem o lazer como descanso e apenas por último o lazer aparece como desenvolvimento. Não se pode perder de vista, no entanto, o imbricamento entre essas três funções das práticas de lazer, conforme também se afirmou segundo a teoria do lazer do ator acima.

Apenas anotando algumas interpretações possíveis, as representações e vivências do lazer como entretenimento, divertimento ou distração indicariam orientações de um hedonismo difuso, próprio às sociedades modernas (MAFFESOLI: 2004). Hedonismo que faz proliferar, por um lado, valores como o individualismo. Para os teóricos da Escola de Frankfurt Theodor Adorno e Max Horkheimer (2002: *passim*), essas funções de divertimento e entretenimento portariam valores homogenizantes, padronizadores das mentalidades. Contudo aqui não se avançará nessas interpretações, apenas se apresentam os dados. No gráfico abaixo, pode-se visualizar melhor a resposta dos entrevistados.

Gráfico 1 – O QUE É LAZER PRA VC?



A pergunta seguinte buscou apresentar o que jovens universitários brasileiros do Plano Piloto, de classe média e média alta, frequentadores de bares, fazem, como práticas de lazer. A tabela abaixo mostra a seguinte situação:

Tabela 3 – O QUE VC FAZ COMO LAZER?

RESPOSTA	JOVENS	
	HOMENS	MULHERES
Assistir filmes	2	3
Assistir televisão	3	2
Baladas	3	1
Bares	10	7
Beber	4	3
Casa de amigos	3	5
Casa noturna	3	3
Cerveja	2	0
Churrasco	2	2
Comer	1	2
Conhecer lugares novos	0	1
Cursos	0	1
Dançar	3	5
Esportes	7	2
Festas	6	4
Fumar	1	0
Internet	2	4
Ir a espaços culturais	2	3
Ir a shows	5	7
Ir ao cinema	4	5
Jantar	2	2
Jogar sinuca	2	1
Ler	1	2
Malhar	1	3
Namorar	1	3
Ouvir música	3	3
Paisagismo no quintal	0	1
Parque	4	1
Qualquer coisa que dê prazer	1	0
Sair para beber com amigos	3	4
Sair/encontrar com amigos	1	4
Sexo	3	0
Shopping	0	1
Teatro	0	4
Tocar em banda	2	1
Trem-fantasma	1	0
Várias coisas	2	1
Viajar	4	2

Se grupos jovens do Plano Piloto, homens e mulheres, indicaram o divertimento como principal conteúdo de lazer, escolhem, como lugar de realização desse divertimento, distração e descontração, bares, festas, shows, casas noturnas, sair para beber com amigos e/ou simplesmente beber. Nesse sentido, pode-se perceber um sentido coerente entre suas

representações e suas vivências do lazer. Além do que, há uma predominância de práticas de lazer que se ligam ao período noturno, o que coincide também com o tempo livre desses jovens estudantes universitários, que em sua maior parte estudam no turno diurno. Ainda, alguns outros jovens, estudam e trabalham, restando, portanto, a noite para o divertimento e a descontração, que são inseridos no cotidiano desses jovens homens e mulheres do Plano Piloto. A tabela abaixo, retirada da tabela acima, mostra bem a predominância desses lazeres, que somados chega a 32,70% das preferências dos jovens homens e mulheres pesquisados.

Tabela 4 – PRÁTICAS PREDOMINANTES DE LAZER

PRÁTICA DE LAZER	HOMEM	MULHER
Balada	3	1
Bar	10	7
Beber	4	3
Casa noturna	3	3
Cerveja	2	0
Churrasco	2	2
Festas	6	4
Shows	5	7
Sair para beber com amigos	3	4

Como os bares, festas e shows comparecem como dos lugares preferenciais de lazer de determinados grupos jovens da cidade, no capítulo seguinte buscou-se apontar alguns elementos que compõem o universo desses lugares. A escolha pelos bares das quadras 408N e 403S deveu-se, entre outros fatores, pelo grande número de jovens universitários, de ambos os sexos, que vêm freqüentando esses espaços, fazendo, destes bares, lugares de freqüentação e encontro entre grupos jovens.

3.2 Múltiplos espaços de lazer: o bar

Os bares estão em todos os lugares em Brasília. Dados do Sindicato de Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares do Distrito Federal anotam nada menos que 1.446 bares e 1.268 restaurantes no ano de 2004, somente no Plano Piloto. Somando todo o Distrito Federal, teríamos, ainda segundo os mesmos dados, 3.501 restaurantes e 6.344 bares num total de 9.845 estabelecimentos similares. No Plano Piloto estaria 36,22% dos restaurantes e 22,83% dos bares. Confira tabela abaixo:

Tabela 5 – BARES DO DISTRITO FEDERAL

CIDADES	QUANT.	% TOTAL
Agrovila São Sebastião	28	0,44
BSB-PPL/Lago Sul e Norte/Octogonal e Sudoeste	1.446	22,83
Brazlândia	146	2,31
Candangolândia	59	0,93
Ceilândia	1.288	20,33
Cruzeiro	229	3,62
Gama	137	2,16
Guará	319	5,04
Núcleo Bandeirante	185	2,92
Paranoá	166	2,62
Planaltina	191	3,02
Recanto das Emas	93	1,47
Riacho Fundo	112	1,77
Samambaia	231	3,65
Sobradinho	266	4,20
Taguatinga	1.216	19,20
Valparaíso	177	2,79
Vila Planalto	55	0,87
TOTAL	6.344	100%

Fonte: Sindicato de Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares do Distrito Federal

Como bares e restaurantes aparecem como similares na conceituação dos sindicatos dessa categoria, e na prática muitos restaurantes realizam serviço de bares, principalmente no horário noturno, acrescentou-se abaixo, para efeito de visualização desses espaços de lazer no Distrito Federal, dados quantitativos desses estabelecimentos:

Tabela 6 – RESTAURANTES DO DISTRITO FEDERAL

CIDADE	QUANT.	% TOTAL
Agrovila São Sebastião	15	0,43
BSB-PPL/Lago Sul e Norte/Octogonal e Sudoeste	1.268	36,22
Brazlândia	86	2,46
Candangolândia	21	0,60
Ceilândia	539	15,40
Cruzeiro	99	2,83
Gama	127	3,63
Guará	186	5,31
Núcleo Bandeirante	76	2,17
Paranoá	67	1,91
Planaltina	51	1,46
Recanto das Emas	15	0,43
Riacho Fundo	19	0,54
Samambaia	63	1,80
Sobradinho	138	3,94
Taguatinga	688	19,65
Valparaíso	31	0,89
Vila Planalto	12	0,34
TOTAL	3.501	100%

Fonte: Sindicato de Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares do Distrito Federal

É importante ressaltar que estes são dados aproximados, já que o número de estabelecimentos não filiados ao sindicato é incalculável. Contudo, este número anotado pelo sindicato é mais ou menos constante pois, segundo a funcionária da instituição citada, *Sônia Gonçalves*,

no Plano Piloto, raramente, algum bar ou restaurante é fechado e vira outra coisa, quero dizer, uma farmácia ou uma padaria. O que acontece é que mudam-se os donos, mas o bar ou o restaurante permanece. Muda-se o dono, mas aqui você não vai ver um bar virar uma floricultura, sabe?! O comércio nas entrequadradas é mais organizado e não pode ir mudando assim.

Um dos lazeres, potencialmente articuladores de grupos juvenis na atualidade, os bares surgem como espaço de novas sociabilidades. A prática de lazer em bares, forma privilegiada e cotidiana de sociabilidade entre determinados jovens no Plano Piloto, consiste em reunir em torno de mesas um público disposto à bebida e conversação, sendo a bebida o motor e a conversa o percurso. O lazer como uma finalidade de divertimento e prazer étlico, o lazer tendo como objetivo o próprio lazer. Assim, a conversa e a bebida tornam-se a principal atividade de lazer no bar, o encontro pelo encontro, a conversa pela conversa.

O bar surge, agora, como espaço público, strictu sensu, não destinado somente aos homens. As mulheres vêm freqüentando os bares com a mesma recorrência e excitação,

transformando o bar em um espaço heterogêneo, de troca de experiências com o lugar, de conversação, de desconstrução e reconstrução de antigos hábitos e valores ligados ao ambiente do bar. Além do que, a presença de jovens de ambos os sexos no bar, afirma esse espaço como lugar central de afetividades, amizades, namoros, enfim, de solidariedades. Os grupos juvenis, freqüentadores dos bares pesquisados, se compõem de homens e mulheres. Também freqüentam esses espaços jovens homossexuais homens e mulheres, em algumas noites em grande número. São, em sua maioria, jovens universitários, moradores do Plano, filhos de classe média e alta da cidade.

A etnografia dos bares pesquisados mostra que os encontros se dão principalmente pelo lugar do bar como substrato de gratuidade, informalidade e relaxamento entre pares de amigos, de iguais. Nos bares pesquisados, os atrativos estéticos, artísticos ou musicais são raros, quando não inexistentes: os bares da 408N não possuem sistema de som, não executam música, nem DVD, não há outros equipamentos para jogos, além de uma mesa de sinuca no Meu Bar. Os bares Distribuidora de cervejas Piauí e Meu bar possuem TV, mas apenas funcionam em dias de jogos⁶. A decoração destes bares não possui atrativos: são as repetidas e padronizadas mesas e cadeiras plásticas amarelas, azuis ou vermelhas, patrocinadas pelas principais marcas de cervejas nacionais, num processo de homogeneização e colonização dos espaços de lazer e entretenimento.

Os bares e o lazer noturno vêm desenvolvendo uma história no espaço público, no sentido que pretendo aqui, como um espaço de freqüentação jovem, principalmente a partir de meados do século XIX. As tabernas, primeiros bares da modernidade, espaços para beber, inicialmente freqüentadas por adultos, trabalhadores, marginais, prostitutas, artistas comediantes, começam a ser vivenciadas e representadas por jovens estudantes, escritores, poetas, intelectuais, iniciando culturas jovens em torno da noite, do fumo, da bebida, de drogas e outros imaginários soturnos (PERROT, 199).

Em torno dos bares nascerá uma das primeiras culturas jovens ligadas ao lazer noturno, que veio a ser denominada boêmia ou boemia, que é caracterizada por Michelle Perrot como uma cultura que estabelece

uma relação invertida com o tempo, de intensa sociabilidade tendo como palco a cidade, os salões, os bares. Os boêmio não conseguem dar dez passos

⁶ Nesse caso, particularmente, jogos da seleção brasileira, do campeonato brasileiro, dos times do Distrito Federal. Embora os moradores de Brasília torçam, em grande parte, para times de outros estados, principalmente do Rio de Janeiro, começa-se a formar entre jovens certa empatia com os times do DF, no caso, Gama e Brasiliense. Pode-se pensar que os moradores de Brasília torçam por seus times, uns por trazerem-no como uma herança de sua cidade natal, e uma geração mais nova que vem sendo influenciada por gostos herdados de imaginários dos pais e amigos, filhos de outros pais torcedores.

na cidade sem encontrar um amigo; conversar é seu prazer, sua principal ocupação; o uso privativo que fazem do espaço público; queimam dinheiro na noite, nas noitadas, são habilíssimos em transformar um lugar em noite de festa; partilham tudo até as mulheres; os amores múltiplos são regras e a infidelidade é um princípio; relações menos hierarquizadas entre os sexos; vida comunitária e pública (PERROT, idem: 296-7).

A boemia, as novas formas de boemia e vários outros grupos do final do século passado foram esquecidos ou pouco pesquisados, conforme observou David Matza (1968), no seu estudo sobre as “tradições ocultas da juventude”. Se a boêmia pressupunha certa intelectualidade, vida noturna, bebidas, drogas, é mais ou menos isso que se pode observar entre alguns grupos jovens no *MB*, no *PDS* e na *DBP*. Mais de uma vez, escutaram-se, nas conversas nas mesas dos bares pesquisados, nomes de poetas, escritores, músicos, rebeldes e malditos, gerações que vêm reconfigurando tradições de um ou dois séculos, marcando o espaço dos bares, como lugar de ludicidade, lazer e fruição artística, intelectual.

Embora pouco estudado, o lazer em bares pode propiciar a apropriação, construção, desconstrução e reconstrução de uma cultura intelectual muito particular. De qualquer forma, o que se pode observar são novas gerações explanando eufóricas – entre garrafas de cervejas e outras bebidas, cigarros, e em muitos casos drogas, como maconha ou cocaína – imaginários e heranças culturais de outras tradições jovens. Além do que, na maneira de vestir e andar, em determinados gostos e estilos, já foi mostrado que suas modas, acessórios, enfim, as indumentárias, percorrem imaginários de outras gerações jovens anteriores, recuperadas aos seus modos. Até porque, é preciso que se diga, novos estilos jovens não nascem da noite para o dia.

Aqui poderíamos aproximar o comportamento desses grupos jovens de certas tradições da boemia. Seguindo a divisão e caracterização apresentada por David Matza (1968), no seu estudo sobre as “tradições ocultas da juventude”, muitos jovens encontrados nos espaços do bar apresentam características de uma juventude boemia. Esses jovens estudantes universitários, de classe média, vivem nos meios urbanos, fazendo da noite lugares de encontro e entretenimento, cultivando *paraísos artificiais* em torno de bebidas e drogas, particularmente drogas leves como maconha. Assim, como bem observou Joffre Dumazedier,

não se compreenderá nada sobre o fenômeno do uso moderado de drogas leves como a maconha se não associá-lo ao suplemento de bem-estar ou de sonho procurado nas noites ou nos fins de semana, a fim de que a audição dos sons seja mais suave, a contemplação das formas mais bela e o toque dos corpos, mais fino (DUMAZEDIER, 1994: 59).

Nesses bares, grupos jovens, de ambos os sexos bebem das mesmas bebidas, fumam das mesmas marcas de cigarros. Beber, fumar, drogar, entorpecer ultrapassam prazeres

físicos, compondo, junto ao visual e os acessórios, a performance individual. Muitas jovens estudantes universitárias, dos mais diversos cursos, como também jovens homens, convivem, compram e/ou usam algum tipo de droga. Perguntado sobre sua relação com drogas, *Dududu* diz: “fumo maconha esporadicamente, o resto, tou fora”. Já a jovem *Nathy Night*, diz

fumo maconha sempre. Adoro. E não me atrapalha em nada. Não uso pó, não quero usar. E de vez em quando um licérgico, em ocasiões especiais. Consigo ter uma relação tranqüila porque não vou sempre na onda da galera e não sou muito curiosa.

O uso de maconha e algumas outras drogas não acontece, no que pode ser observado, no ambiente interno dos bares pesquisados. Nas casas noturnas, isso é um pouco diferente, dependendo do estilo, do artista, da festa, da noite, do tamanho e de particularidades do local. Como disse a entrevistada *Nathy Night*, existem “ocasiões especiais”, especificidades. No entorno dos bares e casas noturnas, as árvores, os veículos, os corredores das entrequadradas servem de abrigo e proteção para os jovens homens e mulheres fumantes de maconha praticarem seus hábitos. Normalmente, saem em grupos, às vezes pequenos; em outros momentos, por exemplo, nas horas mais altas, esses grupos podem ganhar outras configurações numéricas. Nos momentos de partida, estes grupos podem crescer ou diminuir. E podem, a partir dali, tomarem outros trajetos, deslocarem as conversas, os assuntos. A chegada dos que saíram para essa “voltinha”, em muitos casos, é acompanhada por caras, risos e olhares dos que ficaram nas mesas, marcando os lugares. Em alguns casos, parte do grupo permanece sentada às mesas, marcando lugares, enquanto outro sai, circula, volta.

Seguindo ainda a classificação de David Matza, esses jovens também assumem comportamentos menos intransigentes e radicais, numa espécie de “atitude blasé”. Comportamentos fisicamente “passivos”, como sentar-se à mesa de um bar e ficar bebendo, por horas, garrafas e mais garrafas de bebidas. Há atualmente uma prática interessante de se notar nos bares, entre jovens de ambos os sexos, que consiste em chegar ao bar, reunir umas cadeiras e mesas e pedir ao garçom um engradado⁷ para os bebedores irem depositando o vasilhame vazio. Acontecem apostas, competições étlicas veladas ou não nas mesas, entre os consumidores.

Brasília, e particularmente o Plano Piloto, já não obedece a um ritmo noturno-diurno de funções bem delimitadas, mas está, ao contrário, em perpétua ebulição. Isto, novamente, contraria uma representação de que Brasília seria a cidade do silêncio. Parece mesmo que a cidade seria do silêncio, dadas as leis regulando atividades em estabelecimentos que utilizam

⁷ Engradado ou grade são caixas plásticas ou de madeira utilizadas para acondicionar garrafas de bebidas.

equipamentos sonoros e similares. Embora haja leis no sentido de limitar as atividades de determinados comércios e serviços, essa cidade, no seu cotidiano, expande-se sobre o tempo e sobre os espaços. No seu dia-a-dia, prevalecem as leis da prática cotidiana. Nos bares e boates da Brasília noturna, a lei do silêncio perde para o barulho dos jovens.

Os jovens freqüentadores de bares acabam, muitas vezes, realizando uma inversão dia/noite. Estudando ou trabalhando – pressionados e cerceados pelas forças da pontualidade da vida social institucionalizada – só à noite encontram períodos de tempo livre, momentos de fuga e lazer cotidiano. Brasília favorece o lazer noturno em torno de bares. Embora haja leis no sentido de regular o horário de funcionamento desses estabelecimentos – e tentativas de cerceamento das atividades dos bares por alguns moradores das quadras, na prática muitos bares no Plano Piloto estendem suas atividades até a madrugada⁸.

Muitos bares estendem suas atividades para além do permitido pelas leis. Entre os bares que compreendem o espaço da pesquisa, os da 408N encerram suas atividades até por volta de uma hora da madrugada. Já o bar da 403S fecha por volta das duas horas da madrugada⁹. Contudo, não é pelos bares e similares encerrarem as atividades nesses horários “limitados” que os jovens do Plano Piloto deixariam a noite e seguiriam para casa. Ao contrário, é nesse momento que pode surgir um novo ânimo. As “festas do consumo”, o “estar-junto ocioso” prolonga-se nos supermercados 24 horas, que são a *salvação*, na língua nativa, para a busca de bebidas, cigarros e comidas. A noitada pode terminar em algum apartamento do Plano Piloto, na orla, no pontão ou em uma das mansões do Lago Sul.

Pode terminar em outro lugar também, como informa o entrevistado *Aloprado*: “pode ser na *quebrada* da 10, ah! mas lá é diferente”. Pergunto onde fica o local no que ele responde: “a *quebrada* da 10 fica na quadra 10 do Lago Sul, mas lá é muito escuro *vêi*, cê não tem noção! É lugar de *neguim* levar as *minas*, de *neguim* tostar um com os *brother*”. Parece que esse local, por ser lugar de jovens se encontrarem, “de *neguim* levar as *minas*” e de “tostar

⁸ “No segundo dia de adoção da Lei Seca, em todo o Distrito Federal, vários bares, quiosques e restaurantes ignoraram a limitação de horário de funcionamento e permaneceram abertos durante a madrugada. E não era preciso vasculhar becos e ruas em busca de provas do desrespeito. Guará, Taguatinga, Cruzeiro, Sudoeste, e em praticamente todas as cidades onde a classe média é predominante, havia bares e quiosques servindo bebida alcoólica depois do horário permitido. Segundo a portaria que instituiu a Lei Seca, os horários de fechamento desses estabelecimentos vão de 22h às 3h, dependendo da classe do estabelecimento, se quiosque ou bar, e da área em que está instalado, se comercial, residencial ou de uso misto. Segundo acordo feito entre a secretária da Coordenação das Administrações Regionais, Maria de Lourdes Abadia, o administrador de Brasília, Antônio Gomes e o secretário de Segurança Pública (SSP), Athos Costa de Farias a restrição do horário de fechamento só será imposta ao Plano Piloto se os índices de criminalidade da cidade aumentarem”. (www2.correioweb.com.br/cw/2002-03-16/mat_36656.htm, consultado em 19/01/2006).

⁹ Esses bares abrem em torno de oito horas da manhã. Na quadra 408N também um dos bares abre entre oito e nove horas da manhã. De manhã, já por volta das dez ou onze horas é comum a presença de jovens estudantes.

um”, ou seja, lugar de sexo e drogas (*tostar um* é expressão que significa fumar um baseado de maconha) sugere perigo, tanto pela possibilidade de batidas policiais, quanto pelo assalto de ladrões e/ou outras violências.

A especificidade dos circuitos noturnos de bares pode estar ligada à geografia do Plano Piloto, que reduz os espaços de circulação e os traz ao ponto inicial. Em automóvel particular, não se demora muito para percorrer todo o Plano Piloto. Nesse sentido, alguns jovens representam Brasília como um *ovo de codorna*, como uma *província*. O informante *Dududu.*, por exemplo, vai dizer que “isso aqui é uma roça, todo mundo conhece alguém que você conhece”. No entanto, esta característica da cidade, de ser grande e pequena ao mesmo tempo, aproxima as pessoas mais que as afasta; coloca-as em constante contato. Os bares no Plano Piloto, como foi visto, são em torno de 1200 unidades. No entanto, apenas alguns são escolhidos e freqüentados. Não se pode freqüentar todos ao mesmo tempo, embora se possa percorrer boa parte deles no percurso. Acontece que alguns inspiram mais o encontro e a diversão: quem se vai encontrar, o preço da cerveja, a ambiência.

Por isso, o bar poderia ser percebido como espaço de novas sociabilidades, onde o estar-junto é prenhe de valores. Ancorando em Michel Maffesoli, o bar pode representar um daqueles

lugares em que, sem nos preocuparmos com o controle do futuro, administramos nosso presente, espaço vivenciado não para o refúgio de um individualismo amedrontado e imóvel, mas a base a partir da qual se efetuam as incursões e investidas que, pouco a pouco, vão constituindo a órbita de uma nova socialidade (MAFFESOLI, 2004: 66).

Esse “estar-junto ocioso” que Maffesoli aponta como uma das características das sociabilidades atuais, pode ser encontrado nos princípios que definem os lazes de *Nathalia C.* Quando questionada sobre o que faz como lazer, a jovem respondeu:

saio com os amigos pra me divertir de montão. Geralmente freqüentando bares, festas de música eletrônica, shows de reggae, casa dos amigos, a orla do lago, cinema, teatro, os dois últimos com menos freqüência. Estar com os amigos, ter amigos divertidos, sair para tomar umas, conhecer, amar, viajar!! Não ser careta, saber que essa passagem não será julgada e que aqui se faz e se paga. Lazer pra mim é estar com pessoas queridas em um ambiente legal, seja um bar ou uma canga estendida na beira do lago, é esquecer os problemas e sorrir junto.

Não significa, contudo, que ao se entregar ao lazer de forma hedonista, “esquecendo os problemas e sorrindo”, esses jovens não tenham um compromisso com suas vidas ou que não estejam conscientes de suas ligações sociais. Uma outra resposta da entrevistada *Nathalia T.*, chama a atenção para o fato de que

sendo jovens, queremos diversão, emoção, paixão, tesão e ação. Mas creio que em todos os corações jovens existem valores comuns, sonhos, como ser sensível à espiritualidade, o desejo em construir uma vida digna, uma família, encontrar a pessoa, crescer profissionalmente e ter paz enquanto evoluímos.

Todo esse divertimento coletivo, esse lazer coletivo produz um imaginário coletivo. Ao frequentar bares, entre grupos de pares, de iguais, socializam-se “sensibilidades e espiritualidades”. *Nathy Night* fala pelo grupo, “queremos”, “em todos os”. Daí, por exemplo, a participação coletiva na construção de representações coletivas sobre o bar no espaço virtual da rede de amigos do Orkut. Os bares pesquisados, tanto da 403S quanto da 408N possuem comunidades nesse espaço virtual, construídas por frequentadores desses espaços reais. Nos fóruns das comunidades dos bares no Orkut, clientes desses estabelecimentos compartilham e desenvolvem histórias sobre esses locais. Citando Maurice Halbwachs (2004), percebemos “as cores vivas e cores apagadas que aparecem na colcha de retalhos composta pelos relatos dos entrevistados” sobre as histórias vividas no bar, *lendas bagaceiras*¹⁰, que formam o imaginário coletivo sobre este interessante espaço associativo, de interações as mais inusitadas.

Assim, o bar pode ser espaço de celebração, comemoração, consumo, paquera, mas é sobretudo um lugar onde o lúdico se desenvolve. O riso, em suas mais variadas formas, é vivido e representado em torno das mesas, da bebida, do encontro. Também são espaços específicos de forte carga erótica, de encontros, de amizades e outros afetos. Podemos, ainda, seguindo os argumentos de Michel Maffesoli, definir o bar como um daqueles

espaços de celebração feitos por e para iniciados, aos quais se vai em busca de iniciação e onde se observam os iniciados: no sentido etimológico do termo, portanto, espaços onde se celebram *mistérios*. As pessoas se reúnem, reconhecem umas às outras e, com isso, conhecem a si mesmas (MAFFESOLI, 2004: 58).

No caso dos bares, a circulação frenética, o entra e sai, as conversas ao pé de ouvido, as saídas para atender os celulares que tocam intermitentes, indicam que algo está acontecendo ou vai acontecer. Um mistério parece rondar o ambiente da noite e do bar. Vendo algumas jovens mulheres bebendo destilados, divertindo-se, rindo, beijando e abraçando

¹⁰ Sugestivo nome de Fórum, lançado na comunidade do Orkut do bar *Meu Bar*, que remete a construção de um imaginário histórico sobre o bar, que se pretende lendário. A comunidade do Orkut *Meu Bar/Pôr do sol* tinha na primeira consulta, em 30 de setembro de 2005, 2127 membros. Já em uma segunda consulta dia 15/10/2005, contavam 2258 membros. A comunidade Butiquim do Piauí, que diz respeito ao bar Distribuidora de bebidas Piauí, tinha 1102 membros em 15/11/2005, em 10 de fevereiro de 2006 contava já com 2027 participantes. Estes bares citados aqui são os espaços onde aconteceram as pesquisas de campo.

homens e outras mulheres, no espaço público do bar, acredita-se estar em meio a acontecimentos calorosos, quentes e cheios de possibilidades. O relato da entrevistada *T.Pat.*, de que gosta de “beber pinga antes de entrar na balada, por conta do preço e de ficar logo pronta” revela um dos segredos jovens para enxugar os gastos com a bebedeira e se “aprontarem” para a noite. Aqui, no caso, uma maquiagem para o espírito. Maquiagem recente na *nécessaire* feminina. Sem metáforas, vê-se aqui e ali jovens carregarem estoques sobressalentes de bebidas em garrafas portáteis estilizadas em suas bolsas.

Observar duas jovens bebendo aguardente em um dos bares da 403S foi um dos motivos que desencadeou a pesquisa sobre lazer, juventude e bares no Plano Piloto. Contudo, nas seguidas observações desses espaços constatou-se certas regularidades que despertou a curiosidade do observador. Buscar compreender o significado cultural da bebida, particularmente a aguardente, tão em voga, entre as jovens mulheres é abandonar um olhar sobre os prazeres etílicos que vê as bebidas alcoólicas como vícios ou práticas masculinas. Também não se pode pensar a bebida, unicamente, de um ponto de vista patológico, como uma fonte de problemas sociais, ou mesmo como algo apenas recreativo. É preciso dar à bebida um lugar mais importante na vida cotidiana, já que em torno desses prazeres muitos jovens têm ocupado parte de seu tempo livre¹¹.

Embora não seja o caso aqui aprofundar, jovens mulheres observadas – bebendo destilados, e particularmente aguardente, nos bares – parecem sorver a bebida, com propósitos de entorpecimento¹², de se aprontar para a noite. No entanto, parece haver outros conteúdos simbólicos nesse ato, embora nosso olhar não esteja treinado para tanto. Recuperando a fala da entrevistada *T. Pat.*, pode-se pensar na bebida consumida por ela antes de ir para a noite, como um “combustível” para os mistérios que a noite venha lhe revelar; por exemplo, um convite para dançar. Sabe-se que a “embriaguez é uma maneira eficiente de ressaltar a natureza do indivíduo, e também, eminentemente, adequada a dar às pessoas coragem de participar dos prazeres da dança e da música“ (MONTAIGNE, 1987: 107). Como maquiagem para o espírito, a bebida salienta traços subjetivos. Para o bem e para o mal, no entanto.

No bar, novas formas de sociabilidades são desencadeadas. Às vezes, relações iniciadas nos espaços socializadores da escola ou trabalho são revividas e desdobradas com

¹¹ Tem-se proliferado, entre jovens, camisetas estilizadas em torno de bebidas como Aguardente, Whisky, Tequila e outros. *Chora Rita, Jack Daniel's, José Cuervo*, nesta ordem, são marcas de bebidas estampadas nas camisetas de jovens que desfilam pela cidade e pelos espaços dos bares e casas noturnas.

¹² Isto está sendo dito à luz da rapidez dos tragos e do número de doses. Beber aguardente requer certo treinamento. O modo de beber de muitos jovens, e particularmente de algumas jovens mulheres, à luz de um autêntico bebedor desta bebida, denota falta de tato, de conhecimento das artes de beber aguardente, tão cultivado em algumas regiões brasileiras.

outra emoção. “Vamos tomar uma cerveja”, nos dizeres de *Lua Grande.*, “é você ir para o bar conversar os mesmos assuntos que conversa no trabalho ou na escola, só que acompanhado de uma cerveja, onde pode rolar outros assuntos”. E, parece mais que isto, “rolar outros assuntos”, embora decorra das conversas que vêm entabulando alhures, aproxima os pares de colegas ou amigos jovens, para um divertimento, agora pautado em posturas corporais, radicalmente outras. Ali pode tudo: beber, fumar, rir, chorar, beijar, brigar, sussurrar, gritar, dançar, entorpecer, entristecer, embriagar, alegrar. Enfim, o lugar do bar, embora muitíssimo pouco estudado, apresenta-se como um dos raros espaços sociais onde os indivíduos podem vivenciar e representar uma liberdade extrema, sob condições mentais as mais diversas. O espaço do bar traz intimidade, traz liberdade para os jovens, que podem ali, longe da companhia dos pais, dos professores ou superiores, beber, fumar, descontraír-se, relaxar-se das obrigações formais, conversar os mais diferentes assuntos, até mesmo assumir determinadas posturas. Os outros assuntos do bar com colegas ou amigos, segundo *Lua Grande.* são,

as nossas baladas e as deles, as viagens. No início são conversas do trabalho, da escola, as fofocas, o que é que tão falando de tal pessoa. Depois, às vezes, a gente sai para outro lugar...vai jogar sinuca, aí é só zoação. O *Fábio*, um amigo do trabalho, com quem saio se desmunheca todo, muda a voz, vira outra pessoa.

Então, a partir do encontro no bar, no caso aqui mostrado, pessoas podem até mesmo assumir, sem grandes riscos, suas vidas pessoais, suas identidades, por exemplo, sexuais. A homossexualidade, aos poucos penetra os espaços heterossexuais, quando não machistas, como foi o espaço do bar até pouco tempo. O impacto dessas sociabilidades sobre os espaços de socialização, nas transformações que podem trazer para o ambiente do trabalho ou da escola, ainda não foi estudado, mas não é pequeno.

Essa heterogeneidade de grupos jovens que freqüentam os espaços de lazer noturno impactam sobre esses espaços, orientando-os para uma fragmentação dos estilos. Conforme se pode observar nas pesquisas com os *flyers*, muitos são os espaços atuais de freqüentação jovem no Plano Piloto. Festas, shows e outros eventos acontecem nos mais inusitados lugares. Assim, clubes, casas, mansões, sítios, chácaras podem se transformar em espaço para múltiplos eventos, para divertimento e o lazer dos jovens. Os anos 1980, embora não seja o caso aqui aprofundar, foram, particularmente, iniciadores da prática de festas nas mansões do Plano Piloto. Já nos anos 2000, as festas *raves* irão eleger como espaço de acontecimento chácaras e sítios no entorno de Brasília.

São paradigmáticos, seguindo a lógica de uma heterogeneidade jovem em Brasília, os eventos que a tradicional casa noturna da 403S, com vinte e seis anos de existência, *Gate's Pub* promove nas noites do Plano Piloto. Esta casa noturna constrói imaginários de lazer diferenciados durante a semana, festas onde os DJ's e produtores trabalham estilos e tendências musicais diferenciados: *Superquinta*, *Tributo a Bob Marley*, *Quarta vinil*, *Forró de Domingo*, *Sábado Rock*. Assim, não se constituindo em um *gueto*, partilha de uma concepção mais universalista das práticas associativas lúdico-musicais. O que interessa é articular jovens, dos mais variados estilos para um estar-junto dos amigos, de outros jovens, divertindo, dançando, bebendo. As festas dos e para os mais variados estilos jovens servem de espaço para produtores, músicos, DJ's, em sua maioria, jovens do Plano Piloto, realizarem suas abordagens artísticas, sonoro-musicais e estéticas para a apreciação dos jovens.

No biênio 2004/2005, o lazer noturno entre jovens do Plano Piloto orientou-se com grande intensidade para bares, restaurantes, casas de shows e festas¹³. Nos espaços de lazer que envolvem música, espetáculos musicais, peças teatrais, festas, é importante anotar que a produção, distribuição e consumo têm, sua maioria, a participação e envolvimento de jovens da própria cidade. O número de produtores, *DJ's*, artistas, bandas do Plano Piloto e sua ativa participação no desenvolvimento e criação de espaços de lazer, levantados na pesquisa, diz muito sobre a estrutura e a extensão das relações dos jovens com a produção das práticas de lazer na cidade. Na próxima seção serão apresentados alguns dados quantitativos, mostrando a participação de jovens brasilienses na produção dos espaços de lazer noturno do Plano Piloto.

Embora não seja intenção aqui discutir, teoricamente, violência em suas formas e conteúdos, não se pode deixar de lado esse tema, pois muitas são as representações de bares como lugar perigoso, violento. Contudo, os bares como lugares violentos aparecem com maior recorrência nas estatísticas das periferias. Mata-se e morre muito em bares na periferia: o cliente fica bêbado e torna-se agressivo, violento. Alguns casos violentos, apesar de envolverem jovens brasilienses, do Plano Piloto, não têm relação com bares, pelo menos diretamente. O mais trágico dos casos envolveu os jovens que incendiaram o *Índio Galdino*, o que talvez possa ser resultado de bebedeira, mas relaciona-se, diretamente, a outros fatores. Fatores, segundo os assassinos, ligados a uma forma de discriminação e “divertimento”. Poucos foram os casos de violência observados nos bares e espaços pesquisados. O que se viu

¹³ O aumento da frequência a bares pode ser explicado pela performance das cervejarias no país no último ano. Segundo dados da Ambev (Companhia de Bebidas das Américas), o ano de 2005, no setor de bebidas, particularmente das cervejas, mostrou o maior desempenho desde 1995. O lucro líquido da Ambev aumentou em 31% em relação ao ano de 2004. Ver dados em www.ambev.com.br/not_04.php?noticia=133, acessado em 19/03/2006.

foram algumas brigas entre freqüentadores. Um caso em que envolveu arma de fogo e tiroteio teve o bar *DBP* como cenário, mas não esteve relacionado ao ambiente do bar.

Um primeiro caso de violência: um senhor, de aproximadamente cinquenta anos, chega em um dos bares da 408N e pede uma dose de bebida destilada. No mesmo instante, vê o filho, jovem estudante secundarista, fumando maconha sob as árvores da entrequadra com mais dois jovens. Tendo flagrado o filho fumando maconha, o pai começa um alarido. Já aparentemente meio embriagado, o pai xinga os acompanhantes do seu filho. Um dos jovens que está junto ao seu filho é negro, outro de mais idade. O pai xinga, principalmente, o negro. O balconista do bar intercede, tentando acalmar o pai, diz que os fumantes “são seus clientes e gente de respeito”. São “alunos da UnB”, diz o balconista, “gente de respeito”. O filho vai ao bar acalmar o pai, depois os dois sujeitos vêm para uma das mesas. São encarados pelo pai, que, no entanto, encerra o alarido. Os dois que fumavam com o jovem levantam e vão jogar sinuca. Depois o pai vai até um deles e conversa. Descubro depois que fez pedidos de desculpas, disse que pensou que o filho estava vendendo droga, como se vender fosse um mal, mas consumir não. Interessante a posição do pai, morador da Asa Norte, talvez conhecedor de determinadas práticas jovens no local.

Uma segunda confusão a ser relatada aconteceu no bar da 403S. Uma noite agitada de terça-feira, quando começa novamente a rotina semanal dos bares¹⁴. A violência envolveu um soldado do Bombeiros, de aproximadamente quarenta anos, mas que comunga certos aspectos jovens. Filho de pai policial civil aposentado, mora nessa quadra. Está sempre de bermuda, tênis, camiseta, boné. Vive malhando e freqüenta o bar, na maior parte do tempo embriagado; transpira violência, está sempre excitado, tenso, falando alto. Nessa primeira confusão que o envolveu, agrediu um vendedor de incenso com uma cabeça. Seu argumento para a violência, descobriu-se com o vendedor de incensos, foi o de que este o “encarava”. Motivo torpe, senão ponderável. O agressor investiu várias vezes sobre o agredido, contudo este se safou como pôde, apesar do golpe na cabeça. A reação do público ficou entre passiva e atônita. Coincidência ou não, esse vendedor personifica aquela vivência e representação mística incensada, quiçá incapaz de qualquer atitude violenta.

¹⁴ De terça a quinta-feira o movimento de jovens é composto por um público mais conhecido, freqüentadores mais assíduos: Djs, produtores de eventos noturnos, distribuidores de *flyers*, estudantes de cursos diurnos, e, no caso da quadra 403S, jovens e outros moradores da quadra, freqüentadores da casa noturna *Gate's Pub*, que oferece eventos, muito procurados, nesses dias, por um público jovem mais específico.

Figura carimbada¹⁵ nesse bar da 403S, esse soldado militar foi flagrado em outra confusão alguns meses depois. Era um jogo de futebol e o time para o qual torcia jogava, e perdia. Como já o conhecesse, posicionei-me a certa distância de seus possíveis olhares. E, como quem já esperasse algo, concentrei meu olhar para sua performance. Embriagado, ele torcia com ânimos exaltados, agredia com palavrões e olhares alguns freqüentadores que pareciam torcer pelo outro time. Embora fosse figura “carimbada” nesse bar, muitos jovens freqüentadores não o conheciam, envolvidos que estavam com seus divertimentos e alegrias em torno de seus grupos de amigos. Num repente, esse soldado soltou um grito e deu um soco em cima da mesa de um dos clientes. A mesa partiu-se em duas, e ele ficou parado, na frente do freqüentador dessa mesa, encarando-o. O freqüentador, jovem de aparentes vinte anos de idade, fitou-o também, entre enfurecido e seguro de si. Levantou, tomou a mão da jovem que o acompanhava, foi até o caixa, pagou a conta e saiu.

Nos bares da 408N foram observadas duas brigas, uma primeira com o dono do bar, problema de conta com um freqüentador. Segundo explicou o proprietário, não era a primeira vez que tinha problemas com aquele cliente, que sempre chega embriagado. Nessa noite, o senhor Zé, proprietário do famigerado Meu Bar, perdeu a paciência, agredindo com socos e pontapés o freqüentador. Porém o segundo caso observado nesse bar foi mais dramático e, ao mesmo tempo, proporcionou certo espetáculo para alguns freqüentadores, principalmente por que ocorreu no final de noite e entre duas mulheres. O dramático e quase trágico dessa briga deveu-se à diferença física entre as jovens. Um das mulheres, jovem, mostrou habilidades com uma técnica esmerada de luta. A outra envolvida tentou dar alguns golpes, estapafúrdios, carregados de emoção, mas encontrou uma adversária profissional em lutas, segundo me informou um dos presentes. Em termos de ferimentos e violência física explícita, essa confusão realmente impressionou pelos ferimentos causados na mulher de mais idade, e de menor estatura, visivelmente mais fraca e menos preparada fisicamente.

Uma última confusão pode ser observada no bar da 403S, na tarde de uma quarta-feira. Alguns grupos estavam sentados em torno de mesas na parte externa do bar Distribuidora de bebidas Piauí, quando surgiram, correndo entre as mesas, dois adolescentes homens, maltrapilhos, aparentando serem menores de rua. Em seguida, surge um policial militar

¹⁵ Muitos dessas figuras “carimbadas” freqüentam o bar de bermuda, sem camisa, andam descalços ou de chinelos, são moradores da quadra. Usam drogas de maneira mais ostensiva, bebem mais que outros freqüentadores, vendem drogas; muitos são mais velhos, alguns não fazem nada, vivem da aposentadoria do pai, mãe ou avós. Num certo sentido, apresentam-se como os “donos do pedaço”, por morarem na quadra. Esse policial, segundo observações e pesquisas, pode ser enquadrado nessa tipologia. Também outro observado e entrevistado, *Wladimir R*, enquadra-se nesse perfil; apesar de seus já 43 anos, representa certa juvenilização.

correndo e gritando frases do tipo “pega ladrão”. O policial dispara um tiro para o alto. Um dos perseguidos se assusta e revida na direção do policial, que está no ângulo de mira frontal ao espaço externo do bar. Desenvolve-se uma gritaria; os presentes no bar se jogam no chão. Um novo disparo dos supostos menores atinge uma das colunas de metal que dá suporte ao telhado, provocando um silvo metálico e muita gritaria. O policial pára. Os clientes do bar censuram a atitude do soldado que, disparando sua arma, provocou a reação dos fugitivos, que reagiram disparando de volta, na direção do público e, por pouco, não provoca uma tragédia no bar.

Em todos esses casos de violência nos bares pesquisados, alguns podem ser relacionados a bebida, mas não aos bares. Diria, nos dois casos envolvendo o policial bombeiro, e o das mulheres, deveu-se mais ao comportamento do envolvidos. Um outro caso, o do proprietário e do cliente, ao problema das contas. E o último caso, um problema recorrente nos grandes centros urbanos, o problema da criança e do adolescente decorre de macroestruturas econômicas e sociais e do despreparo das polícias para lidar com esse tipo de problema. É de se anotar que esses acontecimentos foram observados e pesquisados no biênio 2004/2005. Com uma frequência quase diária, além do que se colheu com os garçons e freqüentadores, apenas outro incidente ocorreu no bar *MB* nesse período, mas também de pequenas proporções e novamente não envolveu jovens.

Casos típicos, as brigas observadas nesses locais tiveram o bar como palco, mas a bebedeira de pelo menos um dos brigões vinha de outros lugares. O que se quer afirmar aqui é que, embora o bar seja representado entre vários grupos sociais como lugar de violência, os casos acontecidos nesses bares pesquisados foram solucionados de forma razoável, sem vítimas, ainda que isto não retire as conotações violentas. Essas violências, contudo, não caracterizam o espaço dos bares pesquisados. E, mais ainda, não foram acontecimentos que envolveram diretamente os jovens freqüentadores. Na verdade, os únicos jovens envolvidos na violência, entre os casos citados, foram o jovem agredido pelo policial bombeiro, durante a partida de futebol que assistiam no bar, e a jovem do bar da 408N. Os outros casos envolveram dois menores, um policial e pessoas adultas, em alguns casos embriagados e como que deslocados da ambiência geral desses bares.

Aproveita-se aqui para marcar mais uma das características que assemelha esses grupos jovens freqüentadores de bar com a tipologia dos boêmios, proposta por David Matza (1968): a não violência. Segundo esse autor, a relação com a violência entre jovens boêmios normalmente são “delitos que não vitimam; delitos que incluem o excesso sexual, a homossexualidade, o uso imoderado do álcool, o uso de narcóticos” (MATZA, 1968: 102).

Contudo, estas práticas embora também representem, para alguns, certa violência, são, para muitos jovens, formas de lazer e busca de prazer, que têm, no excesso etílico, no excesso e no uso de drogas, um forte componente místico, ligado à liberdade e atitude diante da realidade.

Os bares pesquisados não são os mais antigos, famosos ou mais freqüentados do Plano Piloto. Na verdade, outro bar, o *Libanus*, citado pelo Presidente do SINDHOBAR¹⁶, como o mais velho, é também mais freqüentado e famoso. Todavia, os bares objetos desta pesquisa possuem suas histórias. Há vinte anos, o bar *DBP* funciona na 403S. Há sete e quatro anos, respectivamente, os bares *MB* e *PDS* recebem jovens de Brasília, mais especificamente um público entre 18 e 25 anos, universitários em sua maioria, de classe média e média alta na 408N. O espaço do *MB* sempre funcionou como bar, faz 14 anos, segundo relatou o proprietário atual, grande conhecedor da quadra e de bares no Plano Piloto. Segundo sua informação, o bar já teve outros dois proprietários e dois outros nomes: *Bar do Passarinho* e *Bar do Didi*. Isto confirma a afirmação da funcionária do Sindicato dos Hotéis, Restaurantes e Bares do Distrito Federal, *Sônia Gonçalves*, sobre essa peculiaridade do espaço urbano do Plano Piloto, que ela disse “ser mais organizado”.

O bar *DBP* ocupa duas lojas no andar térreo da comercial 403S, com entradas e saídas na frente da comercial e pela quadra residencial, ocupando aproximadamente cinquenta metros quadrados da área verde da entrequadra. A estrutura interna compõe-se de uma câmara refrigeradora interna com 24 metros quadrados. Espaço para resfriamento e refrigeração das bebidas frias que são vendidas pela distribuidora no lado da comercial, no atacado e também para servir ao bar interno. A distribuidora possui um estoque variado de bebidas, das mais diversas marcas: uísque, vodca, gim, bourbon, vinhos, aguardentes, cervejas, refrigerantes, sucos, água. Também há uma enorme variedade de produtos afins, como cigarros convencionais, cigarros de palha, cigarros de Bali, charutos, castanhas, balas, chicletes, chocolates.

A parte propriamente do bar, que tem entrada pela residencial, possui em torno de cinquenta metros quadrados. Compõem o espaço seis freezers verticais, amarelos, vermelhos e azuis. Esses estampam marcas das principais cervejas consumidas atualmente no país. A parte central do interior do bar é preenchida por um conjunto de seis mesas com cadeiras. Na lateral, um balcão divide o ambiente interno em dois cômodos, ficando na parte interna ao balcão um freezer horizontal, o caixa e uma estrutura para lavagem de copos, pratos e talheres. Sobre esse balcão ainda, uma salgadeira. Ao lado do caixa, um balcão contíguo com garrafas de aguardentes de várias marcas; ao fundo desse compartimento, um fogão e, ao lado,

nas paredes estantes com bebidas. Na parede ao fundo, fica instalado um aparelho de TV, que é ligado nos dias de jogo, ou para se reproduzir shows em DVD¹⁷.

O bar *DBP* também ocupa uma parte da área verde da entrequadra. A ocupação desse espaço varia sob algumas condições: clima, dia, público. Nos dias de maior freqüentação, o bar pode se estender até mesmo para a parte interna do bloco próximo, com os grupos de jovens e os garçons espalhando mesas sobre o gramado, ampliando a área do bar. Observemos esse bar, numa quarta-feira, dia frenético nessa quadra. Ao lado do bar funciona a tradicional casa noturna *Gate's Pub*, e nas quartas é dia de determinados grupos jovens comparecerem na 403S para uma cerveja no *Piauí* e a *balada* noturna no *Gate's*.

Quarta-feira, vinte e uma horas e quinze minutos no bar *DBP*. Aproximadamente vinte mesas estão dispostas com quatro cadeiras, todas essas preenchidas. Mais duas mesas com oito cadeiras em volta estão ocupadas também. Outras sete mesas estão ocupadas aos pares. As mesas e cadeiras são todas de plástico, amarelas e vermelhas, com marcas das cervejarias mais populares do país. Com isto, os bares vêm caindo em padronizações oriundas dessas cervejarias, que, através de promoções, acabam amarrando donos dos bares a seus imaginários homogeneizantes. Os mais variados produtos e brindes promovidos por essas cervejarias, como freezers, cadeiras, mesas, pôsteres, porta-garrafas, decoram o espaço desses bares pesquisados, em consonância, pode-se afirmar isto após uma vista rápida na paisagem dos bares na cidade, com o que acontece crescentemente nos últimos anos em muitos desses estabelecimentos.

As mesas são arrumadas no bar *DBP* em espécies de filas que correspondem à área de atendimento de cada garçom, mas em muitos casos a disposição das mesas é mudada em função do pedido de clientes. Alguns clientes pedem a mudança da mesa para outro lugar, reconfigurando o espaço. A organização das mesas pode mudar de acordo com o grupo de freqüentadores do espaço. Em muitos casos, as pessoas não chegam juntas, vão chegando aos poucos, se encontrando, formando e transformando os grupos. Às vezes, a chegada de determinados jovens leva o grupo de uma mesa para outra. Ou alguém que estava em uma mesa muda para outra, principalmente nas noites de terça a sexta-feira, quando o movimento de jovens é mais intenso. Na quarta-feira, por exemplo, devido ao evento *Quarta vinil*, que

¹⁶ Sindicato de Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares do Distrito Federal.

¹⁷ Os shows reproduzidos em DVD são um caso à parte e já mereceu também um fórum no Orkut desses bares devido à qualidade que destoa dos estilos dos freqüentadores. Isto se explica pelo fato de freqüentadores do bar no período diurno – idosos aposentados, jogadores de baralho, trabalhadores da quadra, moradores das cidades satélites e os mais variados tipos que freqüentam o lugar, portadores de gostos distintos dos jovens universitários, travarem amizades com os funcionários do bar e colocarem fitas de DVD que são trazidas e

acontece no *Gate's Pub*, o movimento no bar *DBP* amplia o bar, estendendo-o pela entrequadra. O bar também amplia seu espaço, avançando sobre os passeios públicos da entrada pela comercial, pela porta da distribuidora. Compra-se cerveja em vasilhame de lata ou garrafa tipo *only way*, a preço bem abaixo de outros bares, e fica-se na porta. Até porque a da entrada do bar *DBP* se avizinha da portaria do *Gate's Pub*, espaço de *ferveção*, nos dizeres de Almeida e Tracy (2003).

Às vinte e duas horas, mais quatro mesas são ocupadas e também aumenta o fluxo de transeuntes. O bar *DBP* possui por volta de cinquenta mesas, que, não raro, nos dias de semana, entre terça e sexta-feira, a partir das 22h estão todas ocupadas. Cinquenta mesas, quatro cadeiras, aproximadamente 200 pessoas sentadas, sem contar o fluxo dos que circulam ou ficam em pé. Ainda as mesas que são preenchidas por mais de quatro cadeiras. Em certos dias, quando freqüentadores também ocupam as áreas dos prédios em frente ao bar, senta-se no piso, nas muretas.

Retomando a quarta-feira no *DBP*, às vinte e duas horas, as mesas organizadas pelos garçons já foram desorganizadas pelos freqüentadores; a configuração é outra. A música, como se atendendo às reclamações no Orkut, neste dia está em sintonia com públicos jovens urbanos, herdeiros da *cidade do rock*. Escutam-se bandas *pop/rock* como *Barão Vermelho*, *Cidade Negra*, *Paralamas do Sucesso*. Mas poucos dos presentes dão atenção ao aparelho televisor que veicula a música. Até porque a posição como está colocado não favorece sua visibilidade. Trinta minutos mais, e todas as mesas estão ocupadas e mais freqüentadores em pé, circulando, e muitos outros em volta das mesas, cumprimentando e conversando com conhecidos. Circulam entre as mesas também engraxates, vendedor de CD e DVD piratas, vendedor “coreano” de objetos inusitados. São personagens que chegam todas as noites nesses bares: o vendedor de incenso, a vendedora de artesanato, os distribuidores de *flyers*.

Até certa hora e em alguns dias, o público é composto por faixas etárias heterogêneas. São funcionários públicos que trabalham por perto, aposentados moradores das quadras adjacentes, funcionários dos prédios residenciais, toda sorte de pessoas. Mas à noite o *DBP* é dos jovens. Jovens homens e mulheres chegam no bar, jogam maços de cigarros, chaves de carros, celulares, bolsas sobre as mesas. O ambiente oferece segurança, o policiamento, no caso dos bares da 403S, é ostensivo e diversificado. Os jovens chegam, com seus veículos

reproduzidas no ambiente. Os funcionários do noturno acabam por colocar esses DVD no turno da noite. Como essa prática desagradou em muito o público jovem, freqüentador noturno, acabou sendo posta de lado.

ocupam todos os espaços no entorno dos bares. Estacionam sobre as calçadas, sobre os jardins, em fila dupla. O policiamento garante-lhes a tranquilidade¹⁸.

Uma certa homogeneidade no estilo de vestir pode ser observada entre o público freqüentador das quartas-feiras. Jovens homens e mulheres usando roupas pretas, cinturões de couro e rebite. Cortes de cabelo estilizados, botas, saias plissadas, correntes, bolsas de mão ou de ombro, estilizadas em vinil, imitação de couro ou borracha e outros materiais sintéticos. As jovens, muitas delas com cabelos curtos, alguns pintados em tons de vermelho, preto azulado, com prendedores, passadores e/ou fivelas coloridas. Camisetas, muitas vezes com um motivo infantil, ou de “cinismos desapiedados”, nos dizeres de David Matza (1968: 82) ao descrever o humor rebelde, marginal das “tradições ocultas da juventude”. Uma marca de camisetas muito em voga, no corpo dessas freqüentadoras, faz troça com marcas e símbolos da indústria do lazer e entretenimento globalizante e padronizador. Por exemplo, transformam o símbolo da companhia de petróleo Texaco na estampa Toxicó, a marca Adidas em Ardidás¹⁹. Jovens homens revisitam cortes de barbas que lembram estilos do final do século XIX, contexto onde os pêlos faciais masculinos receberam tratamentos particulares.

Como bem observou Michel Maffessoli (2004: 52), “o espaço é onde se cruzam as manifestações estéticas, os movimentos éticos, o sensual, o colorido, o brilho artificial, o dionisíaco, que é também a marca da cultura”. O espaço do bar, *locus* dionisíaco por excelência, é onde os jovens podem desenvolver formas de sociabilidade as mais diversas, piores de espontaneidades e autonomia. O bar como espaço de circulação e encontro, como espaço de pouso e decolagem, sublinha “o aspecto não-racional do espaço, lembrando sua dimensão fluida de circulação da fala e/ou de circulação do sexo” (Maffessoli, 2004: 52). Daí a importância do espaço em suas dimensões culturais e físicas. Nas palavras de Michel Maffessoli (idem: 54), “a arquitetura cultural é tão importante quanto sua arquitetura física”. Parece que mais do que o preço da cerveja e a proximidade das universidades, que muitas jovens alegam como motivo da presença, a própria freqüentação juvenil, a circulação e o encontro propiciam o enlevo, a festa, e o divertimento.

O serviço de atendimento no bar *DBP* tem características marcantes, quase personalizados. Os garçons, que já foram na comunidade Orkut motivo de um fórum, de discussão e também de competição, ao longo do período da pesquisa foram sendo trocados. Mas alguns permanecem no bar e fazem parte do imaginário do lugar. Garçons como o *Lopez*,

¹⁸ Em raras ocasiões foi observado um trabalho policial de cerceamento da freqüentação juvenil, como, por exemplo, blitz, batidas, aplicação de multas pelas contravenções com o espaço público.

Cabelinho, *Dj*, *Digimon* e *Souza* são personagens que dão colorido ao bar, cada um com suas singularidades²⁰. Estes conhecem os clientes, e têm um tratamento especial, principalmente com as jovens mulheres.

Já o proprietário do bar, *Chiquinho*, é uma pessoa difícil de se lidar: nervoso, antipático, grosso. Trata com rispidez os funcionários e o público em geral. Quando bebe, muito raramente, mas em demasia, trata mal muitos de seus clientes, xinga funcionários e, não raro, alguns destes já foram despedidos nos momentos de bebedeira desse proprietário. Os filhos do dono do bar, três (um adolescente, um jovem e uma jovem), que eventualmente trabalham no estabelecimento, têm o mesmo comportamento grosseiro do pai. Uma curiosidade interessante que o proprietário é do Piauí, por isso o nome do bar, e emprega como funcionários, particularmente, pessoas oriundas desse estado.

Por volta das onze horas, a movimentação dos clientes começa a ganhar outros contornos. Um grande número de jovens mulheres e homens, já devidamente “preparados”, nos dizeres da entrevistada *Thaís P*, deslocam-se em direção à casa noturna *Gate’s Pub*, mas o bar não pára ainda. Jovens que desistiram do divertimento no *Gate’s*, por diversos motivos, prolongam a estadia no bar. Nesse horário, também muitos jovens, saindo da universidade e das faculdades, chegam para tomar uma cerveja, rever conhecidos e amigos, na prática de diluir o lazer no cotidiano, na lógica do *eight hours to play*. Não é pelo adiantado das horas que os freqüentadores tardios perderiam a diversão, o descanso, a distração. Pode ser que com suas chegadas, novas e inusitadas perspectivas sejam postas em prática. Em muitos casos, amigos esperam por outros amigos para, nestas horas mais altas, saírem para outros divertimentos.

As noites no “complexo de bares” da 408N trazem algumas diferenças em relação às noites no bar *DBP*. Mas não são muitas as diferenças, até porque jovens freqüentadores se põem a circular por estes bares, deslocando de um lugar para outro até encontrarem seus pontos de estadia, o que, em muitos casos, ocorre quando encontram seus pares de diversão. Grande parte dos freqüentadores do *DBP* freqüenta o *MB* e o *PDS*.

Nos últimos dez meses de observação no *MB* e no *PDS* – de março de 2004 a meados de outubro de 2005 –, cresceu o movimento de jovens no local. Nesse decurso, houve uma mudança no aspecto físico da comercial, devido ao Plano Diretor. Esses bares tiveram que

¹⁹ No site da loja *Desacato* pode ver essa coleção com todas as estampas “cínicas e desapiedadas” dessa marca. Ver em www.desacato.com.br.

²⁰ Na comunidade *Butiquim* do Piauí no *Orkut*, pode-se acompanhar a importância e particularidade de cada um dos garçons e suas relações com os clientes. No fórum qual é o melhor garçom, os clientes e participantes da comunidade fazem suas escolhas, com explicações interessantes sobre as personalidades desses garçons.

derrubar as muretas que os circundavam. Preocupado com o possível impacto do ambiente sobre o comportamento dos frequentadores, perguntei aos proprietários dos respectivos bares sobre essa mudança. Esses se mostraram preocupados com uma questão: a poeira que viria a circular no ambiente. Contudo, aconteceu que, ao retirar as muretas que separavam o bloco comercial do passeio público, os bares ganharam mais espaço. Ou seja, o espaço do bar, antes enclausurado pelas muretas, escorreu para o passeio público e para a área verde da entrequadra. Aumentou o espaço de circulação e, aos poucos, esses espaços foram sendo apropriados por usuários e proprietários desses bares.

Ao calor do crescente movimento, os bares fizeram outras adaptações. Primeiro, foi o *MB* que estendeu uma lona sobre o passeio público ganhando uma área de, aproximadamente, 40 m². Essa cobertura de lona não somente propiciou o aumento da área de utilização e circulação, como também deu uma nova feição ao espaço. Poucos dias depois, o bar *PDS* implementou o mesmo modelo de lona, apropriando-se de uma área ainda maior, de aproximadamente uns 80 m² do espaço público.

Não existe uma fronteira nítida entre os bares *MB* e *PDS*, principalmente entre as terças e sextas-feiras. Ambos ocupam a mesma marquise, no mesmo bloco, e visto de longe parecem ser um mesmo bar, dado o contínuo das cadeiras e mesas, da circulação incessante que apaga os espaços fronteirizos. Mas diferenças existem. Do lado do *PDS* predomina a cor vermelha das mesas e cadeiras. Essa cor quente cai bem ao bar, posto que sua área de mesas está voltada para o sol. Daí, o nome *PDS* é emblemático, e esse bar é frequentado, em sua maioria, por jovens mais “barulhentos”, dir-se-ia mais heterogêneos. No *PDS* há uma certa diversidade: entrou-se neste bar jovens universitários de cursos mais diversificados. No *MB*, por exemplo, vimos jovens estudantes mais voltados para cursos na área de Ciências Humanas. Diríamos que o *PDS* é um bar de jovens mais integrados, enquanto o *MB* acolhe aqueles que conservam algumas tradições culturais jovens hippies, boêmias. Contudo, é preciso deixar claro que há toda uma série de reconfigurações postas em curso na prática cotidiana dessas vivências e representações jovens.

O *MB* fica do lado sombrio da quadra, na direção da residencial, voltado para a sombra das árvores. Talvez por isso seu aspecto seja mais boêmio, seus frequentadores mais voltados ao álcool, às conversas na mesa, às vezes a um violão. A cor predominante das mesas e cadeiras é o azul ultramar, frio, tanto das mesas e cadeiras quanto do grande toldo que cobre a área externa. Não existe música nesses bares, nem som de carro ligado. Muito raramente alguns dos frequentadores aportam com instrumentos e executam algumas músicas. Embora raras, há duas formas principais desse acontecimento: pequenos grupos de amigos em torno

de uma mesa, bebendo, tangendo seus instrumentos. Outra forma são os amigos que chegam com seus instrumentos, começam a tocar e forma-se uma roda em volta; ou ficam as pessoas em outras mesas próximas a acompanhar o evento, participando, cantando, tamborilando nas mesas, copos e garrafas, às vezes, dançando. Digamos que se constrói uma forma de pagode, de divertimento e brincadeira.

Na parte externa dos bares da 408N, as mesas são dispostas na marquise e nas áreas externas sob as árvores. Vista sob o olhar ofuscado pela fraca iluminação pública local, ao longe, como se sob o efeito de um astigmatismo, a paisagem do bar, suas mesas suscitam uma tela impressionista. O modelo das cadeiras coloridas em tons de azul, amarelo, vermelho, branco, embora de material plástico, com seu desenho abaulado enfeita, alegria os espaços, remetendo a um estilo bistrô. Contudo, esses modelos de mesas e cadeiras homogeneizam a ambiência dos bares, dando-lhe uma feição, ao mesmo tempo, vulgar.

O *MB* é um tipo de bar que pode ter por sinônimo o correspondente botequim, ou indo mais longe, numa linguagem nativa, numa espécie de *copo sujo*: não tem salgados e nenhum outro tipo de *tira-gosto*. Na salgadeira que fica quase obsoleta sobre o balcão, às vezes jiló frito, ovo cozido ou torresmo (tipicamente uma *espelunca*, dir-se-ia). Não vende cigarros. No seu cardápio, se é que se pode dizer assim, há bebida alcoólica. Mesmo assim, a variedade é pouca: cerveja, aguardente, conhaque, vodka. Bebidas não alcoólicas muito raramente, uma ou duas marcas de refrigerantes. Qual, então, o atrativo de um bar tão carente em recursos etílicos e gastronômicos?

O *MB*, pode-se aventar, tem como atrativos seu proprietário, personalidade carismática, os freqüentadores colegas de faculdade, da UnB, a proximidade para estudantes moradores das kitenetes da quadra adjacente ao bar e de quadras próximas, a proximidade com a universidade e outras faculdades, no caso da Asa Norte como o IESB. Outro atrativo considerado pelos freqüentadores é o preço da cerveja. Também duas mesas de sinuca atraem clientes. Com apenas duas mesas de sinuca, freqüentadores se obrigam a permanecerem mais tempo, esperando a vez no jogo. Daí, enquanto aguardam conversam, bebem, estabelecem interações. Prolongando a estadia no bar, ampliam a visibilidade do espaço como lugar de freqüentação jovem. O entrevistado *Let's boy* encontra dois atrativos nesses bares da 408N: “primeiro porque são baratos, depois porque sabe que vai ter jovens”.

Uma resposta curiosa ao problema dos atrativos do *MB* e *PDS* foi a do entrevistado *Felipera*. Para ele, as pessoas que freqüentam esses bares são

estudantes atrás de cerveja barata e sem preocupação com status e com a qualidade do ambiente. Em alguns casos podem ser pessoas mais novas que

têm medo de ir a bares mais arrumados por terem mais medo de terem serviço recusado por sua idade.

Como espaço que recebe um público mais ou menos constante de *chegados* ou *brothers*, na linguagem destes jovens pesquisados, o bar ganha características de lugares que Magnani (1998: *passim*) considerou como “pedaço”. O próprio nome “Meu Bar” sugere aconchego, intimidade. Ao observar o bar, percebe-se uma relação de intimidade entre proprietário e freqüentadores e também entre estes. Grande parte dos freqüentadores jovens, homens e mulheres, se conhecem. Assim, esses grupos jovens cambiam membros, aumentando as redes de sociabilidade. Desse modo, o lugar representando intimidade e aconchego libera jovens, alguns menores de idade, do medo de se exporem ao pedido de uma cerveja, do medo da recusa. O certo é que poucos são os bares que se certificam de documentação. Isso é um grande atrativo, principalmente para os iniciantes.

O cotidiano de jovens nos bares reflete tempos de consumo, de novas formas de sociabilidade ligadas ao consumo de cerveja, se pensarmos nos dados da Ambev no biênio 2004/2005. Observando a freqüentação noturna nos bares pesquisados, as campanhas publicitárias que mostram jovens em bares parecem reproduzir a realidade concreta, representando imagens da própria realidade, pois é assim que tem sido o cotidiano nos bares. Com o crescimento do mercado de bebidas, em particular o de cervejas, também aumenta a concorrência entre os bares e similares. Daí as estratégias para atrair um número maior de público, e o público alvo tem sido jovens homens e mulheres.

Segundo a funcionária do **SINDHOBAR**, Sônia Gonçalves, “nos últimos cinco anos os proprietários dos bares têm procurado atrair clientes com bares temáticos, novo visual, ampliação da área externa”. As mudanças no visual acontecem, na temática muito pouco nos bares pesquisados, mas o que chama a atenção é a ampliação da área externa. Segundo o senhor Zé, proprietário do *MB*, o fechamento do *postinho*²¹ da UNB aumentou o movimento nos bares da 408N. Foi preciso abrir novos espaços. A mudança fez grupos de jovens universitários deslocarem seu local de freqüentação. Com a chegada dos grupos migrantes, vindos do *postinho*, o espaço na 408N requisita transformações, se recria.

O espaço se refaz para se tornar atrativo, mas também em muito se expande, em função da demanda. No biênio 2004/2005, todos os bares pesquisados aumentaram suas áreas

²¹ Antigo posto de gasolina na UnB, Ala Norte, que, por vender cerveja, articulou grupos de jovens estudantes universitários em seu espaço, constituindo um lugar de freqüentação jovem, onde beber cerveja é elemento importante do encontro. Com o fechamento desse estabelecimento, os jovens freqüentadores migraram para os bares da 408N.

externas, avançando sobre os espaços públicos das quadras comerciais e residenciais²². O sociólogo Brasilmar Ferreira Nunes tem razão ao afirmar que os habitantes do lugar estão imbricados no processo de ordenação, reordenação e desordenação dos espaços. Diz ele que “em nenhum momento da história (...), o poder público foi capaz de conter as expectativas dos habitantes quanto ao que deveria ser a ordem dos espaços urbanos” (1997: 14). Os deslocamentos dos grupos alteram os espaços físicos e culturais.

Argumenta-se aqui que o lazer é um dos elementos da modernidade, tendo como núcleo ludicidade, escolha, espontaneidade, nesta análise ligada, ao caso de bares. A geração que vem escolhendo o bar como lugar “da amizade, do encontro com amigos e do culto etílico” parece um modo de aceitação das representações homogêneas de juventude. Seu impacto sobre as transformações no espaço e nas categorias juventude e lazer resulta em formas de vivenciar e representar o espaço, de afirmá-lo enquanto lugar público de circulação e encontro de novas vivências espaciais jovens.

A relação de complementaridade entre lazer e juventude em muito se deve a certa proximidade quanto à recusa da ordem, como uma simpatia pelo avesso. Nesse sentido, o lazer atrai jovens e estes o vivenciam. Os bares surgem, nos últimos anos, como lugares preferenciais de encontro entre grupos jovens.

Ao mostrar certas características boêmias entre alguns jovens pesquisados, aponto quais seriam as formas de rebeldia, de transgressão de regras atualmente entre jovens: a extrapolação dos horários noturnos; o consumo de bebidas e drogas; as *ficadas*²³; as conversas; o número de contatos, de amigos. Ao afirmar essas novas formas de sociabilidade, grupos jovens do Plano Piloto afirmam suas atitudes e valores diante das novas realidades no espaço urbano. Se o bar tem se tornado dos espaços centrais de lazer de jovens do Plano Piloto, certamente estes não poderiam afirmar que a cidade não oferece lazer, já que hoje a quantidade e qualidade dos bares vêm contribuindo para o aumento da quantidade e qualidade de lazer noturno em Brasília.

Os bares fazem parte do circuito de lazer noturno. Sua representação como lugar de se iniciar a noite é recorrente entre grupos jovens. Viu-se isto, por exemplo, na relação que se estabelece entre o bar *DBP* e a casa noturna *Gate's Pub*. Um funciona como que a ante-sala do outro. Bebe-se no bar *DBP*, que é mais barato, e ainda se faz uns contatos primevos, dança-se no *Gate's*. Um *tour* noturno pelo Plano Piloto pode se iniciar por um bar, passar por

²² Além dos bares onde se focou a pesquisa de campo, essa observação pode ser estendida a um grande número de bares, restaurantes e similares. E isto tanto no Plano Piloto como em algumas outras satélites, por exemplo, no Gama.

algum show e terminar numa casa noturna, ou até como disse um dos entrevistados, “no pier na orla do lago”. Brasília propicia, faz alguns anos, uma diversidade de espaços cotidianos de lazer. Os *flyers*, como será mostrado na seção à frente, mostram-se como importantes guias do circuito noturno na cidade.

²³ Conforme indicado anteriormente, refere-se a novas práticas afetivas entre jovens.

3.3 Os famigerados *flyers*

O *flyer*, *felipeta* ou *mosquitinho* é um tipo de folheto para divulgação de eventos. Nome que pode ser traduzido melhor por *voador*. Objeto que corre de mão em mão, que circula entre pessoas e as fazem circular entre os eventos publicizados. Embora pareça descolado do tema da presente dissertação, interessa apresentar o *flyer*, aos menos em pinceladas rápidas, exatamente por sua propriedade para articular espaços e grupos jovens em práticas de lazer, particularmente, o lazer noturno. Seu formato, medida, textura, quantidade e qualidade variam, enormemente, conforme pode ser visto, na figuras 1, 2 e 3 na página seguinte.

Estes folhetos são outras formas de participação de jovens na produção do lazer noturno. Das terças às sextas-feiras pelos bares e casas de shows do Plano Piloto estes circulam seu trabalho noturno. Várias vezes pode ser observado nos bares distribuindo *flyers*, jovens envolvidos na produção direta dos eventos. Não é fácil fazer contato com eles, pois estão sempre circulando, apressados, realizando um trabalho que possui um ritmo interessantíssimo sociologicamente como configurações metropolitanas, no sentido simmeliano. O envolvimento desses jovens na distribuição e produção do *flyer* resulta da vivência concreta com o espaço do lazer na cidade. Abaixo, diferentes *flyers* produzidos e distribuídos nas noites de Brasília.



Figura 1 – Diferentes formatos de flyers

O BOM, O MAU E O FEIO



Shows:
**STARDUST, DETONE FOLC,
 QUEBRA-QUEIXO, TRANSISTOR
 (Lançamento) e MACAKONGS 2099**

SORTEIOS
 04 máscaras da *Milano Fantasias* (345-8182)
 01 máscara do *Camarim Fantasias* (223-3257)
 01 Locação de fantasias *Fantasia.Com* (340-2452)

Sexta 25/07 - 21:00
 Beliskatessen SCLN 209 Bl. D
 R\$ 6,00 (R\$ 3 consumação)
 Informações 61 9639-7144

Realização:
**LIKKA
 PRODUÇÕES**

Patrocínio:
**WEEKEND
 TURISMO**
 274-8200 / 349-4237

ESTÚDIO KNOCKDOWN SUATURMA.com festasembrasil.com.br ZOONA Z ROCK TV
ESTÚDIO LOCHNESS CULT 22 claudiakich.hpg.com.br BETTA RECORDS

Landscape Bar (409 norte)

Domingo 06/03/05

A partir das 18:00
 R\$ 5,00

**Djs > Fernando (punk rock)
 > Chick (indie/electro)**

Hostess > LaurinhaBeque

Figura 2 – Diferentes formatos de flyers

Vem aí... Reveillon em Pirinópolis

Confraternização Roots
Festival de Reggae Rary 90

JAH LIVE & ARAWAKS
 Arreio de cangalha (torró pé-de-serra)

Informações: (61) 9293-4074 :: 9293-4066 :: (62) 331-1333

BRAZUCA



De Profundis
FESTIVAL
www.deprofundis.com.br

EXPOSIÇÃO DE FOTOGRAFIAS DE NICOLAS HARLATOPOULOS E ARTES PLÁSTICAS
 LOUNGE COM LOJAS ESPECIALIZADAS EM ROUPAS, ACESSÓRIOS, TATUAGEM E CDS
 LANÇAMENTO DO CD DE PROFUNDIS VERSÃO BRASILEIRA
 SORTEIO DE PIERCINGS, TATOS, CAMISETAS, CD'S E REVISTAS DE PROFUNDIS

Teatro Dulcina Subsolo
 CONIC setor de diversões sul
 20/12 às 14h

CONIC
 R\$10 entrada
 meia para todos
 *Thy de alimento não perecível

LANÇAMENTO
 De Profundis

PRODUÇÃO
 De Profundis

APOIOS
CULT 22
 festas em Brasília

PONTO DE VENDA
 CONIC
 www.conic.com.br
 nataly woor

BANDAS:
 15h VITRINE
 16h STONE FISH
 17h MARFUSHA
 18h ABOUT:BLANK
 19h CAPOTONES
 20h INKS COVER
 21h LOS PEREIRAS (THE SMITHS)
 22h PROJETO RENFIELD
 23h BACK LONG ARCH
 00h PROJETO POETAS CONDENADOS (RJ)
 01h VESUVIA (SP)
 02h ZIGURATE (PA)
 03h ROSA DOS VENTOS
 04h A BANDA INVISIVEL








Figura 3 – Diferentes formatos de flyers

Detalhar esteticamente essa espécie de folheto ou panfleto pode parecer um caminho fácil e, de início, esgotável. Mas tomar o *flyer* como fonte de dados, em suas várias dimensões, é um caminho rico. O *flyer* pode informar sobre os apoiadores dos eventos na cidade, as tendências das festas, a inserção de determinados artistas e produtores, tendências artísticas, imaginários sentimentais, comportamentos, apelos sexuais, como pode ser acompanhado ao longo das figuras apresentadas na seção.. Os *flyers*, acima de tudo, pode-se repetir, faz circular os mais diversos eventos de lazer e divertimento entre os grupos jovens nos espaços urbanos. Informa sobre o preço das entradas, as datas dos eventos e uma quantidade exacerbadada de dados.

Mais do que um veículo de propaganda, o *flyer* organiza o lazer de muitos jovens. Primeiro porque, enquanto meio de publicidade e divulgação, chega, em muitos casos, mais cedo nas mãos do público, já que circulam pelas mãos dos próprios produtores ou pessoas ligadas à sua cadeia de produção. Com isto, os grupos jovens se expõe a um processo, talvez, mais demorado e eficaz, de inculcação dos eventos e organizar assim, a agenda ao seu contento. Enquanto chega o momento da festa, do acontecimento, jovens se articulam, entram em contato, preparam-se para a hora e a vez de realizarem-se em sua diversão, entretenimento e gozo. Alguns cafés, bares e restaurantes mantêm um expositor de *flyers*. Nos centros culturais e universidades, também se costuma manter balcão de *flyers*. Mas a grande massa desses panfletos é espalhada nos bares, portas, portarias e balcão de casas noturnas, basicamente de terça a sexta-feira, quando esses locais pululam de jovens que, vivenciando intensamente a noite, simulam culturas jovens boêmias.

Outro dado revelado no *flyer* é a quantidade de pessoas fazendo música, produzindo entretenimento *in loco*. Já nos primeiros vinte *flyers* retirados do material coletado, foram revelados 119 artistas, entre atores, cantores, bandas, DJs, MCs moradores da cidade. Os variados estilos musicais ofertados, em sua maioria, são os consagrados pelo público jovem de classe média, verificados em vários centros urbanos mundiais: pop music, rock, punk, música eletrônica, black music, funk, soul, reggae, tecno, disco, drum and bass, rap, jazz, blues e outras vertentes.

Utilizando softwares e hardwares específicos, os *proto-DJ's*, jovens de classe média e alta do Plano Piloto, apresentam nas casas noturnas do Plano Piloto e entorno seus repertórios musicais. A música brasileira aparece em seus vários estilos com a MPB, choro, samba, forró, pagode, instrumental. É importante salientar que em quase todos esses espaços são os próprios jovens do Plano Piloto os envolvidos na produção musical, na produção da festa, dos *flyers* e outros meios de publicidade, enfim na totalidade do evento.

O bar *DBP*, num anoitecer de uma quarta-feira, transformou-se no escritório de dois jovens produtores de festa *rave*. Sobre a mesa, uma calculadora, canetas, garrafas de cerveja, cigarros. Alguns papéis espalhados faziam-se de mata-borrão para uns dos jovens que discutia, gesticulava, fazia garatujos e anotava coisas. Tomando um *flyer* nas mãos, o jovem mais falante parecia explicar a idéia de publicidade gráfica que tinha em mente. Com os braços estendidos, contemplava o *flyer* e mostrava-o ao jovem que lhe acompanhava na bebida e na conversa. Interrompendo o assunto, o jovem mais falante avistou um conhecido e gritou: “Oh, você, você mesmo!”. O jovem interpelado, de cabelos compridos, pareceu não conhecer quem o chamava. Mas um segundo chamado foi atendido. O rapaz voltou-se até a mesa de onde fora solicitado. Cumprimentaram-se e lembraram-se de onde e como se conheceram. E logo se emendou o assunto: a produção de uma *rave* para os próximos dias.

Como já conhecesse o jovem de cabelos compridos, de codinome *Jungle Boy*, soube, definitivamente, que se tratava de uma *rave*. O que se depreende é que são esses jovens brasileiros quem fazem a festa, do início ao fim, no cotidiano da cidade. Com suas concepções estéticas afinadas, pelo envolvimento e vivência cotidiana nas práticas sócio-culturais dos grupos de pares, compõem uma visão holística dos eventos, dando-lhe as necessárias especificidades. O jovem mais falante da mesa parece ter uma visão abrangente do evento que está querendo produzir. Fala de detalhes do *flyer*, da música, dos eventuais Djs, da estrutura da festa enfim. Seu tom de voz é eufórico. Em certo sentido, se a festa sair de acordo com o previsto, o produtor realiza a festa e se realiza.

Do mesmo lote inicial de vinte *flyers*, surgiram 23 espaços de lazer e diversão em diferentes locais e horários no Plano Piloto, e de diferentes conteúdos. Peças de teatro, espetáculos musicais, festas de música eletrônica, festas juninas, lançamentos de CDs, lançamento de livros, projetos culturais, festas universitárias, raves, trilha noturna de bicicleta, campeonato de moto-velocidade, espetáculo aquático noturno (figura 4). Embora, em sua maioria, os eventos divulgados convidem e busquem o público jovem, e a pesquisa persiga essa faixa etária, um *flyer* anuncia curiosamente que pessoas acima de sessenta e cinco anos pagam meia entrada para uma festa de *rock* a acontecer a partir das 23h.

Ao descobrir, no meio dos *flyers* recolhidos, eventos tão distintos quanto a trilha noturna de bicicleta e a corrida de moto-velocidade, por exemplo, pode-se perguntar porque um maior e mais diversificado número de eventos não utilizam essa forma de divulgação. Primeiro, por ser um veículo de baixo custo, depois pela acessibilidade. Sem dizer que os *flyers* vão encontrar as pessoas num ambiente onde essas estão mais descansadas, relaxadas talvez, sem pressa para a leitura. Estando em grupos, também pode acontecer certo debate em

torno do evento divulgado, o que, no mínimo, amplifica e dá importância ao objeto da divulgação. Nas figuras que se seguem podem ser visualizados outros eventos publicizados pelos *flyers* que não apenas os ligados à música, bares e boates. Contudo, é interessante perceber, que são eventos que também serão realizados à noite.

Nesse sentido a idéia de o “o lugar fazendo o elo” entre o espaço e os grupos ganha uma dimensão ainda maior, ao propiciar um convite a práticas de lazer diferenciadas. Mas em um certo imaginário muito próximas, se pensarmos na relação noite e aventura, por exemplo, que é a sugestão dos eventos apresentados nos *flyers* abaixo:

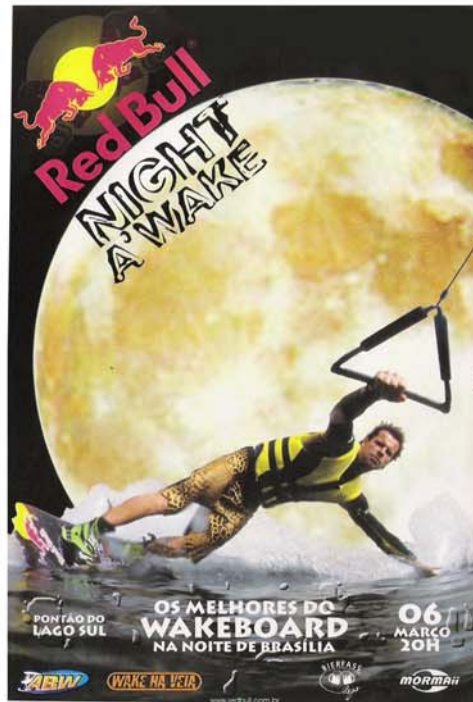
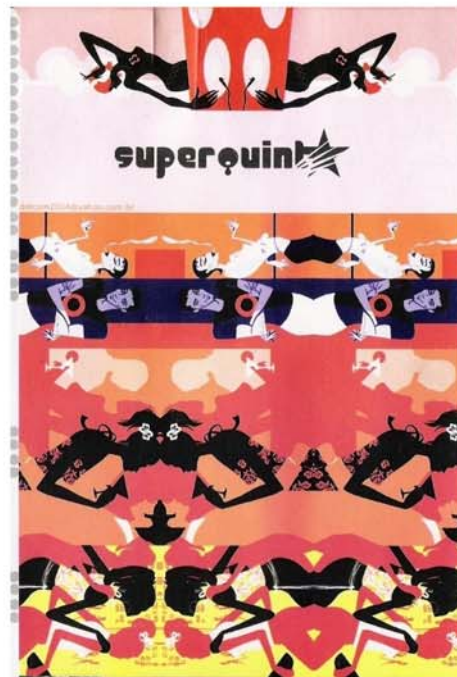


Figura 4 - Publicidades diferenciadas de lazeres de aventura

Nesse sentido, podemos pensar no *flyer* como um elemento de novas e diferenciadas formas de sociabilidade e socialização, que pode ampliar ou reduzir suas redes interacionais. O *flyer* de uma festa realizada no Gate's Pub, a *Superquinta*, por exemplo, num esmerado trabalho de arte gráfica, restringe ou indica o público. Silhuetas ambíguas sugerem casais femininos dançando em pares, bebendo, enamorados. Em outro detalhe do folheto, três jovens mulheres caminhando abraçadas, como que em direção à festa anunciada.. Traz ainda este *flyer* silhuetas e desenhos de jovens mulheres fumando, distraídas. A única possível representação masculina no *flyer* é uma figura ambígua, andrógina, usando uma camiseta com o símbolo usado por movimentos homossexuais. O modo de segurar e usar o cigarro, a maneira de segurar a taça, a taça e a bebida, as roupas e adornos, as poses, as formas dos corpos representados nesse *flyer* remetem a um público muito específico, a determinados jovens, homens e mulheres, que, no cotidiano do Plano Piloto, podem ser facilmente encontrados e relacionados com as próprias imagens deste *flyer* (Veja figura 5).



**ELETRON
ROCKERS**
SABÃO QUENTE

PISTA
ROCK

- Telma & Selma
- Gas & Cochlar
- Willy & Clark - COISA

PISTA
ELETROROCK

- Hugo Siqueira - FUNCTION
- Isn't & The Six

DRINKS liberados
até 1h p/ mulheres / hi-fi, caipirinha, vinho
R\$ 8 com flyer até 01hr 5/ flyer R\$10
Informações: 8132 1849/9292 4345/ 9933 5358
::mantenha o underground repasse essa mensagem::

Figura 5 – Festa Superquinta: figuras ambíguas

As festas, nas casas noturnas, têm um nome; daí produzem e remetem a um imaginário. O entrevistado *Let's boy* diz que “a festa tem de ter um nome”. O nome da festa traz imagens, textos, possíveis performances, encontros e desencontros, incitam a participação. O *flyer* da festa *Desacato: porque tudo tem que ter um final* traz a imagem de um homem, trajando um terno, caído sob a mira da pistola de uma mulher alta, morena, sedutoramente calçada num scarpim, vestindo um modelito vermelho decotado. Os corpos mostram ângulos, curvas, poses sedutoras, sensuais. As jovens mulheres do *flyer* vestem modelos, exibem penteados bem parecidos com os de algumas jovens frequentadoras do bar *DBP* ou do *Gate's Pub*. No verso do *flyer*, uma outra morena segura um revólver, enquanto expõe as unhas vermelhas sobre um decotado vestido negro. O texto sedutor e misterioso convida, diz:

Sexo. Intrigas. Cobiça. Camisetas. Um nome em comum. O gabinete do Sr. Laranja não é o lugar ideal para o treinamento de advogados jovens e brilhantes. Para ele impressões digitais ou objetos deixados na cena do crime valem bem menos do que gestos, olhares, ou mesmo a presença de um cão sem dono. Verdurão versus Desafeto. Serão dois nomes e um vencedor. E depois, nada será como antes.(figura 6).

Rapidamente, registra-se ainda, algumas possibilidades desses veículos de publicização e construção de imaginários individuais e coletivos de produção, distribuição e consumo de eventos de lazer. Por último apresenta-se mais uma dessas possibilidades de leitura das novas formas de sociabilidade postas em curso pela modernidade na relação entre juventude e lazer, na ilustração seguinte:

Outras informações trazidas nos *flyers*: os eventos realizados na cidade contaram com o apoio de nada menos que 67 instituições e estabelecimentos, entre bares, agências de publicidade, sites da internet, colégios, academias, agências de turismo, canais de rádio e televisão, hotéis, lojas, shoppings, estúdios musicais, estúdios de tatuagem, salões de beleza e lanchonetes do Plano Piloto. Além de secretarias de estado, ministérios e fundações. Uma das características dos apoiadores é sua relação, em grande parcela, com espaços de vivência e representação de grupos jovens.

Predominam nas festas, shows e eventos do Plano Piloto a produção e realização por jovens da cidade, de produtores a artistas, dos mais variados estilos. Por um lado, é menos oneroso, em termos de custo, utilizar DJ's, artistas e realizadores de Brasília. Estes se mostram conhecedores em termos de produção e reprodução das mais variadas tendências musicais das principais pistas de dança da era globalizada. Também tem sido comum, mesmo num show de um ou mais artistas, a utilização, no mesmo espaço de pistas, tendas e palcos paralelos para a apresentação de músicos locais, principalmente DJ's, conforme dados dos *flyers*.

Reportagem feita em bares do Plano Piloto, pelo jornal *Correio Brasiliense*, confirma os dados dos *flyers*: inúmeros são os eventos musicais realizados em bares da cidade, por jovens de Brasília onde, estes, de 17 a 30 anos, aderem ao samba e ao choro, atuando como músicos, produtores ou apenas consumidores dos gêneros musicais. A mesma reportagem vai indicar que no biênio 2004/2005 surgiram novos espaços de lazer noturno na cidade, articulando a diversão em torno da “música, das pessoas e do ambiente”. Jovens do Plano Piloto produzem, distribuem e consomem lazeres artístico-musicais, em espaços associativos, lúdicos e culturais¹.

Através dos *flyers*, podem-se acompanhar os preços dos ingressos nos espaços de lazer noturno na cidade. Os preços, para eventos cotidianos nas casas noturnas, variam entre cinco e vinte reais, comparáveis a entradas de cinema e algumas peças teatrais locais ou promocionais. Também inúmeros são os espetáculos, shows e festas com entrada grátis². Ao acessar esses panfletos, os usuários têm às mãos um leque de oportunidades, desde eventos

¹ Os espaços citados na reportagem (Bar do Calaf, Café Cancum, Clube do Choro, Feitiço Mineiro e Arena Futebol Clube,) vêm se afirmando como grandes espaços articuladores de jovens do Plano Piloto, cotidianamente. *Que rock que nada... Correio Braziliense*, 15 de outubro de 2005.

² Curiosamente, os eventos de maior porte, para grandes público como, por exemplo, o Skol Beats ou o BMF (Brasília Music Festival, festival de música eletrônica que acontece anualmente na cidade e traz grandes atrações internacionais desse estilo musical), não trazem preço de ingressos. Descobriu-se que os ingressos para esses shows tem preços mais altos, o que talvez espantaria, de início, o público.

onde se gasta o que se pode até eventos inteiramente gratuitos, em locais os mais diversos. Um *flyer* anuncia sessão *Cinema Brasileiro*, com entrada franca, sábado e domingo, no Teatro Nacional “Cláudio Santoro”. Outro publiciza um *Festival rock’n’roll*, Sábado, na Granja do Torto, com entrada grátis. Ainda mais um oferece Ópera de Brasília, com entrada franca no mesmo Teatro Nacional. Também há opções extremas como o *Axé Beats*, cento e cinquenta e duzentos reais o passaporte³ para quatro dias de diversão.

As informações a serem retiradas do *flyer* são as mais diversas. Pode-se considerá-lo da perspectiva estética e traçar comparações entre os estilos de eventos e os formatos reproduzidos nesse panfleto. Traçar características das cores relacionadas aos grupos de estilo para os quais esse se endereça. Como foi sugerido, podem-se buscar no *flyer* os patrocinadores de eventos na cidade, os nomes de produtores e realizadores mais presentes no espaço do lazer. Através dos *flyers*, recortam-se mapas de eventos na cidade. Mas, acima de tudo, o *flyer*, distribuído e observado no cotidiano dos bares, mostra que os espaços de lazer no Plano Piloto são múltiplos e convidam a uma diversidade de fruição, contemplando várias práticas lúdicas e vários grupos de estilos jovens.

³ Tipo de ingresso ou entrada para esses espetáculos mais duradouros, que amarram o público numa forma de consumo ainda mais intensificada.

Conclusões

Brasília, conforme mostrado, surgiu como uma cidade planejada para o trabalho, a moradia e o lazer. Nos últimos 45 anos de existência, dessa jovem cidade, grandes transformações foram engendradas no espaço público urbano, particularmente nos espaços de lazer. Assim, se não faz alguns anos Brasília, para muitos se associava a uma cidade do tédio, do nada para se fazer, hoje já não se pode dizer o mesmo. Parece que a transformação nos espaços de lazer da cidade foi se desenvolvendo à medida que também nascia nela uma geração genuinamente brasiliense.

A juventude hoje é uma característica não apenas desta cidade, mas também de sua população. A juventude da população contribui para a visão de um horizonte futurista, ligada à uma representação da juventude como futuro. Nos últimos anos, já com duas ou três gerações nascidas na cidade, o enraizamento de famílias, cujos aposentados e idosos permanecem aqui e não voltam para seus estados de origem, constitui também outra parte de sua população. Com isso, vai se firmando uma população local e fortalecendo uma identidade cultural brasiliense.

A pesquisa para a presente dissertação nasceu da observação de que juventude e lazer tem sido categorias que vêm se construindo, paralelamente, ao longo das últimas décadas, senão à partir do século XX. Nesse cruzamento, juventude e lazer, a cidade de Brasília torna-se emblemática, se acompanharmos o desenvolvimento de seus espaços de lazer e a fixação de uma juventude brasiliense. As bandas que construíram o que se convencionou chamar *rock de Brasília*, por exemplo, fazem parte dos desdobramentos de práticas de lazer na cidade. Tendo como leitmotiv a cidade de Brasília, com seus amplos espaços por ocupar e o nada para se fazer como divertimento e lazer, bandas como *Legião Urbana*, *Capital Inicial* ou *Plebe Rude* trouxeram, para suas canções, imaginários coletivos dessa letargia brasiliense, atribuída à cidade.

No campo empírico o interesse por estudar culturas jovens em Brasília deu-se pela observação de uma vivência frenética de grupos jovens nos espaços de lazer noturno, particularmente, em bares das quadras 403S e 408N. Nestes bares viu-se, cotidianamente, jovens homens e mulheres, reunidos em torno de mesas, bebendo, conversando, enfim, divertindo, envoltos em novas formas de sociabilidades.

Ao explorar a literatura sobre juventudes percebeu-se que esta categoria, principalmente, a partir dos anos 1950, se afirmou numa interseção íntima com a indústria do lazer e entretenimento. No decurso dessa relação entre jovens e lazer, a juventude foi se

fragmentando em várias formas de viver e representar a condição jovem. A partir dessa cisão em múltiplas formas de ser jovem, foram sendo criados e desenvolvidos inúmeros estilos de vida jovens, peculiarmente, adstritos à moda, ao cinema, à música. Ser jovem implicaria em assumir valores e atitudes ligados a alguma tribo urbana: beatnik, hippie, yuppie, punk, nerd, enfim, os múltiplos estilos que se afirmam entre grupos jovens, e que vêm ao longo das últimas décadas sendo apropriados e reapropriados, desconstruídos e reconstruídos pelas novas gerações que chegam aos processos sociais.

Os espaços de lazer noturno no Plano Piloto são uma vitrine dos estilos de vida jovens, no caso, aqui vivenciados e representados por jovens de classe média alta, filhos *bem nascidos* de famílias com renda média de R\$ 5.538,00 (cinco mil, quinhentos e trinta e oito reais), conforme dados colhidos no questionário sócio-econômico. Os dados também informam que vivem dessa renda 3,8 habitantes por moradia. Com esse perfil sócio-econômico estes jovens podem acessar determinados bens materiais e simbólicos que lhes propiciam compartilhar certas estimas⁴, equipamentos de distinção e conformação de um estilo de vida. Contudo, parece desfilar, nessas vitrines, estilos híbridos, que não configuram, no presente, nenhum novo registro. Os estilos de gerações jovens, devidamente, apropriados e reconfigurados, repassam caracteres, traços que sublinham o consumo, revivendo “museus retrospectivos”, nos dizeres de Antonio Arantes (1981).

Dir-se-ia que os jovens estariam representando e vivenciando textos e indumentárias escritos por gerações anteriores. Assim vivenciando e representado estilos híbridos, de outras gerações jovens, grupos juvenis de classe média podem frequentar os variados espaços sociais sem se enviesarem por guetos, sem se desviarem, *strictu sensu*, dos valores centrais das sociedades atuais, onde o consumo, o pertencer a grupos sociais arrasta as mentalidades dos indivíduos para correntes heterogêneas de vivências e representações, atualmente, em grande parte, em torno de bares e bebidas.

É correto pensar que, a pesquisa recaindo sobre outras modalidades de lazer, que não o noturno, encontraria outras práticas de lazer vivenciadas por outros grupos jovens. A diversidade é fator importante para o desenvolvimento de práticas de lazer. Ou seja, uma homogeneidade sócio-cultural entre os jovens, talvez engessasse o surgimento e a proliferação de práticas de lazer múltiplas. Ademais, o modelo de ocupação dos espaços urbanos de Brasília carrega, para a cidade, uma diversidade cultural, que aos poucos explora e engendra os espaços de lazer da cidade. Uma das afirmações recorrentes é a de que a cidade de

⁴ Conforme Norbert Elias em *O processo civilizador*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar. 1994. pp.23-50.

Brasília não tem praia, daí a necessidade de criação de outros espaços públicos de lazer para seus habitantes. Em outra cidade brasileira, como Belo Horizonte, por exemplo, prolifera esse discurso. É certo então, que as cidades criem outras alternativas. Em Brasília parece ser o bar quem ocupa o lugar da praia como espaço público de lazer e de encontro. Espaço de encontro dos indivíduos no tempo livre para uma inversão da ordem social por formas de sociabilidades mais prazerosas, leves e divertidas.

Os jovens universitários freqüentadores dos bares pesquisados, em sua grande maioria, têm como práticas de lazer aquelas ligadas aos conteúdos culturais intelectuais, lúdico-musicais, associativas-sociais inerentes a essas práticas. Essa divisão segue a classificação de Jofree Dumazedier e favorece o trabalho empírico do sociólogo. Deve-se levar em conta, entretanto, que no cotidiano esses conteúdos transitam-se emolientes no interior das formas de lazer. Os espaços de lazer não só incorporam visões de mundos e estilos de vida jovens díspares como está, permanentemente, produzindo e reproduzindo processos de diferenciação.

Analisando as falas e representações dos entrevistados, surgiram determinados aspectos de uma sociologia das práticas do lazer, onde os jovens falam do lugar do bar como espaço de encontro, amizades, namoros, rotinas cotidianas que criam laços sociais com o espaço. À medida que proliferam os lazers no Plano Piloto, também seus jovens moradores vão firmando suas presenças no espaço público. Importa sua relação com estes espaços, pois aí fala-se e ouve-se suas vozes, amplificadas pelo frenesi do ambiente dos bares, neste caso. E essas vozes jovens dizem “sobre amor exagerado, emoção, paixão, tesão, ação, espiritualidade, desejo de construir uma vida digna, uma família, encontrar a pessoas, crescer profissionalmente e ter paz enquanto evoluímos” (*Nathy Night*, entrevistada).

Passados alguns anos de carências efetivas de lazer nos inícios da cidade, os bares tem comparecido como lugar central entre as práticas dos jovens universitários pesquisados. Assim a fala de outro entrevistado parece afirmar a complementaridade espaço e grupo ao afirmar que: “acredito que os jovens precisam conversar entre si, interagir. E acho que em bares isso é bem propício” (*Dududu*). Assim, os bares surgem como espaços propícios à conversação e interação entre grupos jovens, reafirmando, então, a relação entre juventude e lazer como categorias que vêm se construindo e reconstruindo, paralelamente, ao longo da modernidade.

Bibliografia

- ABRAMO, Helena W. (1994). *Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Scritta.
- _____. (2005). *Retratos da juventude brasileira*. São Paulo: Perseu Abramo.
- ADORNO, Theodor. (2004). *Indústria cultural e sociedade*. São Paulo: Paz e Terra.
- ALMEIDA, Maria I. M.; TRACY, Kátia M. A. (2003). *Noites nômades: espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas*. Rio de Janeiro: Rocco.
- ALVIM, Rosilene. (2005). Pequenas mãos calejadas. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, ano 1, n.º 4, out.
- ARANTES, Antonio A. (1981). *O que é cultura popular*. Rio de Janeiro: Brasiliense.
- BAKHTIN, Mikhail. (2002). *A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Annablume/Hucitec.
- BAUMAN, Zygmunt. (2001). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. (2004). *A construção social da realidade*. Rio de Janeiro: Vozes.
- BIVAR, Antonio. *O que é punk*. (2001). São Paulo: Brasiliense.
- BOURDIEU, Pierre. (1983). A juventude é só uma palavra. In: *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero.
- BRANDÃO, Antonio Carlos. (2002). *Movimentos culturais de juventude*. São Paulo: Polêmica.
- CAMARGO, Luís O. L. (1986). *O que é lazer*. São Paulo: Brasiliense.
- _____. (2003). A pesquisa em lazer na década de 70. In: WERNECK, Christianne Luce Gomes; ISAYAMA, Hélder Ferreira (org.). *O lazer em debate*. Belo Horizonte: UFMG/DEF/CELAR.
- CARDOSO, Ruth; SAMPAIO, Helena. (1995). *Bibliografia sobre a juventude*. São Paulo: Edusp.
- CARMO, Paulo S. *Culturas da rebeldia: a juventude em questão*. São Paulo: Ed. Senac. 2001.
- CANCLINI, Néstor G. (2005). *Consumidores e cidadãos*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ.
- COSTA, Lúcio. (1995). Memória descritiva do Plano, 1957. In: *Lúcio Costa: registro de uma vivência*. São Paulo: Empresa das Artes/Ed.UnB.
- COULON, Alain. (1995). *A Escola de Chicago*. Campinas: Papirus.
- DAYRELL, Juarez. (1999). Juventude, grupos de estilo e identidade. In: *Educação em revista*. Belo Horizonte, dez., 1999, nº 30.
- DEBORD, Guy. (2000) . *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- DELUMEAU, Jean. (1984). “A criança e a instrução”, in *A civilização do Renascimento*. V. 2. Lisboa: Imprensa Universitária, Estampa.

- DINIZ, Júlio C. V. (1999). Pesquisa e reflexão sobre música popular no Brasil. In: *Música popular en America Latina*. Actas del II Congreso Latinoamericano. Chile: Fondart.
- DUMAZEDIER, Joffre.(1976). *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva.
- _____. (1978). *Sociologia empírica do lazer*. São Paulo: Perspectiva.
- _____. (1994). *A revolução cultural do tempo livre*. São Paulo: Stúdio Nobel.
- EISENSTADT, S. N. (1976). *De geração a geração*. São Paulo: Perspectiva.
- ELIAS, Norbert. (1994). *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar. 1994.
- FERNANDES, Florestan. (1978). *A condição de sociólogo*. São Paulo: Hucitec.
- FORACCHI, Marialice N. (1972). *A juventude na sociedade moderna*. São Paulo: Pioneira.
- _____. (1982). *A participação social dos excluídos*. São Paulo: Hucitec.
- FREUD, Sigmund. (1981). *Obras completas*. Madrid. Editora Biblioteca Nueva.
- GÄELZER, Lenea. (1979). Lazer: benção ou maldição? In: *A participação social dos excluídos*. Porto Alegre: Sulina.
- GIDDENS, Antony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Unesp.1991.
- GÓRKI, Máximo. *A mãe*. Lisboa: Europa-américa.1994.
- GOTTLIEB, David; REEVES, J. (1968). A questão das subculturas juvenis. In: *Sociologia da juventude*. V. 2. Rio de Janeiro: Zahar.
- GROPPO, Luís A. *Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas*. São Paulo: Difel. 2000.
- GUATTARI, Félix. *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*. São Paulo: Brasiliense,1981.
- _____.; ROLNIK, Suely. *Micropolítica. Cartografias do desejo*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- GIDDENS, Antony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Unesp.1991.
- HALL, Stuart. (2005). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.
- HUIZINGA, Johan.(1971). *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva.
- HUXLEY, Aldous. (2002). *As portas da percepção*. Rio de Janeiro: Globo.
- LAFARGUE, Paul. (1980). *O direito à preguiça*. São Paulo: Kairós.
- LASCH, Christopher. (1983). *A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio*. Rio de Janeiro: Imago.
- LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos*. São Paulo: Ed.34. 1999.

- LEITE, Celso B. (1995). *O século do lazer*. São Paulo: LTR.
- MACIEL, Maria L. (1997). Cultura e inovação em Brasília. In: NUNES, Brasilmar F. (org.). *Brasília: a construção do cotidiano* Brasília: Paralelo Quinze.
- MADEIRA, Maria A. (1999). Música, estilo e cultura urbana: juventude brasiliense dos anos 90. In: *Musica popular en America Latina: Atas del II Congresso latinoamericano. IASPAM – Internacional Association for the study of popular music*. Fondart – Fondo de las artes y la cultura de educación del Chile.
- MAFFESOLI, Michel. (2004). *Notas sobre a pós-modernidade: o lugar faz o elo*. Rio de Janeiro: Atlântica.
- _____. (1997). *A transfiguração do político: a tribalização do mundo*. Porto Alegre: Sulina.
- _____. (2000). *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense universitária
- MAGNANI, José G.C. (1998). *A festa no pedaço*. São Paulo: Hucitec.
- MANHEIM, Karl. (1968). O problema da juventude na sociedade moderna. In: *Sociologia de Juventude*. V. 3. Rio de Janeiro: Zahar.
- _____. (1967). *Diagnóstico de nosso tempo*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- _____. (s/d). *Sociologia do conhecimento*. V.2. Porto: Rés.
- MARGULIS, Mário. (2001). Juventud: una aproximación conceptual. In: Burak, S. . (org.). *Adolescencia y juventude em America Latina*. Costa Rica: LUR.
- MARX, Karl. (1996). *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Hucitec.
- MATZA, David. (1968). As tradições ocultas da juventude. In: *Sociologia da Juventude*. (org.) Sulamita de Brito. V.2. Rio de Janeiro: Zahar.
- MERTON, Robert. (1968). *Sociologia: teoria e estrutura*. São Paulo: Mestre Jou.
- MONTAIGNE, Michel E. (1987). *Ensaio*. V. 2. Brasília: Ed. UnB/Hucitec.
- MOSCOVICI, Serge. (1978). *A representação social da psicologia*. Rio de Janeiro: Zahar.
- _____. (2004). *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes.
- NUNES, Brasilmar F. (1997). Fragmentos para um discurso sociológico sobre Brasília. In: NUNES, Brasilmar F. (org.). *Brasília: a construção do cotidiano* Brasília: Paralelo Quinze.
- OLIVEIRA, Fátima; WERBA, Graziela. (1998). Representações sociais. In: STREY, Marlene et al. *Psicologia social contemporânea: livro-texto*. Petrópolis: Vozes.
- PASSERINI, Luisa. (1996). A juventude, metáfora da mudança social. dois debates sobre os jovens: a Itália fascista e os Estados Unidos da década de 1950.
- PELUSO, Maria L. (2003). Brasília: do mito ao plano, da cidade sonhada à cidade administrativa. In: *Revista Espaço e geografia*. V. 6. nº 2. Julho e Dezembro. Brasília: Departamento de geografia da UnB.

- PERALVA, Angelina. (1997). O jovem como modelo cultural. In: *Revista brasileira de educação*, n.º 5/6.
- PERROT, Michelle. (1997). *História da vida privada: da revolução francesa à primeira guerra*. São Paulo: Companhia das letras.
- REZENE, Cláudia B. (1989). Identidade: o que ser jovem? *Revista Tempo e Presença*, n. 240, CEDI.
- ROMERO, Marta A. B. (2003). As características do lugar e o planejamento de Brasília. In: *Revista Espaço e Geografia*. V. 6. n.º 2, jul-dez.. Brasília: Departamento de Geografia da Universidade de Brasília. Brasília-DF.
- ROUSSEAU, Jean J. (1996). *Julie ou La nouvelle Heloise*. Paris: Folio France.
- SCHIMIDT, Jean-Claude (orgs.). *História dos jovens: a época contemporânea*. V. 2. São Paulo: Companhia das Letras.
- SILVA, Elisabeth Murilho da. (2003). *A violência diletante: um estudo sobre as brigas juvenis no contexto do lazer*. Tese de doutorado em Ciências Sociais. PUC/SP.
- SILVA, Ernesto. (1999). *História de Brasília*. Brasília: Linha Gráfica.
- SILVA, Inaé Magno da. (2003). *Brasília, a cidade do silêncio*. Tese de Doutorado em Sociologia. Departamento de Sociologia. Instituto de Ciências Sociais. Universidade de Brasília. Brasília-DF.
- SIMMEL, Georg. (1983). Sociologia. In: MORAES FILHO, Evaristo (org.). *Sociologia*. São Paulo: Ática.
- _____. (1967). A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar.
- STREY, Marlene N. (2003). *Psicologia social contemporânea*. Petrópolis: Vozes.
- TOURAINÉ, Alain. (1997). *Crítica da modernidade*. Petrópolis: Vozes.
- VELHO, Gilberto. (1971). *A utopia urbana: um estudo de antropologia social*. Rio de Janeiro: Zahar.
- _____. (1986). *Subjetividade e sociedade: uma experiência de geração*. Rio de Janeiro: Zahar.
- VIANNA, Hermano. (1988). *O mundo funk carioca*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____. (2003). *Galeras cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ.
- WAISELFISZ, Jacobo. (1998). *Mapa da violência contra os jovens no Brasil*. Rio de Janeiro: Garamond.
- WEBER, Max. (2004). *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Martin Claret.
- WELLER, Wivian. A contribuição de Karl Manheinn para a pesquisa qualitativa: uma aproximação entre história oral e o método documentário de interpretação. In: VII Encontro Nacional de História Oral: História e Tradição Oral, 2004, Goiânia. *Anais do VII Encontro Nacional de História Oral: História e Tradição Oral*, 2004.
- ZALUAR, Alba. (2003). Gangues, galeras e quadrilhas: globalização, juventude e violência. In: VIANA, Hermano (org.). *Galeras cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ.

Anexos

Anexo I

Codiname	Sexo	Idade	perfil
<i>Linda Issa</i>	Feminino	22 anos	Estudante da área de Comunicação Social na UnB, moradora do Plano Piloto
<i>Cravo e Canela</i>	Feminino	19 anos	Estudante de Ciências Sociais na UnB, renda média familiar de R\$ 9.000,00.
<i>Nathy Night</i>	Feminino	23 anos	Estudante de Humanas nas UnB, moradora da Superquadra 412 Norte, no Plano Piloto
<i>Naná dos Cristais</i>	Feminino	22 anos	moradora do Lago Sul, em casa dos pais, renda média familiar de onze mil reais (R\$ 11.000,00), estudante da Faculdade IESB,
<i>Dududu</i>	Masculino	26 anos	Estudante, professor e músico, filho único, mora com a mãe, renda média familiar de 6.000,00; morador do Plano Piloto
<i>Maria Maria</i>	Feminino	21 anos	Estudante do curso de História na UnB, moradora do Lago Sul
<i>Manda C</i>	Feminino	20 anos	estudante de comunicação na UnB, produtora de eventos, moradora do Plano Piloto
<i>Let's boy</i>	Masculino	23 anos	Estudante de Humanas na UnB, filho de família com renda média de R\$ 20.000,00 mensais
<i>Nathy Dread</i>	Feminino	22 anos	Estudante de Psicologia na UnB, filha de médicos, moradora do Lago Sul
<i>T.Pat</i>	Feminino	24 anos	Bióloga, mora sozinha com renda média de 3.500,00

Codiname	Sexo	Idade	perfil
<i>Felipera</i>	masculino	21 anos	morador do Lago Sul, estudante do Ceub.
<i>Lua Grande</i>	Feminino	25 anos	Estudante de Artes Cênicas, atriz e professora, moradora do Plano Piloto, renda familiar RS 8.000,00, mensais
<i>Drica Boresta</i>	feminino	19 anos	Estudante de Ciências Sociais na UnB, moradora do Lago Sul, com renda média familiar de 9.000,00
<i>Aloprado</i>	masculino	23 anos	Músico e estudante de Administração no Iesb, renda média familiar de R\$10.000,00 mensais, morador do Plano Piloto
<i>Wladock</i>	masculino	29 anos	Artista plástico, morador do Plano Piloto, Asa Norte
<i>Jovem Ceub</i>	masculino	19 anos	Estudante do CeuB, morador do Plano Piloto

Anexo II

Questionário: Dados demográficos

1. Sexo:

<input type="checkbox"/>	Masculino
<input type="checkbox"/>	Feminino

2. Qual sua idade?

3. Qual seu nível de escolaridade?

(Leia as opções)

- 1. Sem instrução
- 2. Até 4ª série
- 3. Da 5ª a 8ª série
- 4. Segundo grau incompleto
- 5. Segundo grau completo
- 6. Superior incompleto
- 7. Superior completo
- 8. Não sabe

Qual curso:

Qual faculdade/universidade:

4. Qual seu estado civil:

(leia as opções)

- 1. Solteiro
- 2. Casado ou vive junto
- 3. Separado/desquitado
- 4. Divorciado
- 5. Viúvo
- 6. Não sabe

Filhos? _____

5. Qual é a sua situação de trabalho em sua ocupação principal

- 1. empregado
- 2. conta própria
- 3. empregador
- 4. funcionário público
- 5. pensionista
- 6. desempregado
- 7. estudante

8. não remunerado ou do lar

9. não sabe

6. Na sociedade, alguns se consideram de classe média, outros se consideram pobres e outros, ricos. Qual das seguintes alternativas melhor descreve sua posição na sociedade?

- 1. Uma pessoa pobre
- 2. Classe média baixa
- 3. Classe média média
- 4. Classe média alta
- 5. Rica
- 6. Não sabe

7. Qual sua renda mensal?

(anote zero se não tem renda)

R\$ _____ ou _____ SM
(salários mínimos)

8. Qual a renda mensal de sua família?

R\$ _____ ou _____ SM
(salários mínimos)

9. Quantas pessoas vivem dessa renda familiar

<input type="text"/>	<input type="text"/>
----------------------	----------------------

Naturalidade: _____

Local/bairro onde mora: _____

Condição de moradia:

própria alugada cedida república com a família outra.

Qual? _____

Meio de transporte principal

coletivo carro próprio carro da família bicicleta motocicleta outro.

Qual? _____

O que é lazer para você ?(uma primeira palavra)

O que você faz como lazer?

Brasília oferece lazer?

O lazer é importante? Porque?

Roteiro para entrevista semi-estruturada

Primeiro momento

- 1) O que você faz no seu dia-a-dia, na semana?
- 2) E no seu tempo livre o que faz?
- 3) O que é lazer para você?
- 4) O que é preciso para se ter lazer?
- 5) Onde costuma ir à noite no seu tempo livre?
- 6) Quanto tempo você dispõe de lazer no seu cotidiano?
- 7) Quem tem mais lazer, o jovem ou outras faixas etárias?
- 8) Quanto você gasta com lazer e quais os produtos para se usufruir melhor do lazer?
- 9) Qual a importância do lazer na vida das pessoas? E na sua vida?

Segundo momento

- 1) Para você, como é ser jovem **hoje**?
- 2) Quais as boas coisas em ser jovem?
- 3) Quando você vai com seus amigo(a)s, em bares, particularmente nos bares elencados, como se interagem, o que conversam, se divertem, discutem assuntos pessoais, interpessoais?
- 4) Como é sua relação com bebidas e/ou drogas?
- 5) Quanto você gasta, aproximadamente, com bares, bebidas, cigarros, drogas (se usar), enfim com diversão, e particularmente, diversão noturna por mês?
- 6) Como você se relaciona com música, moda, acessórios, piercings, tatuagens, você investe nestes produtos?

